UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

Uma Investigação sobre a obra *15 de Março de 1928* do autor

Takiji Kobayashi

(Versão Corrigida)

Marcio Luiz Hayashi Nunes

São Paulo, SP

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

MARCIO LUIZ HAYASHI NUNES

Uma Investigação sobre a obra *15 de Março de 1928* do autor

Takiji Kobayashi

(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora:

Prof^ª Dr^a Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

São Paulo, SP

2019

Em memória ao Prof. Mori
Prof. Dr. Koichi Mori
(-2019)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

H413i Hayashi Nunes, Marcio Luiz
Uma Investigação sobre a obra 15 de Março de 1928
do autor Takiji Kobayashi (Versão Corrigida) /
Marcio Luiz Hayashi Nunes ; orientadora Shirlei Lica
Ichisato Hashimoto. - São Paulo, 2019.
116 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. CH794.3.4 - LITERATURA JAPONESA. 2.
CH791.13.1.3 DIALOGISMO. 3. CH783.6.4.5 - CULTURA
ORIENTAL. 4. CH791.5.3 TRADUÇÃO. I. Hashimoto,
Shirlei Lica Ichisato, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Márcio Luiz Hayashi Nunes

Data da defesa: 28/02 /2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/04/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Agradecimentos

À Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto, pela confiança, orientação e paciência.

À Profa. Dra. Mona M. Hawi, ao Prof. Dr. Mário Ramos Francisco Júnior e ao Prof. Dr Ernani Shoiti Oda pelas preciosas colaborações.

Aos colegas da pós-graduação, em especial Bruno & Olívia, Helô, Jorge, Luizão, Tchagão, pelo apoio e sugestões.

À Kátia, esposa querida, que fez acontecer, enquanto eu lia e escrevia.

À Setue, *kaachan*, esta simples palavra, carregada de dialogismo, é suficiente para explicar até aqui.

RESUMO

Uma Investigação sobre a obra 15 de Março de 1928 do autor Takiji Kobayashi, tem como objetivo apresentar a obra em tradução direta do japonês, exemplificar os recursos de dialogismo e polifonia que se fazem presentes, contextualizá-la historicamente como objeto de censura e as repercussões desta obra no Japão atual.

Palavras-chave: Literatura Japonesa; Literatura proletária; Literatura de Cárcere; Teoria Literária; Dialogismo; Polifonia

ABSTRACT

An investigation about the novel *March 15th, 1928* by Takiji Kobayashi, aims to present the work in direct translation from Japanese, exemplify the features of dialogism and polyphony that are present, historically contextualizing it as object of censorship and the repercussions of this work in present-day of Japan.

Keywords: Japanese Literature; Proletarian Literature; Prison Literature; Literary Theory; Dialogism; Polyphony

Sumário

1.	Introdução	9
2.	Visões sobre a história do Japão que ajudam a entender a obra de Kobayashi	10
3.	Lei de segredos oficiais e Takiji.....	17
4.	O autor.....	18
5.	A obra.....	20
6.	Dialogismo e polifonia: conceitos fundamentais para o entendimento da obra.....	23
6.1.	A censura sob o prisma do monologo do poder.....	36
7.	As críticas literárias da época.....	44
8.	Conclusão.....	51
9.	Referências bibliográficas.....	53
	ANEXO	58

1. Introdução

Uma Investigação sobre a obra 15 de Março de 1928 do autor Takiji Kobayashi apresenta a obra, o autor, o contexto histórico do período em que esta obra foi publicada e discorre sobre as repercussões atuais que esta obra vem suscitando na sociedade contemporânea. Apresenta, também, a tradução inédita para a língua portuguesa da edição sem cortes de *15 de março de 1928* 『一九二八年三月十五日』 (Sen kyūhyaku nijū hachi nen san gatsu jūgonichi), considerada uma das obras fundamentais da literatura japonesa proletária. Iniciamos o trabalho a partir da contextualização histórica do período de grandes transformações ocorridas no Japão, principalmente, no âmbito social. O país recém-ocidentalizado desejava crescer no aspecto econômico, político e, conseqüentemente, militar. Para isso, direcionava suas forças para estes setores e deixava, em segundo plano, as questões sociais. As primeiras décadas do século XX, foram de ostensiva repressão e violência para com aqueles que questionavam o poder e as diretrizes que o governo central adotava em sua política externa em detrimento às questões dos trabalhadores japoneses e dos menos favorecidos. A obra *15 de março de 1928* de Takiji Kobayashi dá voz e retrata a vida desses homens emudecidos pelo sistema.

O romance expõe o cotidiano de um grupo de sindicalistas até 15 de março de 1928, data que dá título à obra por ter ocorrido uma prisão maciça de questionadores do *status quo*. As prisões não ocorreram como era de se esperar de uma sociedade democrática, mas de condução autoritária. Lembremos que o Japão era recém-ocidentalizado e uma de suas premissas era a de promover a democracia e estabelecer uma posição comercial igualitária com os parceiros ocidentais. Nesta contradição de ideias e valores, os diálogos do romance buscam mostrar ao leitor a arbitrariedade que perpassa as cenas de prisão, tortura, ausência de inquérito e desconsideração à real situação da sociedade. Sem expressar em palavras, Takiji, revela ao leitor que o inimigo da sociedade não era o policial que o prendia, torturava, mas que o algoz era a estrutura e o sistema que estão por detrás dele. Para ilustrar como Takiji utiliza de recursos literários - do dialogismo e da polifonia - selecionamos trechos representativos que consideramos importantes para concatenar o período histórico e o da narrativa que revela a existência de uma forte censura e a existência de uma lista de termos censurados pelo Estado. Por fim buscou-se expor as críticas à respeito das questões sócio-culturais e ideológicas e que voltaram a ser revisitadas em decorrência do boom sobre a cultura proletária que ocorreu em 2008 no Japão.

2. Visões sobre a história do Japão que ajudam a entender a obra de Kobayashi

O momento histórico pelo qual passava o Japão, após a Restauração Meiji (1868 – 1877) e a promulgação de uma nova Constituição (1889), foi um período de intensa transformação. Uma parte da população concentrada na área rural¹ passou a migrar para os centros urbanos em busca de empregos, no comércio e nas indústrias². Em censo de 1920, 70% da população dependia das terras para agricultura em tempo integral. Por outro lado, a parcela que não conseguia se manter da agricultura em decorrência da perda de suas terras, por questão de dívidas, passa a migrar para os centros urbanos. Internamente, disseminava-se a ideologia de que a sociedade japonesa era um só, contudo, a realidade mostra a concentração de terras do latifundiário e a especulação de capitais, da qual a parcela menos favorecida da população participa passivamente. Surgiram ideias questionadoras como as de Karl Marx (1818 – 1883). A sociedade passou a desejar por soberania popular, e participação política, por meio de movimentos proletários e de agricultores. Surgiu o movimento de proteção constitucional que implementou o gabinete bipartidário e o sufrágio universal masculino. De forma sucinta, esta sucessão de lutas por democracia posteriormente foi nomeada de Democracia Taishō. Havia uma crise econômica interna e uma ideologia que reforçava a união da sociedade em torno da prática de devoção ao Imperador Taishō (1912-1926). Este período é marcado por expansão territorial e crise política interna na qual houve sucessivas nomeações de primeiros-ministros da Oligarquia Meiji. O fim da Primeira Guerra Mundial, da qual o Japão saiu vitorioso, inicialmente foi bom para exportação de produtos japoneses para o mercado europeu, mas, com a restauração das indústrias europeias, o Japão entra em sucessivas crises econômicas em decorrência da queda da balança comercial e a acirrada competição internacional. Neste cenário, o ritmo agressivo de desenvolvimento

¹ Conforme DUUS, P. **The Cambridge History of Japan Vol. 6 - pdf**. New York: Cambridge Press, 2008. p.561, “Em 1920, ano do primeiro censo moderno do Japão, 70% das famílias da área rural eram classificadas como dependentes em tempo integral de suas terras. A agricultura representava 90% ou mais de suas rendas. Em 1972, apenas 14% das famílias da área rural eram classificadas como dependentes em tempo integral de suas terras, 86% eram em tempo parcial...”

² Muitos agricultores penhoraram ou hipotecaram suas terras aos vizinhos ricos e se tornaram sem terra, quando seus títulos venciam. Durante a restauração Meiji, as terras aráveis estavam concentradas nas mãos de 27% e, em 1908, subiram para 45%. Como parte da política de Meiji, foram estabelecidos novos impostos, instituição de um sistema de educação básica obrigatória e alistamento militar; e essas mudanças precisaram de um tempo para serem assimiladas pela população rural. A partir de 1873, todos os homens jovens se tornaram elegíveis para três anos de serviço militar e mais quatro de reserva. Educação escolar e alistamento militar proveram novas habilidades e atitudes aos agricultores. Por outro lado, proveram-lhes um novo sentido de Nação, incutindo o patriotismo e mostrando-lhes que são parte de algo maior que as vilas em que moravam. (ibidem)

industrial japonês exigia dos trabalhadores longos períodos de trabalho, com sobrecarga excessiva de tarefas em péssimas condições. Toda e qualquer manifestação de insatisfação quanto às condições de trabalho e de remuneração eram reprimidos com violência. Uma parte da população japonesa aceitava essas condições impostas pelos empresários como sendo normal, porque via neles a extensão do Estado, legitimado pelo Imperador de cumprirem a missão de construir um país forte. Esta vontade pode ser interpretada como o ideal de *yamato damashii*³, que pode ser traduzido como a associação entre o ideal de espírito japonês e a atitude correta, no qual a sociedade respeita e cultua uma legítima devoção ao Imperador.

O código de conduta dos samurais e seu modo de vida, conhecido como *bushidô*⁴ (caminho do guerreiro), e o ideal de *yamato damashii*, contém implícito, a “alusão à bravura, à integridade e ao ideal de fidelidade e austeridade dos samurais de outrora⁵”. Lemas disseminados na sociedade que exerceram forte influência na formação do indivíduo que, na prática, resulta em utilização consciente de recursos, moderação de gastos financeiros e de consumo de alimentos, bem como a lealdade e o respeito para com o Imperador. Estes conceitos legitimavam as diretrizes da “essência nacional”, denominado *kokutai*.

O *kokutai* do período Taishō perpassa pela ideia de “teoria dos órgãos”⁶ de autoria de Minobe Tatsukichi (1873-1948)⁷, para o qual o Imperador era apenas um “órgão” ou

³ Conforme HASHIMOTO, S. L. I. **Tese de Doutorado As representações dos japoneses nos textos modernistas brasileiros**: Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Juó Bananêre - Versão Corrigida. São Paulo: s.n., 2012. P.25 “O conceito de *yamato damashii* (espírito japonês) possui várias acepções no decorrer da História. (...) No século XVIII, Motoori Norinaga (1730-1801), lidera o movimento *kokugaku* (estudos clássicos japoneses) no afã utópico de encontrar os valores, a pureza e a ordem natural das coisas, que supunha ter existido na era em que os *kami* (divindades) originais viviam no arquipélago nipônico. Busca, portanto, resgatar e reinterpretar o significado do *yamato damashii* descrevendo-o como um “espírito de imbatibilidade”, sentimento de coragem, morte heróica, sentimento que torna o homem maior do que uma rocha ou uma árvore e, portanto, um ser superior. No entanto, Hirata Atsutane (1776-1843), discípulo de Norinaga, em sua obra *Kodô Tai'i* (1809), distorce a acepção de seu mestre e diz: “O povo deste país preza, por natureza, a bravura e a retidão. E a isto chamamos de *yamato gokoro* (alma japonesa) ou *mikuni damashii* (espírito do país)”. Essa concepção serviu de fundamento teórico para lemas como “Respeito ao Imperador e expulsão aos bárbaros” (*son' nó jôji*) que culminou no movimento de derrubada do governo militar (meados do século XIX) e, no período pré-guerra, tornou-se um conceito ideológico para sustentar a política nacional (*kokutai*). No período entre guerras passou a ter a conotação de “espírito imperialista nipônico” In: HIRATA, Yoshinobu. “O destino do “espírito japonês”. Tradução de Luiza Nana Yoshida. Revista de Estudos Japoneses. n.18. São Paulo: CEJ-USP, 1998:23-35; e DEZEM, Rogério. *Matizes do amarelo — a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. 2005:121-123.”

⁴ Idem. “Modo de vida que preza a retidão, justiça, coragem, benevolência polidez, sinceridade, lealdade, autodomínio, modos refinados, humildade, espírito marcial e, acima de tudo, a honrosa escolha de morrer com dignidade.” (Hashimoto, 2012, p25)

⁵ Idem5

⁶ Tenno kikan setsu 天皇機関説.

mecanismo (DUUS, 2008, p. 675-6) sendo o Estado uma pessoa coletiva na qual a soberania é investida (Japan Knowledge, 1999)⁸. Ao passo que para Uesugi Shinkichi (1878-1929)⁹ a soberania estava no Imperador. Para liberais democráticos como Yoshino Sakuzo (1878-1933)¹⁰, a questão não era onde estava a soberania, mas como ela deveria ser exercida. (DUUS, 2008, p. 675-6). Nesse sentido, ele utilizou o termo *minposhugi* (“democracia” do período Taishō) de Uesugi Shinkichi, para mostrar que o “princípio de centralidade nas pessoas”, não representava nenhuma ameaça para a instituição imperial ou o *kokutai*. Pretendia mostrar que a democracia não era uma forma de “pensamento perigoso” e que era possível o Japão participar da tendência mundial sem sacrificar sua essência nacional (*kokutai*) como o *minshushugi*, “soberania popular”. Este sim, “uma ideia que poderia levar à sedição nas mãos de um radical como Kōtoku Shūsui¹¹” (DUUS, 2008, p. 677), assunto que trataremos adiante.

Os novos protagonistas do período Meiji priorizaram, dentre outros, o rápido processo de ocidentalização que mudaria os hábitos de sua sociedade. O Japão adotou códigos jurídicos, com base nos códigos da Inglaterra e da Alemanha, para estabelecer a sua soberania nacional perante as nações estrangeiras e evitar que o país se tornasse uma mera colônia a ser explorada, a exemplo do que ocorria com os países do oriente como a China e a Coreia. Industrializou-se e investiu nas forças armadas e, para se igualar às grandes potências com as quais mantinha relação, subjugava os países vizinhos de modo a torná-los suas colônias. O avanço industrial japonês demandou por matéria-prima e o levou a buscá-la na península Coreana e na China.

Em contraste, a Revolução Russa, de 1917, derrubou o governo absolutista do Imperador, Czar¹², Nicolau II e o governo japonês não queria seguir o mesmo caminho. Por este motivo, para o Japão sair vitorioso na Primeira Guerra Mundial em 1918, foi necessário unificar ideologicamente a nação em prol de um único objetivo em torno da ideologia *kokutai*,

⁷ Estudioso do direito constitucional.

⁸ Acessado em 28 de fevereiro de 2020.

⁹ Estudioso do direito.

¹⁰ Acadêmico, historiador e professor de ciência política da Universidade de Tokyo.

¹¹ 1871 – 1911, Jornalista, filósofo e anarquista. Tradutor do *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, de Karl Marx e Friedrich Engels, para o japonês em 1904. Kōtoku foi condenado à força em 1911, por envolvimento no Incidente de Alta Traição, Taigyaku Jiken 大逆事件.

¹² Título oficial do soberano da Rússia em 1547 – 1721, quando o título oficial passou a ser o de Imperador.

que fortalecia a identidade coletiva de “um Japão único”, sem divisão interna, no qual todos são iguais e sem distinção entre si. Nesse sentido, a formalização do imperialismo japonês precisava estar devidamente fundamentada em bases legais e conceituais para evitar contestações em sua forma de governo, como ocorreu na Rússia *tsarévitch*, palco de manifestações sociais que derrubaram aquele que foi o último o Czar russo da longa dinastia dos Romanov que governou entre 1894 e 1917, e que, em 1918, foi assassinado junto com a czarina Alexandra e os cinco filhos do casal. Em prol do *kokutai*, a sociedade japonesa se unia para suportar as dificuldades da guerra.

Em 1º de setembro de 1923 ocorreu um violento terremoto de magnitude 7.9 a 8.3 na escala Richter¹³, que devastou a capital Tóquio e adjacências. A destruição foi implacável. As regiões atingidas transformaram-se em imensos desertos vermelhos, com profusão de crematórios e centenas de corpos boiando nos rios e canais das cidades¹⁴.

Segundo Lange, o *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx, foi traduzido para o japonês em 1904 pelo militante político Kōtoku Shūsui (1871 – 1911), mas o movimento socialista da era Meiji foi alvo de perseguição em decorrência do Incidente de Alta Traição de 1910 (Taigyaku Jiken 大逆事件). Tratou-se de uma conspiração anarquista para assassinar o Imperador Meiji que levou a prisões em massa de ativistas de esquerda em 1910. Os intelectuais ficaram preocupados que o caso sinalizasse como uma possível alteração do ambiente intelectual, aberto nos primeiros anos do período Meiji, para um aumento do controle do governo na área do pensamento. Com o fracasso do incidente, o movimento socialista japonês passou por um período descrito como “anos de inverno” (fuyu no jidai) do qual não emergiu até o estímulo da Revolução Russa e o ambiente mais liberal da Democracia Taishō (Japan Knowledge, 1999)¹⁵. Foi apenas a partir dos anos 1920 que uma dinâmica de publicação ao redor da teoria marxista se afirmou, notadamente com a tradução do primeiro

¹³ Escala de energia liberada num terremoto. Seu registro varia de 2.0 (microterremoto) a 8.1.

USGS. **Earthquake Hazards Program**, 2019. Disponível em:

<<https://earthquake.usgs.gov/learn/glossary/?term=Richter%20scale>>. Acesso em: 13 jan. 2019

Como exemplo de terremoto de 8.1 temos o que devastou o México em 1985, que gerou um prejuízo de 4 bilhões de dólares nas edificações e ceifou 8.000 vidas. Foi um dos piores terremotos registrados no continente americano.

¹⁴ MCCLAIN, J. L. **Japan, a modern history**. First. ed. New York: Norton & Company, Inc, 1994, p389.

¹⁵ Acessado em 28 de fevereiro de 2020.

livro do *Capital* em 1920, seguido rapidamente pelos livros II e III em 1924¹⁶. Movimentos sociais que se rebelavam contra o poder do Imperador e o do Estado, na busca por melhores condições à população, eram combatidos pela polícia com violência.

Com o objetivo de atender ao clamor popular de sufrágio universal, a primeira eleição ampla por meio do voto masculino para a Câmara Baixa da Dieta Japonesa ocorreu em 1928. Para surpresa do Primeiro Ministro Gi'ichi Tanaka¹⁷, por um único assento, a oposição comunista não se tornou maioria na Câmara. Uma conjectura propícia aos mesmos passos percorridos pela temida Revolução Russa de 1917, que reavivou os sentimentos sobre a necessidade de repensar a forma submissa da sociedade japonesa. Para precaver-se de revoluções populares, o Primeiro Ministro que temia o avanço comunista no Japão, resolveu utilizar a Lei de Preservação da Paz de 1925¹⁸. A lei resultou na prisão de 1652 pessoas – das quais 515 foram julgadas e condenadas – e o partido comunista entrou para a clandestinidade.

[Qualquer um] que organize um grupo com o propósito de mudar a política nacional (*kokutai*) ou negar o sistema de propriedade privada, ou qualquer pessoa que participe conscientemente deste grupo, poderá ser presa por dez anos [...].¹⁹

Para manter a ordem social por meio da coerção do poder de polícia, o governo instaura mecanismos judiciais para criminalizar estudantes considerados radicais, adeptos ao comunismo e contrários a estrutura de poder que rege o imperialismo japonês, sob o pretexto de crime de pensamento. A lei se valia do termo *kokutai*, um termo vago, que combinava

¹⁶ LANGE, Elena Louisa. “O marxismo japonês”. In **Revista Movimento** de 27 de junho de 2018. Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/06/o-marxismo-japones/> Acesso em 01.02.2019.

¹⁷ 田中義一, 1864 – 1929, general do exército imperial japonês, ex-ministro de Guerra e defensor da expansão continental, foi primeiro ministro de 1927 – 1929. JAPAN Knowledge. 日本大百科全書 **Nihon Daihyakka Zensho - Grande Enciclopédia do Japão - Todos os Volumes**, 2019. Disponível em: <<https://japanknowledge.com/personal/index.html>>. Acesso em: 15 07. 2017.

¹⁸ 治安維持法, Chian Iji Hō – Public Peace Maintenance Law. Lei criada em 1925 para combater ideias socialistas e comunistas que possuíam o objetivo de acabar com o sistema de propriedade privada, e a forma de governo centrada na figura política do Imperador.

DUUS, P. **The Cambridge History of Japan Vol. 6 - pdf**. New York: Cambridge Press, 2008. p636.

Disponível em http://www2.nhk.or.jp/school/movie/clip.cgi?das_id=D0005403086_00000&p=box

Vídeo da NHK, que trata da Lei de Preservação da Paz de 1925 (vídeo acessado em maio de 2018)

Disponível em <http://dl.ndl.go.jp/info:ndljp/pid/2955945?tocOpened=1> (acessado em maio de 2018)

¹⁹ MCCLAIN, J. L. **Japan, a modern history**. First. ed. New York: Norton & Company, Inc, 1994. P390.

ideias de união nacional e valor ético de conduta para incriminar todo e qualquer pensamento contrário ao regime instaurado. Desta forma imprecisa, o governo poderia prender qualquer participante de manifestação ou expressão indicadora de divergência de opiniões. No mesmo ano, o governo altamente anticomunista de Gi'ichi Tanaka, aprovou uma emenda à lei que elevou a pena máxima de dez anos à pena de morte.

As prisões relatadas no romance *15 de março de 1928* (一九二八年三月十五日 Sen kyūhyaku nijū hachi nen san gatsu jūgonichi), de Takiji Kobayashi, ocorreram num período em que o Japão passava por fortes mudanças em sua política e, uma parte da população, via no comunismo a única saída para a crise em que estavam mergulhados. De um lado, a greve dos operários por melhores condições de trabalho eram repelidas e justificadas pela necessidade de se atuar coletivamente em favor da Nação. Os empregadores eram uma extensão do Governo para promover o desenvolvimento do país. O Governo, porém, temia o avanço do comunismo que resultaria na queda do Imperador. Assim, na década de 1920, devido à conjectura econômica de crise financeira e social que questionava autoridade do governo, o partido comunista foi banido, logo após sua fundação em 1922, mas, mesmo assim, continuou a atuar na clandestinidade.

Com a obtenção do sufrágio universal masculino, sem a necessidade de comprovação de renda, que vigorava até então, o partido socialista obteve apoio do partido comunista. Por este motivo, o governo conservador do Primeiro Ministro que manteve a sua maioria na Dieta do Japão²⁰, alarmado com a ascensão de ideais comunistas, evocou a Lei de Preservação da Paz, que proibia ideologias revolucionárias. Assim, foi desta forma que o Governo fundamentou a realização da prisão em massa de comunistas, bem como suspeitos e simpatizantes relatados no livro, ocorrido em 15 de março de 1928.

No ano seguinte, 1929, ocorre a grande depressão, também conhecida como a Crise de 29, considerada a mais longa crise e o pior período de recessão econômica do capitalismo da história recente. Iniciou-se com a queda da produção industrial norte americana, avançou para queda na taxa de vendas de produtos, e que culminou na falência de empresas e industriais. O resultado foi o desemprego e a queda do PIB de diversos países capitalistas. Posteriormente, em 15 de maio de 1932²¹, um grupo de oficiais radicais da Marinha Imperial Japonesa,

²⁰ Poder legislativo bicameral japonês.

²¹ Golpe contra o Estado conhecido como *go ichi go jiken* 五・一五事件.

auxiliados por cadetes do exército imperial japonês e civis da direita política tentaram um golpe de Estado para derrubar o governo e instituir o domínio militar submisso ao Imperador. O golpe não teve muito efeito e se provou falho, com a rendição dos participantes. Contudo, foi suficiente para provocar o enfraquecimento do estado de direito para confrontar militares. Neste ato, assassinam o Primeiro Ministro Tsuyoshi Inukai²² que era contra a participação do Japão na guerra. Um segundo golpe, que conduziu o Japão à Segunda Guerra, foi em 26 de fevereiro de 1936²³. Neste golpe, 1483 jovens oficiais do exército japonês assassinaram seus rivais ideológicos com o objetivo de instalar um governo central para o Imperador. Este não aceitou a morte de seus conselheiros em seu nome e rejeitou o levante militar. Assim, ordenou a rendição dos militares envolvidos e aplicou a lei marcial. Dois militares suicidaram-se e outros tantos foram presos e condenados. Ambos os golpes foram contidos pelo governo, contudo, arregimentou opiniões favoráveis à guerra que resultou na entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

²² Primeiro Ministro do Japão de 13 de dezembro de 1931 a 16 de maio de 1932. Disponível em JAPAN Knowledge. 日本大百科全書 *Nihon Daihyakka Zensho* - Grande Enciclopédia do Japão - Todos os Volumes, 2019. Disponível em: <<https://japanknowledge.com/personal/index.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

²³ Golpe contra o Estado conhecido como *niniroku jiken* 二・二六事件.

3. Lei de segredos oficiais e Takiji

Recentemente, em 2013, o Japão aprovou a lei de segredos oficiais. O objetivo foi o de tornar mais rígida a punição dada a quem divulgar informações tidas como “segredo de Estado”. A causa decorre de Edward Snowden, ex-administrador de sistemas da Central de Inteligência Americana, CIA, e ex-contratado da Agência Nacional de Segurança, NSA, dos Estados Unidos da América, EUA, ter divulgado detalhes do programa de vigilância global do governo. Posteriormente foi acusado de roubo de informações do governo. Diante deste fato e com a intenção de se precaver, a lei japonesa enrijece a ação dos canais de comunicação e permite encobrir ações de autoridades ao punir vazamento de informações. Novamente o autoritarismo do governo que antecedeu a Segunda Guerra Mundial ressurgiu na interpretação subjetiva da lei ao expressar “segredo de Estado”. O informante poderá ser sentenciado a 10 anos de prisão. Os segredos de Estado poderão ter seu sigilo preservado por 60 anos ou mais. Pode-se dizer que a lei de preservação da paz de 1925, que permitia a prisão arbitrária, retornou com outro nome, mas ainda com o mesmo poder de encarceramento por incriminar qualquer um que tiver contato com o informante ou com a informação tida como sigilosa. O mundo que Takiji Kobayashi relata, para conscientizar o leitor sobre o autoritarismo do Estado, ressurgiu no século XXI em novo cenário, mas com os mesmos obstáculos.

4. O autor

Takiji Kobayashi, nasceu em 30 de outubro de 1903 na província de Akita, ao norte do Japão. Sua família administrava uma hospedaria em Ushūkaidō até a morte do avô, quando o tio, Keigi, assumiu os negócios e, posteriormente, perdeu os bens de família, inclusive a plantação de arroz. Aqui a história de família do autor é análoga a do trabalhador rural que perde os bens para o latifundiário e o capital financeiro. Desde cedo a identidade proletária do autor se forma na realidade sem romantismo. Diante das dificuldades para subsistência que surgiram, a família se muda para Hokkaido, a maior ilha ao norte do Japão.

Aos 16 anos cursou a Escola de Comércio da cidade de Otaru, enquanto vendia sua mão de obra na fábrica de pães administrada pelo tio. Esta cidade, por decreto imperial de julho de 1899 podia manter portos para promover as relações comerciais com os Estados Unidos da América e o Reino Unido²⁴. No mesmo ano, redige seu primeiro conto *Pessoa Amaldiçoada*, (呪われた人 Norowareta hito). Aos 18 anos, ingressa no Colégio de Comércio de Otaru. Leitor das obras de Dostoiévski, Tolstoi, Strindberg, Tchecov e Sōseki, dos quais recebe influência e continua a escrever suas próprias histórias. Como trabalho de conclusão de curso traduz as obras *A Conquista do pão*²⁵ de Kropotkin²⁶ e *Pessoa abandonada* de Alfred Sutro. Aos 21 anos passa a trabalhar no setor de câmbio do Banco Hokkaido Takushō (北海道拓殖銀行 Hokkaido takushō ginko). Publica vários contos voltados às questões sociais e, com 24 anos, é chamado para intermediar uma disputa de terra numa fazenda em Furano (富良野) envolvendo trabalhadores e os proprietários de terra. Toma conhecimento sobre o movimento proletário. Chega a ascender na carreira bancária como auditor, contudo, sua opinião à favor das causas proletárias o leva a perder promoções e ser demitido, após se tornar conhecido com a publicação de *15 de março de 1928* (一九二八年三月十五日 Sen kyūhyaku

²⁴ MOORE, J. B. **A digest of international law as embodied in diplomatic discussions, treaties and other international agreements**. versão em PDF. ed. Washington: Government Printing Office, v. 5 de 8, 1906. p. 759. Disponível em Google_books <https://books.google.com.br/books?id=dKCOAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=A+digest+of+international+law+as+embodied+in+diplomatic+discussions,+treaties+and+other+international+agreements+vol+5&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjK3NnC-b3IAhUFILkGHdHiBWEQ6AEIKTAA#v=onepage&q=A%20digest%20of%20international%20law%20as%20embodied%20in%20diplomatic%20discussions%20C%20treaties%20and%20other%20international%20agreements%20vol%205&f=false> acessado em 01.09.2018.

²⁵ Obra em que aponta suas considerações sobre os defeitos nos sistemas econômicos feudal e capitalista, e como acredita que eles prosperaram a partir da manutenção da pobreza.

²⁶ Pyotr Alexeyevich Kropotkin, 1842 – 1921, ativista político russo.

nijū hachi nen san gatsu jūgonichi) e *O Barco de pesca de caranguejo* (1929 蟹工船 Kanikōsen), com o qual supera as vendas da obra anterior e consegue atenção da crítica. As vendas são censuradas ao atingir a venda de 16 mil exemplares. Diante das várias obras sobre questões proletárias, que foram traduzidas para China, Rússia, Alemanha, com as quais orientava a formação do leitor, é acusado de angariar fundos para dar apoio às entidades comunistas tidas como ilegais e, por este motivo, é preso. Uma vez solto, passa a ser indiciado por corromper a ordem e é acusado de crime de desrespeito à autoridade com a obra *O Barco de pesca de caranguejo*. Em março de 1932, ocorrem prisões em larga escala de escritores e artistas plásticos, assim passa a viver na clandestinidade em devoção à reestruturação da cultura. Em fevereiro do ano seguinte, é preso pela polícia e, às 19h45, foi dado como morto por infarto. As pessoas que examinaram o corpo identificaram dedos quebrados, escoriações, queimaduras e doze fraturas provocadas por agulha ou broca. (MCCLAIN, 1994, p. 430)

5. A obra

O romance *15 de Março de 1928* (minha tradução), de Takiji Kobayashi, foi publicada em 1928 na revista *Senki*²⁷. Aborda, de modo sutil e incipiente, a ideia de instruir o leitor a respeito de como o sujeito é manipulado pelo governo e a se manifestar contra o autoritarismo. Autoritarismo entendido como sistema político no qual o Estado era o *Ten'nō* (Imperador), que delegou parte do poder ao Primeiro Ministro. Contudo, a Constituição do Império do Japão era ambígua na definição de poderes entre o conselho de ministros, presidido pelo Chefe de Estado e o Chefe de Governo do poder Executivo. O Japão, recém-ocidentalizado, não tinha conselho de ministros ou Primeiro Ministro e, por isso, as forças armadas decidiram obedecer ao *Ten'nō* e não ao Governo. À medida que a sociedade se desenvolvia, a questão sobre outorga de poder se intensificava e surgiam conflitos em relação à interpretação do Conselho e dos Partidos políticos. Podia-se justificar o autoritarismo como contenção dos anseios populares ou como o desejo pelo sufrágio universal, mas a revisão ou modificação dos estatutos não foram promovidos. Por esta falta de clareza, embates eram constantes. Há de se ressaltar que, atualmente, o Japão continua sendo uma monarquia-parlamentarista, na qual o papel do Imperador é apenas o de Chefe de Estado, sem atribuição decisória, sendo, portanto, da alçada do Parlamento, o papel de decisão diante do Estado.

15 de Março de 1928 narra a história de uma mega-operação policial ocorrida nesta data para prender líderes sindicais e seus membros. A história começa na residência de um dos personagens onde o grupo se reúne para tratar da revolução. Mas, segundo um deles, apesar de se dizer que a revolução começa na cozinha, ele desabafa que, na prática, reconhece o quão difícil é convencer até a própria esposa com as suas argumentações. Este personagem assume que é um “marido que não consegue convencer a esposa” e provoca o riso dos companheiros. A história começa assim, de modo descontraído, e, gradativamente, passa a agregar a situação de outros personagens e os percalços pelos quais eles passam para se reunirem e compartilharem estudos e reflexões de ordem político social. No amanhecer do dia 15 de março de 1928, a polícia invade residências e leva as pessoas à prisão. Todas as prisões são coercitivas, arbitrárias, agressivas e sem respaldo jurídico. A obra detalha os diálogos e os silêncios para revelar o nível de agressão e desrespeito que ocorria nessas situações. Expõe

²⁷ Revista criada em primeiro de fevereiro de 1928 pela Nippon Artist Porletarian Federacion (NAPF). Tratava sobre Marxismo e Arte. Publicou, além de *15 de Março de 1928*, *Kanikōsen* na revista *Bandeira Vermelha* (tradução livre). Este também é o nome do jornal dirigido por Rosa Luxemburgo (5 de março de 1871 – 15 de janeiro de 1919) *Die Rote Fahne*, em 1918.

também a visão de uma jovem, filha de um proletário que sofre diante dos acontecimentos por estar alheia à situação. Descreve-se a dificuldade psicológica e material pela qual passam as esposas e a mãe, com a prisão dos maridos e do filho. Trata-se de conflitos familiares entre a manutenção do estado em que se encontram, *staus quo*, antes do cerceamento da aquisição de novas opiniões, quando uma mãe passa a não entender o filho. Após o encarceramento, inicia o terror psicológico por parte da polícia aos detentos. A apatia de uma cela é interrompida pelos gritos de tortura na outra. As cenas de tortura são narradas com detalhes, mas na edição de domínio público estas foram censuradas. No entanto, a versão que vamos apresentar nesta pesquisa é o texto integral, sem cortes. As narrações e as situações descritas, nesta edição sem cortes, revelam as agressões físicas e morais que o Estado praticava com requintes de crueldade. A história questiona o poder do Governo que exerce coação arbitrária e provocam sequelas no psicológico e emocional devido às torturas e situações traumáticas.

O texto é narrado do ponto de vista de cinco personagens. Ryūkichi era professor, mas, após ser detido pela terceira vez, foi demitido da escola e passa a se dedicar, em tempo integral, ao sindicato para fazer oposição ao governo. Ele é o coordenador do grupo. Kudō está desempregado e quem o sustenta é a esposa Oyu. A vida de poucos recursos era difícil, mas quando a esposa consegue um emprego na indústria, ele passa a se dedicar ao grupo fazendo oposição ao governo. Sata era bancário, único do grupo que era da classe média e que possui uma certa liberdade de pensamento, por possui escolaridade. Não questiona o governo, mas sabe observar a situação e expor as suas ideias. Watari também era militante ativo e sempre estava ocupado com a divulgação de material comunista. Saitō era o mais nervoso dentre eles e é preso por fazer parte do sindicato. A sua participação na obra se resume nas cenas em que é torturado. São personagens que representam a sociedade, tais como estudantes, operários, ex-professores e bancário. O sistema usa e abusa da tortura para gerar o medo e, pela coação, a polícia consegue dominar a mente e o corpo do mais fraco.

O narrador é onisciente, ou seja, ele conhece a história. Assim, “O autor faz com que [os personagens] nos digam o que pensam, o que sentem, que impressões passam por suas mentes a respeito das situações em que se encontram”, conforme Joseph Warren Beach²⁸ (1880 – 1957), em *O ponto de vista na ficção* (2002, p171). O fluxo de pensamento dos personagens, a descrição sobre a percepção do tempo e dos espaços em que ocorre a história são desenvolvidos ao longo do texto e os cinco detidos, Ryūkichi, Sata Watari, Kudō e Saitō,

²⁸ Poeta norte-americano, romancista, crítico, educador e estudioso literário.

nos contam o que faziam antes de serem presos e depois o trauma físico e psicológico a que foram expostos nas celas improvisadas que ficavam nos fundos da delegacia. Os cinco detidos tentam obter algumas condições de regalia para eles e os demais trabalhadores das classes menos privilegiadas. Na cadeia, as reuniões sindicais são realizadas com o intuito de promover a conscientização política dos detentos.

O modo de contar a história assemelha-se à obra *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski (1821 – 1881). Segundo Mikhail Bakhtin, temos o romance polifônico e dialógico, em que os personagens possuem sua própria consciência independente da ideia defendida pelo autor para conduzir a narrativa. Assim, os diálogos se constroem na interação entre os personagens. A obra não obedece a opinião do autor sobre os temas dialogados no texto o que confere autonomia aos personagens para agir e se expressar a sua maneira.

A história dos cinco personagens é articulada em sincronicidade, expondo a confluência dos cinco pontos de vista. Por isto, o tempo psicológico é que impera para que todos possam contar as suas histórias no seu ritmo. A cadência das informações é singular e isso é respeitado e revelado nos diálogos. A narrativa também explora o silêncio das pausas – extremamente significativas - para ancorar todas as histórias no dia 15 de março de 1928. Histórias que foram brutalmente silenciadas por décadas.

Quando o personagem lê na parede da cela “Jamais esqueça 15 de março de 1928” deseja que o fato não caia no esquecimento das lacunas de registros históricos. Como o professor Yasumitsu Onishi comentou em aula, os livros de história relatam o que querem que saibamos, os órgãos oficiais relatam o que nos permitem saber e as narrativas, o que tentam omitir do leitor. Apesar de identificar nos registros históricos menções à operação policial de 15 de março de 1928, nenhuma relata o ocorrido como Takiji descreveu.

6. Dialogismo e polifonia: conceitos fundamentais para o entendimento da obra

A vida é dialógica por natureza, viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se opõe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348)

De acordo com Mikhail Bakhtin (1895-1975) dialogamos ao nascer, com o outro que pode ser um livro, uma história, uma pintura. São vozes que se tornam pensamentos e opiniões que dialogam com todo universo simbólico que adquirimos. Assim, internalizamos este universo e nos constituímos nessa internalização de várias vozes, por meio da qual nos expressamos na nossa forma de falar e escrever. No fragmento abaixo que inicia a obra *15 de março de 1928*, de Takiji Kobayashi, de minha tradução, temos o exemplo de um monólogo interno que dialoga com o mundo exterior.

Okei dificilmente se acostumaria a isto. Quantas e quantas vezes sentiu essa mesma ansiedade como da vez que levou o primeiro susto. Seu marido, Ryūkichi, insistia em dizer que não era para ficar assim, mas, para uma mulher, aquilo era um golpe muito forte.

Os membros do sindicato estavam reunidos para discutirem a pauta. Okei subia as escadas para levar chá, quando escutou a voz do marido.

– É um desafio convencer a minha esposa a se conscientizar disso. Não vai ser fácil...

Não era a primeira vez que Okei o escutava dizer isso.

– A [revolução] começa pela cozinha... sabemos que isso é um formalismo incontestável. Ogawa, você é muito bonzinho; bonzinho demais.

[...]

Okei não tinha interesse nem tampouco se esforçava para entender esse tipo de assunto. Sabia que dificilmente conseguiria entender e, mesmo

que entendesse alguma coisa, tinha a impressão de que tal conhecimento não serviria para nada.²⁹

Logo no início da obra, quando ao subir as escadas, a personagem Okei ouve seu marido conversar a seu respeito com os demais e não lhe responde, para adiante ela começa um monólogo interno, pode-se dizer que ela também está construindo a própria voz a partir de outras vozes sociais, culturais de não se manifestar. É um repertório já internalizado pela personagem que opta por não se pronunciar acerca do assunto. Trata-se de um processo dialógico em que cada personagem se constrói pelo repertório de vozes.

Ao voltar da casa de Kudō, Okei caminhou pela rua mais movimentada da cidade. Acabara de anoitecer. Não estava muito frio. A cidade estava sempre cheia, independentemente do horário. Pessoas caminhando, trenó com guizo puxado a cavalo, carros, o ir e vir dos ônibus. Um casal recém-casado conversava animado e observava uma vitrine de uma loja. “Uma mulher vestindo um casaco que parecia quentinho, um homem num aconchegante casaco de lã, um menor aprendiz, um grande recipiente para comida embrulhado em *furoshiki*, crianças...” Muitas pessoas quase se esbarrando, conversando, com passos ligeiros, andando à toa. Okei sentiu brotar uma estranha emoção. Naquele exato momento, naquela cidade estaria ocorrendo um grande acontecimento. Mas o que se vê aqui e o que está acontecendo lá não há nenhuma relação. Está certo? Há dezenas ou centenas de pessoas que entram de cabeça no sindicato em prol de ajudar os trabalhadores, a massa de desempregados e será que o povo reconhece isso? Okei não sabia o que pensar. “Parece que aqui não foi nem um pouco afetado”, percebeu. É provável que o governo use de subterfúgios escusos para censurar os jornais. “Que golpe baixo! Mas os rostos e as atitudes das pessoas emanam alegria, satisfação, parecem estar atarefados”, pensou.

“Para quem seu marido e os outros estão lutando?” – Okei sentiu um estranho vazio de descontentamento.

– Meu marido e os outros estão sendo enganados!

– Que absurdo! O que estou dizendo!

Mas este sentimento sombrio parecia uma mosca de cavalo que não queria se desgrudar do seu corpo.³⁰

²⁹ Parágrafos iniciais do primeiro capítulo da obra *15 de Março de 1928*.

Este trecho traz de forma sutil e poética a profusão de discursos que ocorrem na personagem. A casa de Oyu, da qual retorna, era remendada de jornais e Kōtoku Shūsui foi um notório jornalista e tradutor enforcado em 1911 por ter sido acusado de participar no Incidente de Alta Traição de 1910, conforme mencionado anteriormente. Dentre suas manifestações estava a de que a desigualdade de distribuição econômica sob o capitalismo era um grande crime. Ainda sob o capitalismo, não apenas os trabalhadores enfrentavam diariamente onze horas de trabalho duro, mas também eram expropriados do produto de seu trabalho que era “desfrutado pelos indolentes e os que buscam prazer”³¹. Conforme Duus, , o que enfureceu Sem Katayama (1859-1933)³² e seus companheiros socialistas foi o efeito corruptor do capitalismo na civilização. Para Katayama, o capitalismo foi uma “maldição à humanidade”, a livre concorrência criou “uma visão amoral e animalesca da vida”. Para Kōtoku “não havia nada na vida tão cruel como a persistência do desemprego endêmico no mundo capitalista” porque conduzia homens a roubar e mulheres a se prostituir e excluir a “grande maioria da humanidade... no esquecimento”. Kōtoku indaga “O que seria se tornar verdadeira justiça e humanidade?” Sob estes fatos somados à prisão política em curso, a cena descrita pela personagem revela traços inquietantes como a questão da harmonia que não é coletiva. Na noite descrita, uma parcela da sociedade será cerceada a participar do conforto aconchegante de casacos e acesso a suculentos pratos em *furoshiki*. A riqueza dialógica da observação contradiz os fatos presenciados por Oyu, ainda que não mencionados. As vozes do passado de Kōtoku e Katayama manifesta-se na construção da voz de Oyu ao contrastar a ausência de reconhecimento das pessoas na rua sobre os presos políticos. Seu discurso social passa a se transformar ao dialogar de forma internalizada com o discurso social que descreve ao leitor e, no ápice, conclui que “não sabia o que pensar” ao observar “os rostos e as atitudes das pessoas emanam alegria, satisfação”. O sentimento de vazio e descontentamento trazem ao leitor a ideia de desesperança que conflita com o discurso de Estado unido que zela pelos cidadãos. Okei passa a ter conflitos de discursos ao se deparar com a nova realidade que se põe diante de si e, de forma nua, se vê enganada pelos discursos do passado que, culturalmente, aprendeu a acreditar. Desta forma, podemos dizer que é a partir do diálogo com as imagens do cotidiano que o repertório da personagem dialoga com as contradições

³⁰ Parágrafos finais do capítulo quatro da obra *15 de Março de 1928*.

³¹ DUUS, P. *The Cambridge History of Japan* Vol. 6 - pdf. New York: Cambridge Press, 2008. P.663.

³² Co-fundador do Partido Comunista Japonês (1922-)

vistas na sociedade e de que tinha conhecimento. Na mesma linha de repertório internalizado, apresentamos o seguinte trecho:

Pela manhã, Ryūkichi escovava os dentes. Ao lado, na pia da cozinha, Okei colocava-lhe água morna na bacia.

– Conhece Rosa? – perguntou seu marido de súbito, enquanto palitava os dentes, pensativo.

– Rosa?

– Sim, Rosa.

– Se for Lenin, eu sei...

– Como é bobinha – Ryūkichi disse baixinho.³³

O breve trecho ilustra o diálogo entre Okei e Ryūkichi por meio do qual o conhecimento da esposa é questionado pelo do marido. A esposa desenvolve um diálogo interno na busca por uma resposta que satisfaça seu interlocutor. Desta forma, o diálogo não ocorre apenas no ato de fala, mas também com o seu íntimo e o seu universo simbólico. A voz de Ryūkichi se constrói dialogicamente com a leitura de Marx, Lenin, outros sindicalistas, presente, passado e tradição. O discurso da esposa se constrói com a tradição na qual ela opta pela manutenção da tranquilidade.

O dialogismo é um conceito ligado à filosofia da linguagem, de acordo com Bakhtin, estabelece uma relação dialógica entre emissor e interlocutor para manifestar diferentes pontos de vista – pensamentos e opiniões – num diálogo (BAKHTIN, 1997). Conforme exposto, o diálogo não se encerra na fala, podendo ser verbalizado ou não.. O dialogismo está além do discurso pronunciado. O discurso se constrói não necessariamente a partir do outro, um interlocutor, mas também tudo o que vem antes de si próprio, pois resgata as vozes do passado, um dialogismo com toda a literatura do passado, tradição cultural e histórica.

Foi o que disse o Policial de aparência e atitude arrogante que, para Suzumoto, lembrava muito Guān Yǔ³⁴, com um jeito venenoso de falar. Suzumoto não ousou tirar um sarro com a cara dele.

– Vão trabalhar! E logo esses pensamentos tolos desaparecerão.

³³ Parágrafos iniciais do primeiro capítulo da obra *15 de Março de 1928*.

³⁴ Lendário general chinês popularizado pelos pintores japoneses em personagem de kabuki. Estima-se que tenha falecido em 220.

– Fale sozinho. Quem irá dar bola para você!?

– Quero a colaboração de todos.³⁵

No trecho acima, Suzumoto associa a imagem do policial a um personagem histórico de guerreiro. Neste caso há dialogismo na associação da imagem do policial do momento presente com uma figura histórica do passado que possui um significado simbólico. O mesmo ocorre ao fazer correspondência entre a voz venenosa como metáfora de um animal perigoso, por seu aspecto singular na natureza que exige cautela. O dialogismo constitui essa rede de conexões entre momento falado e pensado. Quando se fala, todas as vozes do passado que formaram a voz se fazem presente.

Em *Discurso e análise do discurso* (MAINGUENEAU, 2015), Dominique Maingueneau também desenvolve a questão dialógica e, nesse sentido, o termo discurso é descrito como um encadeamento de frases por meio do qual se constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, perguntar etc.) com a intenção de negociar e modificar uma situação inicialmente conflitiva. Requer, portanto, considerar o grupo social, as regras e os gêneros envolvidos no discurso. No trecho abaixo, temos um ato de fala para ilustrar o pedido.

Seu pai ajeitou novamente o chapéu e olhou para a sua mãe. Desabotoou o único botão do colete para, em seguida, abotoá-lo novamente e, inquieto, olhou novamente para o rosto de sua mãe. Metade do corpo de seu pai já estava do lado de fora da casa.

– Cuide da Yuki! – disse seu pai com uma voz áspera e seca, depois forçou uma tosse.

A mãe, em seguida, saiu como se acompanhasse o marido.

No trecho em questão, a hesitação de Ryūkichi ao ser levado pela polícia, expressa a preocupação que sente ao ter de deixar sua esposa Okei e sua filha Yukiko, que ainda dormia. O comportamento do personagem, que mexe o chapéu, mexe os botões do colete, ilustra o tempo interno necessário para que o personagem finalmente consiga pedir à esposa para que cuide da filha com a qual não pôde se despedir.

Este era o sentimento de sempre, neste tipo de situação. Estar com o pessoal do sindicato costumava ser divertido, mas quando encarava a

³⁵ Capítulo dois da obra *15 de Março de 1928*.

realidade dentro de casa, a situação não era assim. Ao pensar na esposa e filhos, sentia um aperto no coração.

Oyu ajudou-o a se arrumar e disse:

– Vá e volte logo para casa.³⁶

O mesmo ocorre com Kudō ao ser levado pela polícia. Num breve espaço de tempo, ocorre o conflito de sentimentos entre a lembrança da diversão e a preocupação com a família, quando Oyu lhe pede para que volte. O choque de realidade entre os planos de orgulho e vitória são obrigados a serem colocados em segundo plano quando o contrato social entre marido e mulher entra em conflito, e se resolvem quando ele responde “Hum”.

Para Maingueneau, a atividade verbal é uma interatividade que envolve dois ou mais interlocutores e que, imediatamente ou à posteriori, o que se diz acaba repercutindo no outro. Portanto, para se promover um diálogo é necessário a presença de interlocutores e, nesse sentido, pode-se traçar um ponto de intersecção entre o dialogismo de Bakhtin e o conceito de discurso de Maingueneau. Em comum, ambos ressaltam a necessidade de perceber as intenções dos interlocutores que perpassam o discurso. Segundo Maingueneau, “O discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (eu- aqui- agora)[...]” (MAINGUENEAU, 2015, p. 27), isto é, parte-se da pressuposição de que existem fatores externos ao discurso – tempo e espaço – e os silêncios – as palavras não ditas – que estão relacionados ao momento da enunciação.

Na obra *15 de março de 1928*, os leitores acompanham o desenrolar da história e, por meio dos diálogos e dos silêncios, Kobayashi apresenta seus personagens de forma autônoma para criar um Eu que interage com os demais de forma equilibrada, sem perder o traço de polifonia que os demais personagens agregam à narrativa. Não há um protagonista-herói que conduzirá a trama, mas vários observadores que revelam seus pontos de vista em relação à história que está sendo contada.

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. (MAINGUENEAU, 2015, p. 28)

³⁶ Capítulo três da obra *15 de Março de 1928*.

Maingueneau diz que o discurso está intrinsecamente relacionado à um interdiscurso que acompanha a linha de pensamento do EU e sua percepção do mundo em que vive e a sua relação com as pessoas que convive. Os argumentos podem ser expressos de várias maneiras, de forma consciente ou não. Este aspecto se observa quando, no início da obra, os personagens de *15 de março de 1928* se reúnem para falar de política e as dificuldades de se convencer a própria esposa:

– É um desafio convencer a minha esposa a se conscientizar disso. Não vai ser fácil...

Não era a primeira vez que Okei o escutava dizer isso.

– A [revolução] começa pela cozinha... sabemos que isso é um formalismo incontestável. Ogawa, você é muito bonzinho; bonzinho demais.

– Tenho que admitir que quem manda em casa é a patroa.

– Se for discutir com minha esposa, eu perco. Toda vez que discuto algo teórico com a minha *wife*, sempre sou eu que saio perdendo – depois desse desabafo, todos começaram a caçoar dele, que se encolheu como que abraçando o próprio corpo.³⁷

Temos uma situação coloquial, na qual o personagem se dirige a outro para expressar o sentimento de insegurança. Nesta cena, o destinatário entende, pelo contexto, o que o emissor realmente quer dizer, isto é, a incapacidade de ele fazer a revolução na própria cozinha, uma vez que não consegue convencer a própria esposa por lhe faltar argumentação e retórica para fazer isso. Situação que contradiz o que eles próprios preconizam e, por isso, a impotência do coordenador do grupo perante a esposa, provoca o riso dos colegas. Os personagens contribuem para agregar informações que reforçam a insegurança de Ryūkichi. A conversa ocorre na residência de Ryūkichi e o uso da linguagem coloquial traduz a espontaneidade, familiaridade e informalidade dos que se encontram naquele local. Ao dizer “*eu perco*” ele está querendo dizer que *não tem argumentos capazes de persuadi-la*. Neste primeiro momento, as vozes sociais se colidem com argumentos diversos para reforçar o tema inicial, o embate com a esposa. A cena descreve a esposa chamada Okei subindo as escadas de sua residência para levar chá para um grupo de pessoas que estão fazendo reunião com o seu marido. A cena possui um tom descontraído de conversas entre amigos sobre a revolução

³⁷ Início do capítulo um da obra *15 de Março de 1928*.

que almejam organizar. O personagem Ryūkichi Ogawa, marido de Okei, se empodera de coragem para incitar os colegas a planejar os passos para a revolução, mas, se sente incapaz de convencer a própria esposa. A constatação de sua impotência diante da esposa se torna engraçada e o grupo ri dessa situação antagônica de Ogawa: entre os amigos, um instrutor respeitado e, na cozinha, um marido incapaz de instruir e convencer a mulher de que a revolução é a saída para que tenham condições de terem uma vida melhor. Subentende-se que o apoio da esposa é importante para que o homem possa se dedicar à causa revolucionária e que convencer a esposa requer argumentos objetivos e práticos das ideologias, isto é, menos teoria e mais prática.

Nesta linha, temos uma cena na qual um personagem anônimo, anuncia que quer ver o outro cômodo e o casal responde a essa pessoa não identificada.

– Vou verificar o próximo cômodo – alguém disse próximo à porta corrediça.

– É quarto de dormir. Não há nada – foi a voz da mãe que falava bem mais baixo que o normal.

– Pode vasculhar! – era a voz do pai.

– E se a Yukiko acordar!?... – disse a mãe.³⁸

Pode-se inferir do texto que, após a menção de que se vai verificar o próximo cômodo, ocorre uma breve discussão, na qual os diálogos entre os três personagens não possuem um destinatário exato e uma resposta conclusiva. A personagem mãe se expressa de forma clara sobre ser contra a revista no quarto de sua filha, mas o pai desdiz à mãe e permite que o policial verifique o cômodo. Nesta cena, os diálogos podem ser interpretados como o pai tirando a autoridade da mãe. Contudo, a mãe traz um novo argumento para a discussão, “E se a Yukiko acordar!?”. O diálogo expõe diferentes pontos de vista e vozes sociais representados pelo pai, a mãe e o policial que alimentam a discussão sem necessariamente usar de impor os argumentos da razão. A esse tipo de discurso é que Bakhtin denominou dialogismo. Para descrever os fatos ocorridos em *15 de março de 1928* Takiji utiliza este recurso literário para revelar por meio dos personagens ao leitor.

Sobre a polifonia, não pretendemos exaurir o assunto, mas sim expor alguns exemplos e identificá-los nesta obra. Pode-se dizer que se trata de uma interação de vozes sociais, na

³⁸ Capítulo um da obra *15 de Março de 1928*.

qual a voz do outro não se sobressai. Não se trata de um personagem ter a razão e doutrinar os demais, mas sim de compartilharem informações ou interações na construção do aprendizado. Pode-se dizer uma equiparação de vozes, na qual os discursos estão contrapostos e equiparados e não se sobressai nenhum, nem a do autor. E é nesse sentido que Bakhtin afirma que o discurso é polifônico por excelência. Ainda segundo Bakhtin, Dostoiévski é o criador do romance polifônico:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes, constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski.³⁹

Assim, todas as vozes estão no mesmo nível de hierarquia sem sobreposição de uma sobre a outra. Ou seja, as vozes são plenas de valor com relação às outras vozes do discurso. Uma relação de igualdade de participação no diálogo sem sobreposição de valor ideológico.

Conforme Paulo Bezerra, trata-se da “multiplicidade de consciências em pé de absoluta igualdade, não se objetificam, isto é, não perdem o seu SER como vozes e consciências autônomas e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento que não se misturam”. Desta forma todas as vozes do discurso possuem sua importância porque são autônomas e de igual valor para a construção da obra. Cada uma das vozes contribui para a criação do universo da narrativa de forma autônoma dentro da interação com os demais personagens.

A consciência do autor e dos personagens é desassociada e não necessariamente conclusiva. Não há necessariamente uma conclusão na consciência dos personagens, um desfecho final. Assim, possuem voz própria. A perspectiva de visão da cena possui características variadas e peculiares. Assim, a polifonia decorre da constituição de múltiplos diálogos.

Os personagens não seguem a linha ideológica do autor. Eles parecem se guiar por vontades próprias, independentes. Desta forma, o autor não expõe a sua marcação ideológica porque os personagens exibem constantes contradições contraditórias. De acordo com Bakhtin, o romance polifônico foi identificado apenas em Dostoiévski, na obra *Os irmãos Karamázov*, contudo, pudemos identificar traços de polifonia no capítulo sete da obra *15 de Março de 1928*. O diálogo inicia com Kimura, um membro do sindicato, pouco atuante na questão

³⁹ (BAKHTIN, 2015) p.4.

proletária, que questiona o fato de estarem presos. Este é questionado por Saito, um membro participativo do sindicalismo e, apesar de seu porte físico pequeno, era um dos membros mais atuantes e caracterizado como sendo uma pessoa sempre bem humorada.

Quando o assunto murchava, todos ficavam em silêncio e como se uma nuvem passasse por eles, seus rostos se tornavam repentinamente sombrios.

[...]

– Não podemos fazer alguma coisa, logo?

Disse alguém num tom de resmungo do canto do salão.

Essas palavras deixaram todos apreensivos. Foi como se a luz de uma lanterna incidisse sobre os sentimentos de cada um.

– Me trouxeram do trabalho, lá do porto. O pessoal de casa deve estar preocupado. Se eu não trabalhar, minha mãe e o moleque não terão o que comer.

– Eu também.

– ... Tudo por causa desse movimento – disse um trabalhador que participava do sindicato há muito tempo, em tom de lástima.

– Por quê? – indagou Saitō sem se conter.

Diante da indagação de Saitō, os demais mantiveram-se em silêncio. Saitō nitidamente bravo, interpelou com “–Hum?”.

– Deixa pra lá – disse Ishida piscando para Saitō.

Havia um trabalhador que frequentava o sindicato fazia muito tempo e se chamava Kimura que, até um tempo atrás, não era de se expor ou fazer algo significativo. Ele costumava dizer que o trabalho no armazém era muito árduo e, quando soube que o sindicato dos trabalhadores poderia melhorar as condições de trabalho, resolveu se filiar a ele. A situação dele estava muito complicada com a polícia. Ele não tinha ideia a que tipo de “maldade” poderia ser submetido. Ficou assombrado com o que viu. “Se não tivesse testemunhado, a união dos trabalhadores estaria bem”, pensou. Mas ele estava enganado. Pensou em não se meter em questões trabalhistas. Ele entrou de gaiato e agora empurrava as coisas com a barriga. Assim que

surgia um obstáculo, via motivo para sair. Trabalhava no sindicato sem nenhuma vontade, feito boneco, e só fazia o que lhe mandavam.

Era a época da eleição geral. Pelo fato de arrancar os cartazes do candidato da oposição, surgiu a necessidade de alguém do partido dos trabalhadores rurais virar isca de polícia. Wata pediu para Kimura e o alertou.

– Talvez batam um pouco, mas você terá de aguentar – disse.

– Tô fora!

De forma sucinta, cortou o assunto.

Wata, que não esperava por esta resposta, de ímpeto, respondeu “– Oi?”– e, calado, fitou o rosto de Kimura.

– Se eu fizer isso, serei levado à delegacia e ficarei um, dois dias sem comer. Tô fora!

– Você ainda não entendeu o nosso movimento sindical?

– Vocês, que parecem liderar, são levados pela polícia e por isso é que ganham os créditos, eu não.

Wata respirou fundo e permaneceu calado. Ryūkichi, que estava junto, pensou “–Isso não é bom. Um líder discutir com um membro por bobagem não é bom. Vai dar problema!”.

– Desta vez, vamos pedir para outro.

Ryūkichi precisava dizer isto. Para Kimura, isso era um bom motivo para “cair fora”. Quando ele deixasse a cadeia, tinha a certeza de que deixaria o sindicato. Estava decidido.

– Covarde.

Saitō lembrava-se de quando conheceu Kimura. Propositalmente, desviou o olhar de Kimura.

– Kimura, é nessas horas que devemos agir como um membro do sindicato. É nessas horas que precisamos nos unir. A situação está difícil para todo mundo – disse Ryūkichi, coçando a virilha de frente ao aquecedor. Kimura, porém, permaneceu em silêncio. Ryūkichi não tinha como deixar de

pensar que a esquerda era, literalmente, militante; mas havia alguns sindicalistas que eram contrários à esta ideia.⁴⁰

Neste trecho, podemos identificar as marcas ideológicas de Kimura, Wata e Ryūkichi. Kimura desejava sair o quanto antes da delegacia para retomar seu cotidiano, independente do desfecho das investigações. Wata, apesar do medo, era atuante no movimento sindical e, por isso, sentiu incômodo e decepcionado ao perceber que Kimura não estava realmente envolvido com a luta. Ryūkichi liderava o movimento sindical de sua região e buscava manter o grupo coeso na busca por melhores condições, mas a discórdia iniciada por Kimura prejudicava a todos. Neste mesmo trecho podemos identificar demonstrações de dialogismo no discurso social do personagem Kimura que está contaminado por discursos que estão contra sua posição social, sua tradição, seu respeito ao Imperador, ou *status-quo*. Todos estes discursos constroem o discurso de Kimura que opta por não se sacrificar pelo grupo. Desta forma, fica evidente o jogo dialógico com a tradição que é muito forte na obra de Takiji Kobayashi em decorrência das contradições de pensamentos que se dão por vozes construídas a partir de muitas outras vozes do passado. Takiji poderia escrever um texto repleto de atos heroicos, mas escolheu questionar a sua própria história por meio do personagem Kimura. Dentro da mesma retroalimentação de argumentos entre os personagens conseguiu expor a necessidade de um membro ser sacrificado pelo benefício dos demais.

Todo discurso é constituído por perspectivas variadas. E como dissemos anteriormente, o dialogismo de Bakhtin pressupõe a existência de um discurso que se constrói a partir da interação do discurso construtivo. E o conceito de polifonia é a somatória de vozes heterogêneas, cujas perspectivas diferentes expandem o universo simbólico do diálogo compartilhado pelos personagens para a construção da narrativa, e não como algo acabado.⁴¹

A verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica.⁴²

Em *15 de março de 1928*, os diálogos dos detentos se desenvolvem ao longo da narrativa e, gradativamente, os indivíduos se conscientizam do quão importante é unir as forças para lutar coletivamente contra os abusos de um governo que não é tão bom quanto

⁴⁰ Capítulo sete da obra *15 de Março de 1928*.

⁴¹ (BAKHTIN, 2015)

⁴² (BAKHTIN, 2015) p.125.

aparenta ser. Assim, o dialogo desenvolve perspectivas de ação e reação dos detentos em relação à situação em que se encontram.

Nesse sentido, entendemos o romance polifônico como as vozes autônomas dos personagens que possuem a mesma relevância dentro da narrativa. Agregam novos fatos e conduzem a pressupor que a história não possua uma marcação ideológica do autor. Eles, os personagens, podem ter o papel de apresentar uma marca de discurso, não necessitam de todo um contexto na obra para entrar e sair de cena. Esta multiplicidade de vozes em equilíbrio de importância, pode-se dizer que supre o papel do narrador de trazer informações novas para o leitor. Ou seja, a obra, a narrativa, se retroalimenta da interação dos personagens. Na obra de Kobayashi pode-se dizer que a polifonia é um dos recursos narrativos para discutir os problemas enfrentados pela sociedade japonesa diante do imperialismo, do militarismo feroz e do capitalismo avassalador que se instaurava no país para a desgraça de muitos.

6.1. A censura sob o prisma do monólogo do poder

A base do princípio dialógico bakhtiniano é a filosofia do diálogo e da relação social. E é nessas relações que o indivíduo não apenas se constituiu, mas também se altera, na convivência com outros e a partir da produção de enunciados, impregnados de significados e valores. No entanto, verificamos que a obra *15 de março de 1928* passou pela censura como um meio de silenciar as vozes dissonantes à política japonesa. Ao ter acesso à versão em domínio público e comparar às edições divulgadas pelas editoras, constatamos a necessidade de se fazer um levantamento de palavras censuradas e a quantidade de vezes em que estas foram omitidas.

A censura vetou desde a data título da obra, dia 15, até o nome da cidade, para ocultar o dia e o local em que ocorreram as prisões. Palavras de conotação ideológica tais como *comunistas* ou *revolução* não chegaram a ser totalmente censurados, mas os termos relacionados ao abuso e aos maus tratos que o Estado praticava foram totalmente apagadas, isto é, a intenção que o autor tinha de denunciar as atrocidades praticadas pelo governo foram eliminadas do texto.

A censura pode ser entendida como uma violência ao dialogismo e, sendo assim, se o objetivo da censura é principalmente omitir informações e negar à população o acesso aos fatos, podemos interpretar a censura como um monopólio do poder. Sem objetivar a análise da recepção da obra, podemos trazer o questionamento acerca da capacidade de compreensão de um monopólio legítimo do uso da força. Conforme Norma Field⁴³, a tortura é uma desumanização, é apagar os traços que tornam o outro um humano. A autora compreende que a censura de trechos curtos possivelmente levava o leitor a pensar o assunto. Neste aspecto, trechos longos eliminavam esta possibilidade. Em decorrência da censura dos meios de comunicação, durante um mês, após o ocorrido, apenas se especulava o fato em conversas miúdas e discretas. Mesmo com o fim da censura sobre o assunto, a tortura ainda era um fato pouco noticiado. O governo se omitia de responder sobre os casos de tortura, mesmo quando questionado pelos sindicatos. Seus companheiros diziam que Takiji escrevia com naturalidade e, segundo Field, Takiji tinha consciência de que seu texto seria censurado e, para driblar essa máquina repressora, ele criou mecanismos compensatórios em seu modo de narrar o sofrimento da filha, o isolamento, o envio de presos para as detenções localizadas na região

⁴³ FIELD, N. 小林多喜二 21 世紀にどう読むか Kobayashi Ttakiji 21 seiki ni dō yomu ka (Como interpretar Kobayashi Takiji no XXI - minha tradução). Tokyo: Iwanami, 2009. 140.

Sapporo. Desta forma, tentou compensar nas entrelinhas a atuação desse monopólio do poder, (afinal algum trecho ou todo um capítulo seria censurado) pela atmosfera de censura e desumanização. Trecho como o do médico que acompanhava a palpitação de Suzumoto, possuía grande chance de ser apagado, como de fato foi conforme as sentenças entre [].

Logo em seguida, utilizaram os mesmo métodos para interrogar Suzumoto. Em outras palavras, ele passou por uma [tortura] pior. Não bateram nele, nem o chutaram, mas por oito vezes (oito!) [seguidas] o [sufocaram]. Do começo ao final, um médico [policia] (!) [segurava seu pulso para acompanhar a frequência cardíaca. Enforcavam-no até perder a consciência. Logo em seguida, o reanimavam para, em menos de um minuto, sufocá-lo novamente e repetir o processo. Foram oito vezes seguidas.]⁴⁴

Em contraste, o trecho a seguir é um exemplo de monopólio do poder sobre Yukiko, a filha de Okei e Ryūkichi, que o censor permitiu ser publicado por não ser de sofrimento explícito como no citado anteriormente.

Naquela manhã, Yukiko despertou com o estranho barulho na casa. Abriu os olhos e, ainda sonolenta, olhou ao seu redor. Que horas seriam? Pensou que fosse de manhã. Do cômodo ao lado, escutou um barulho agitado de cinco, seis homens. Era estranho isso estar acontecendo no meio da noite, mas a luz estava acesa. Ainda não havia amanhecido. Não era possível que já fosse de manhã. O que estaria acontecendo? Escutou passos de alguém andando sobre o tatame, sem se importar de fazer barulho.

– Vou verificar o próximo cômodo – alguém disse próximo à porta corrediça.

– É quarto de dormir. Não há nada – foi a voz da mãe que falava bem mais baixo que o normal.

– Pode vasculhar! – era a voz do pai.

– E se a Yukiko acordar!?... – disse a mãe.

Yukiko escutou apenas alguns trechos da conversa. “Se alguém entrar, preciso fingir estar dormindo”, pensou.

Tiraram objetos da prateleira, mexiam ruidosamente os jornais, ergueram o tatame, vasculharam cada uma das sete gavetas da cômoda.

⁴⁴ Capítulo oito da obra *15 de Março de 1928*.

“Eles abriram todas as gavetas”, pensou Yukiko que contava mentalmente a quantidade de gavetas. Depois, vasculharam os armários da cozinha. Yukiko sentiu um gélido vento frio e sorrateiro enrijecer seu corpo. Assim, por mais que se curvasse, mudasse de posição, o frio não parava de fazê-la tremer. Em pouco tempo seus dentes começaram a bater. Assustada, tensionou o queixo para que os dentes parassem de bater. Não escutava a voz de seus pais. O que estaria acontecendo? As únicas vozes que escutava eram de estranhos.

Muitas pessoas frequentavam sua casa até altas horas. Mas as pessoas que ali estavam eram diferentes e assustadoras.

A porta de correr foi aberta. De repente, um brilho largo, intenso e ofuscante penetrou diagonalmente o ambiente. Yukiko apavorou-se e fechou os olhos. As batidas do coração aceleraram de uma hora para outra. Fingiu despertar devagar, espremeu os olhos e os entreabriu para enxergar alguma coisa. Sua mãe estava com as mãos cruzadas sobre o peito e observava o rosto sonolento da filha. Tinha o rosto extremamente pálido, beirando ao sobrenatural. Seu pai, um pouco distante, observava as mãos das pessoas que vasculhavam as coisas. Talvez, por estar ao lado da luz dependurada, seu rosto aparentava estranhamente enfurecido.

Havia cinco desconhecidos. O que aparentava ser o superior hierárquico tinha um bigode e uma grande pasta de couro preta. Ele disse algo para os homens que remexiam as coisas. Estes obedeciam conforme orientado. Havia dois policiais. Os outros dois estavam à paisana. “O que será que o pai fez? O que eles pretendem fazer?”, pensou. Um deles mexia nos materiais escolares de Yukiko e balançou os livros, um a um, com as páginas voltadas para baixo. Sem nenhuma cerimônia, espalharam sobre o tatame vários de seus jogos de lazer. Os sentimentos de Yukiko afloraram incontrolavelmente e seus olhos começaram a transbordar em lágrimas.

– Aí só tem coisa de criança... – disse a mãe, com a voz baixa.

Os homens resmungaram algo incompreensível e continuaram vasculhando.

Terminada a revista, deram uma última olhada ao redor e foram embora. A porta de correr fechou. O quarto ficou escuro. Yukiko estava prestes a gritar em prantos.⁴⁵

Neste trecho, Takiji traz o leitor à mente de Yukiko, a filha de um sindicalista que teve a casa revistada no meio da noite pela polícia. A narrativa passa a ocorrer da perspectiva dela que finge dormir. O Estado, por meio de seus funcionários que revistam a casa, na ânsia de obter informações, não respeita o sono da jovem que se sente acuada e luta dentro de si para fingir dormir. A cena revelada por Yukiko é muito próxima das sessões de tortura que ocorrerão ao longo da história, na qual o objetivo do torturador é aplicar sofrimento em sua vítima para obter a informação que deseja. Com Yukiko não foi diferente, exceto pelo fato de ela não ser o motivo da revista, mas da mesma forma ela teve o psicológico afetado e sentiu necessidade de permanecer calada para não se revelar ao torturador. Exceto seus pais, ninguém se importava com a sua existência. Neste outro trecho, tudo leva a crer em forte evidência de monopólio do poder que em contraste com cenas explícitas de tortura, o censor permitiu ser publicada.

Ele estava perturbado. Vestia a calça, virava de um lado para o outro, esta sensação o incomodava. Mas uma porta de correr o separava da sala ao lado em que estava o policial, que o aguardava, com o espadim a fazer barulho. Tinha certeza de que o barulho chegou até o ouvido de Yukiko. Podia escutar agora. Pensando assim, começou a se irritar. Ele sabia que este som chegando ao ouvido de Yukiko partiria o coração dela.

– Papai foi viajar com um colega da escola.

Os olhos grandes e redondos de Yukiko o observavam.

– O que trará de lembrancinha para mim?

Ele responde com uma certa tensão.

– Sim, bastantes coisas legais.

Então, Yukiko foi para o fundo e virou o rosto para seu pai. Com as duas mãos ele cobriu o próprio rosto. Fez-se um barulho de cerâmica a se quebrar. Ele tinha quase que a certeza de ter escutado esse barulho. Gritou de susto, por dentro. Correu para Yukiko e abriu a camisa dela. Em seu peito no

⁴⁵ Capítulo um da obra *15 de Março de 1928*.

lugar do coração havia um prato de cerâmica. Ao olhar detalhadamente, notou rachaduras finas como fios de cabelo.

– Não, não, não...

Ryūkichi deu um grito abafado no mesmo instante.⁴⁶

Ryūkichi com a liberdade restrita começa a remoer dentro de si se Yukiko escutou ou não a casa ser revistada. Ansiava silenciar o barulho daquela noite dos ouvidos de sua filha. Assim, com o remorso que sente, começa a ter pesadelos com os olhos inquisidores de sua filha que culminam no simbolismo de um coração, representado por um prato, trincado. Sem conseguir se desvencilhar das amarras do monopólio do poder, sofre como numa tortura. Da mesma forma, o sentimento lacerante do personagem Kudo, ao sair de casa, não foi apagado, mesmo sendo tão sofrido quanto uma agressão física igualmente perpetrada por agentes do Estado.

.....Kudō levantou-se para se vestir. Enquanto se vestia, imaginou que, desta vez, ficaria mais tempo fora. Se isso acontecesse, como ficaria a casa, que não tinha nem um centavo, durante sua ausência? Aos poucos este sentimento tornou-se pesado em seu íntimo. Este era o sentimento de sempre, neste tipo de situação. Estar com o pessoal do sindicato costumava ser divertido, mas quando encarava a realidade dentro de casa, a situação não era assim. Ao pensar na esposa e filhos, sentia um aperto no coração.⁴⁷

Contudo, o trecho a seguir, com um extenso período entre colchetes [...] foi censurado da versão de 1928 e demonstra de forma clara a violência praticada pelo monopólio do poder.

[Despiram] Wata e, de repente sem aviso, por trás [golpearam-no com uma espada de bambu. Golpeavam-no com tanta força que a vara assobiava. Ele gemia e tentava enrijecer o corpo para suportar os golpes. Isto durou uns trinta minutos. Seu corpo sobre o assoalho retorcia como fogo. O último golpe foi o que mais lhe doeu. Estava duro como um cão envenenado caído no chão.] Amarraram seus pés e mãos para o deixarem erguido, bem esticado, tremendo, no ar. Então, começou a convulsionar e perdeu a [consciência].⁴⁸

⁴⁶ Capítulo cinco da obra *15 de Março de 1928*.

⁴⁷ Capítulo três da obra *15 de Março de 1928*.

⁴⁸ Capítulo oito da obra *15 de Março de 1928*.

Desta forma, Takiji, antevendo a ruptura de sua narrativa, criou vários discursos polifônicos para recuperar o que porventura fosse censurado. Mas, mesmo tendo a crueldade que relata censurada, seus leitores conseguiam assimilar nas entrelinhas do monólogo do poder, a repressão e os abusos praticados pelo Estado. Takiji desafia o Direito Penal em uma confrontação argumentativa de forças entre a violência do poder e a resistência da arte.

No entanto, há de se observar que a obra de Kobayashi discute a questão proletária num texto com fortes traços de literatura de cárcere, segundo Martins, a “presença de um testemunho de uma experiência carcerária”⁴⁹

O testemunho quer-se idôneo, quer-se verídico, pois aspira a certo grau de objetividade. Como tal, casa memória individual com história.

[...]

O testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os "tais como realmente aconteceram" (conforme a frase exigente de Ranke), e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas. (BOSI, 1995, p. 309-310)

Conforme Bosi cita a respeito de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (1892-1953), o testemunho ainda que sob a fronteira da realidade e o discurso pessoal, une a memória com a história. Neste aspecto, sem pretender entrar numa comparação de obras, mas sim trazer aspectos percebidos, tudo leva a crer que diante de tantas similaridades, Kobayashi leu *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoiévski, obra semi-biográfica originalmente publicada em 1862, para escrever *15 de Março de 1928*. Além de ambos possuírem como palco uma prisão, relatam o cotidiano dos personagens narrado de forma envolvente. A situação muda de acordo com a perspectiva do personagem em que cada um possui um discurso próprio, ainda que Kobayashi possua uma tendência doutrinadora, pode-se identificar traços de polifonia, equilíbrio de discurso no qual ninguém se sobressai. Ambos os autores conduzem seus leitores para dentro do cárcere e compartilham uma razão ordinária.

⁴⁹ MARTINS, A. M. O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura. *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, v. 35, n. 3, p. 193-202, julho-setembro 2013. ISSN 1983-4683 (on-line) p.193.

Kobayashi centraliza a narrativa na vivência que ouviu de presos políticos de um fato real, para posteriormente vivenciar a obra que lhe deu notoriedade e ser imortalizado pelas cenas que descreveu com requintes de detalhes e crueldade. Dostoiévski escreve sua obra após ser preso político, ao passo que Kobayashi torna-se preso político por suas obras.

A história de *15 de Março de 1928* se passa boa parte na cela e os diálogos ocorrerem em grande parte durante o confinamento dos personagens. Os agentes do Estado são os praticantes da tortura que os detentos comentam sentindo calafrios. A morte por asfixia é executada pelos agentes do Estado. O ódio com intenção de eliminar seu semelhante é do agente do Estado. A questão proletária torna-se alvo de investigações e prisões quando o partido comunista divulga sua ideologia e os rumores de uma iminente revolução se intensifica. Assim, num primeiro momento, pode-se dizer que o romance de Kobayashi segue a linha da literatura proletária, porque busca conscientizar o leitor para questões sociais e melhores condições para os trabalhadores. Contudo, não se pode descartar que há uma vertente da literatura de cárcere, na qual os trabalhadores são tratados como criminosos, inimigos do Estado, confinados juntos a outros presos comuns. Aqui faço uma distinção entre polícia como instituição e policial como agente do governo. Estes dois termos foram censurados no contexto em que o agente perpetrador do sofrimento era o “policial” e a instituição que dava respaldo era a “polícia”.

Palavras censuradas na edição publicada em novembro e dezembro de 1928.

15 (data)	Dor	Penduraram
Acabar (com você)	Enforcar/ respirar/ fôlego/	Polícia (como instituição)
Afundou no peito	Sufocar	Policial, Delegado
Água fervendo	Espada de bambu	(autoridade)
Agulha	Espancador	Revolução
Apavorou-se	Espetar	Rígido
Chicote	Espremer	Rosto (desfigurado)
Choque	Gemer	Sangue
Chute	Golpes (pancada)	Sentiu
Comunista	Gritos	Suicídio
Confessar	Injusta (a situação)	Tortura
Consciência/sentidos	Mata-leão	Torturador
Corpo (levado)	Matar	Trabalhador Rural
Corrente	Morrer / morte	Vermelha (bandeira)
Cruel	Otatu (o nome da cidade)	Voz esganada
Desgraçados	Partes íntimas	
Despir	Partido Comunista	

Quantidade de vezes que a palavra foi censurada

Tortura	23	Comunista	4
Matar	7	Consciência/sentidos	4
Golpes (pancada)	6	Revolução	4
Morrer / morte	6	Espancador	2
Polícia (como instituição)	6	Espetar	2
Corpo (carregado por alguém)	5	Partido Comunista	2
Enforcar/ respirar/ fôlego/ sufocar	5	Penduraram (um corpo)	2
Policial, Delegado (autoridade)	5	Rosto (desfigurado)	2
Acabar (com você)	4	Torturador	2

Neste trabalho, propomos traduzir a obra *15 de março de 1928* de modo a recuperar o texto, anterior a censura e, por isso, o levantamento dos termos censurados foi importante para identificar quais palavras e períodos foram objeto de omissão. Observamos que, na tradução, indicamos os trechos - com as palavras censuradas – assinaladas entre colchetes [].

7. As críticas literárias da época

Durante o período de 1890 a 1930, muitas obras estrangeiras foram traduzidas para a língua japonesa direto do idioma original. As traduções indiretas não eram bem aceitas pela perda de conteúdo e, por isto, muitos escritores japoneses preferiam ler a partir do original ou da obra traduzida diretamente do original. Neste sentido, dentre os autores estrangeiros, Kobayashi descobriu Marx. E com base nas leituras que fazia, escreveu *15 de Março de 1928* (一九二八年三月十五日 1928 sem kyūhyaku nijū hachi nen san gatsu jūgonichi) e *O navio-fábrica caranguejeiro* (1929) (蟹工船 kanikōsen), que são as obras mais conhecidas. Também leu Dostoiévski que descreve e questiona a sociedade em que viveu. Tendo-os como exemplo, utilizou-se dos mesmos recursos literários (dialogismo e polifonia) e questões sociais para observar o mundo em que vivia e tecer críticas ao que vivenciava.

Assuntos que questionavam o poder da Nação (*Kokka*) eram considerados tabu e reprimidos pelo Estado. Questionar o Imperador, um soberano absoluto, era passível de execução. Esse tipo de questionamento não ficou registrado nos órgãos oficiais, mas na literatura podemos recuperar nas entrelinhas, as vozes que foram caladas.

Assim, as associações culturais são alvos de repressão e censura por exporem suas ideias acerca da situação da sociedade. Eram coagidas por contarem a realidade. Mas, mesmo assim, mantinham-se contra a guerra e o autoritarismo.

Kobayashi, aproveitava os dias de folga do banco para escrever. Gostava de escrever sobre assuntos relacionados às questões sociais e praticar o poder de retórica e arguição na escrita. Talvez esse seja o motivo pelo qual, ao fim de períodos de encarceramento, ele saísse da prisão com obras prontas em mente para pô-las no papel. Isso o fez avaliar que o trabalho exercido na juventude era igual ao do presídio, ou seja, forçado, mas com o qual obteve meios de desenvolver o intelecto.

A obra *15 de Março de 1928* expõe o lado repressivo e violento da polícia contra a sociedade. É um exemplo de questionamento explícito sobre o governo, tido como autoritarista. Ele relata a prisão de escritores e artistas, contrários ao sistema político vigente.

Esta foi uma obra pela qual Kobayashi se tornou conhecido. A obra narra a repressão sofrida pelos trabalhadores, divulga as ideias contidas na obra *O Capital* de Marx e desenvolve uma espécie de romance de formação que expõe o desenvolvimento de um protagonista até conquistar o aprendizado. No entanto, na obra de Kobayashi, temos cinco

protagonistas desenvolvidos simultaneamente. Cada um possui uma bagagem vivida e traz um ensinamento para o leitor. Dessa forma, ele consegue tratar de um fato, a prisão, sob múltiplos olhares e perspectivas. A estrutura narrativa é posteriormente utilizada em *O navio-fábrica caranguejeiro* (蟹工船 *Kanikōsen*).

A obra *O navio-fábrica caranguejeiro* trata dos problemas gerados pelo regime autoritário e o sistema capitalista. A obra não possui um personagem (protagonista) mas desenvolve a ideia de representação do coletivo (grupo). O enfoque não se restringe a apenas um único personagem, mas sim para todos os indivíduos que representam essa coletividade. O individualismo dos personagens desaparece para surgir o conceito de coletivo. Isso mostra o poder que os encarregados dos navios de pesca de caranguejo (*kani*) possuíam para explorar os trabalhadores. O autor expõe o coletivo não sindicalizado, manipulado pelo modo de exploração capitalista que se valia do argumento de que o trabalho era para o bem da Nação (Imperador) e para oferecer recursos necessários para as frentes de batalha. Desse modo, o ato de contestar o modo de produção do capitalismo era o mesmo que afrontar o Imperador.

Pelo fato de a obra apresentar ideias subversivas, alcançar repercussão e conseguir a união do proletariado, o governo proibiu a distribuição destes livros no Japão. Apesar disso, versões foram traduzidas para o chinês e russo, ou seja, o conflito interno japonês tornou-se conhecido no exterior. O autor queria mostrar a guerra exercida pelo autoritarismo contra o proletariado. A ideia de exploração do proletariado retratada em *O navio-fábrica caranguejeiro* (蟹工船 *Kanikōsen*) ainda se aplica ao Japão de hoje, bem como ao resto do mundo.

A cada obstáculo que surgia em seu caminho, Kobayashi transformava-o em uma história. Muitas vezes era chamado para registrar conflitos e os textos publicados nas revistas proletárias trouxe-lhe notoriedade. A obra *Terra sem dono* (不在地主 *Fuzaijinushi*) de 1930, narra a luta de agricultores pobres do norte de Hokkaido contra a guerra. Temos também *Vida de um membro de partido* (党生活者 *tōseikatsusha*) de 1932, que conta o caso da empresa de cabos elétricos Fujikura (*Fujikura densen*). Esta, para atender ao pedido de produção de máscaras de gás para o Exército japonês, dobrou o número de operários de 300 para 600 sem levar em consideração quaisquer modificações na infraestrutura da empresa para suportar o aumento do número de trabalhadores. Os funcionários eram obrigados a trabalhar 13 horas por dia durante três meses e depois eram dispensados. Para melhorar as condições de higiene do local, existiam solicitações dos próprios funcionários para integrar a equipe de limpeza

durante do horário de expediente, mas este era recusado. Todos em sua maioria eram jovens e não existia sindicato que os representasse ou órgão que os organizasse. Desse modo não tinham meios de fazer qualquer pedido ser aceito pelo patronato.

Podemos perceber que o Japão daquela época adotava o regime autoritarista e, os dirigentes, em sua cobiça por lucros, eram favoráveis à guerra. O Imperador não podia ser contrariado pela sociedade e o capital se valia dessa prerrogativa para impor aos subordinados a dedicação incondicional ao trabalho, quiçá, escravo. Desse modo, os trabalhadores eram explorados em nome do *kokutai*.

Com base nas leituras realizadas, percebemos que o autor possuía uma natureza investigativa e observadora, por isso pôde contribuir com a sociedade ao retratar sua visão. Percebemos que Kobayashi, desde jovem, gostava de retratar sua opinião ao participar de clubes de escrita e pintura. Desse modo, ao ter acesso, por meio de livros, à literatura crítica ocidental, notou que podia fazer os mesmos questionamentos. Assim, passou a retratar seu ponto de vista que ia contra a opinião política da época.

O período Meiji (1868-1912) foi de expansão territorial para o Japão, até então considerado imbatível nas guerras em que participou: a primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) e a Russo-Japonesa (1904-1905). Isso demonstrou que essa política de expansão era eficaz e lucrativa tanto para o setor público quanto para o privado. Por trás dessa máquina de guerra, era necessário o empenho desmedido da população. Esta era explorada para manter o custo da guerra e o lucro dos empresários. Dessa forma, a população se tornava cada vez mais pobre e explorada. Notamos aqui as divergências e o antagonismo de opinião entre a Sociedade e o Governo. Para o governo japonês era vital fomentar a indústria da guerra (sem entrar no quesito produção de armas, mas sim, verba e alimentos para os soldados). Por isso, opor-se à ideologia do trabalho vigente era o mesmo que se declarar inimigo do Estado. Por esse motivo, as opiniões de Kobayashi, bem como dos demais escritores, eram reprimidas e todos eram forçados a calar. Por outro lado, a exploração dos operários era desumana e a existência de direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho e de remuneração comprometeriam os lucros dos empresários. Por esse motivo, era utilizada a ideia de que se trabalhava pelo país, ou melhor, pelo Imperador. Nesse ciclo, os empresários lucraram muito e o Imperador era usado como desculpa para perpetrar as condições impostas à sociedade. Para isso o poder de polícia era usado como instrumento de repressão da sociedade, na qual

quem fosse contra o capital era contra o Imperador. E esse raciocínio explica inclusive os crimes de guerra realizados pelos soldados japoneses.

Na contramão surgiu a Corrente Literária da Bétula Branca (*Shirakabaha*) que prezava a personalidade do indivíduo e sua liberdade de expressão pautada numa forte consciência de ideal humano. Kobayashi denuncia a falta de liberdade de ação e expressão da sociedade, isto é, a censura e a alienação eram ferramentas para alcançar os objetivos do sistema capitalista que se confundia com a figura do Imperador. Por esse motivo a corrente literária *Shirakabaha* ia contra a cultura social vigente da época, na qual a consciência humana alheia não existia. Este fato é ilustrado com o trecho do capítulo quatro, a seguir, de *15 de Março de 1928*.

Ao voltar da casa de Kudō, Okei caminhou pela rua mais movimentada da cidade. Acabara de anoitecer. Não estava muito frio. A cidade estava sempre cheia, independentemente do horário. Pessoas caminhando, trenó com guizo puxado a cavalo, carros, o ir e vir dos ônibus. Um casal recém-casado conversava animado e observava uma vitrine de uma loja. “Uma mulher vestindo um casaco que parecia quentinho, um homem num aconchegante casaco de lã, um menor aprendiz, um grande recipiente para comida embrulhado em *furoshiki*, crianças...” Muitas pessoas quase se esbarrando, conversando, com passos ligeiros, andando à toa. Okei sentiu brotar uma estranha emoção. Naquele exato momento, naquela cidade estaria ocorrendo um grande acontecimento. Mas o que se vê aqui e o que está acontecendo lá não há nenhuma relação. Está certo? Há dezenas ou centenas de pessoas que entram de cabeça no sindicato em prol de ajudar os trabalhadores, a massa de desempregados e será que o povo reconhece isso? Okei não sabia o que pensar. “Parece que aqui não foi nem um pouco afetado”, percebeu. É provável que o governo use de subterfúgios escusos para censurar os jornais. “Que golpe baixo! Mas os rostos e as atitudes das pessoas emanam alegria, satisfação, parecem estar atarefados”, pensou.

“Para quem seu marido e os outros estão lutando?” – Okei sentiu um estranho vazio de descontentamento.

– Meu marido e os outros estão sendo enganados!

– Que absurdo! O que estou dizendo!

Mas este sentimento sombrio parecia uma mosca de cavalo que não queria se desgrudar do seu corpo.⁵⁰

Neste trecho, a personagem Okei avalia sua experiência comparando-a ao local que caminha e nada aparenta contrastar às agruras que os sindicalistas estão passando. O autor busca fazer um contraste polifônico entre o pensamento da personagem com a tranquilidade que se passa aos olhos dos transeuntes. Estes pareciam estar alheios às prisões, torturas e continuavam suas vidas de consumo. Kobayashi expõe as dificuldades da classe trabalhadora e revela ao leitor que, a aparente tranquilidade dos transeuntes, é uma conta a ser paga pelos pobres. Dos personagens retratados, exceto Sata, mais ninguém teria recursos para andar de trenó puxado a cavalo. Itens de consumo como casacos quentes não faziam parte do mundo em que viviam os amigos de Okei. O local de trânsito representa o seu grau de alienação aos problemas que enfrentava a ponto de se questionar se os atos de seu marido eram corretos ou não. Todos estavam atarefados, contudo, apenas seu marido e demais sindicalizados foram conduzidos para averiguação por buscarem solução coletiva dos problemas que viviam.

O romance *15 de Março de 1928*, revelou fatos que já se especulava existir como tortura, polícia secreta, descaso aos mais pobres. Seu questionamento trouxe visibilidade aos atos da polícia contra a sociedade. Seus personagens questionam a luta pelos próprios direitos. Após a publicação alcançar a venda de 8.000 exemplares, o governo viu necessidade de proibir sua venda.

Críticas mais antigas sobre a obra trazem para o debate a perseguição que as associações culturais sofreram por exporem o cotidiano da sociedade. As associações abraçaram causas contra a guerra e o autoritarismo, trouxeram conhecimento onde não existia. Além de trazerem estas informações, mostravam o impacto das torturas narradas com detalhes vívidos. Questionam o poder do Estado para censurar, preliminarmente por meio da eliminação de trechos da obra e posteriormente a proibição de sua venda. Citam que Takiji leu várias fontes para criar um texto capaz de oferecer informações sobre o jogo de interesse existente entre os donos dos meios de produção e os proletariados. Enaltecem seu conhecimento sobre a questão proletária porque nasceu dela e, apesar da opção que teve de continuar sua vida de intelectual, optou por dar voz aos mais fracos.

⁵⁰ Parágrafos finais do capítulo quatro da obra *15 de Março de 1928*

As críticas recentes buscam entender o motivo pelo qual seu nome voltou a lista de mais vendidos em 2008, setenta e cinco anos depois de sua morte. Seria por uma tomada de consciência da população? Qual seria a faixa etária de seus leitores? Pode-se dizer que as obras de Takiji dialogam com o Japão de 2008, atormentado com a crescente desigualdade, insegurança sobre o futuro dos jovens que não encontram seu lugar nas vagas de emprego e os efeitos da crise econômica das duas últimas décadas. Conforme Heather Bowen-Struyk⁵¹, surgiram até os termos “kani ko suru” para perguntar/afirmar a alguém se/que fará trabalho degradante e “kore ja maru de kani ko da naa!” para se lastimar (“isso parece kani kosen!”). Conforme Norma Field⁵², a demanda por Takiji talvez “seja um encontro milagroso de pura contingência e necessidade absoluta, de apetite comercial e necessidade humana”. A pesquisadora cita que um contingenciamento foi criado antes do boom em Takiji, como o surgimento de uma biblioteca virtual voltada para Takiji Kobayashi⁵³, disparidade de renda, empregos irregulares e concentração de desemprego entre os jovens. Como expoente, surgiu a cantora punk-rock de direita Amamiya Karin, que foi catalizada por meio de uma matéria do jornal Mainichi (9 de janeiro de 2008) na qual dialoga com o romancista Takashi Genichiro. A cantora cita que ficou impressionada com a forma como as condições retratadas refletiam a atual situação desesperadora dos jovens trabalhadores. Seu comentário obteve a atenção da mídia e em 16 de fevereiro foi entrevistada pelo jornal Asahi. A editora Yuri Sachiko comentou que era juíza de um concurso de redação promovido pela biblioteca de Takiji e a Universidade de Comércio de Otaru, a mesma que Kobayashi cursou. O concurso, com premiação em dinheiro, visava a jovens de até 25 anos e também permitia a participação de leitores mais velhos e não convencionais (sem teto). O resultado saiu em 2 de maio durante um feriado prolongado e foi noticiado no jornal Yomiuri e canais de TV. Neste ano estima-se que 600.000 cópias foram impressas. Então uma sucessão de eventos se desencadeou com premiação a documentário sobre a vida de Takiji, peças teatrais. Contudo, as obras de Takiji se sustentariam até a próxima moda, até lá a questão era como mantê-la em alta. Norma cita que Kitamura Takashi, em artigo sobre o simpósio de Kobayashi Takiji de 2008, menciona que a união de forças pode levar à transformação social ao identificar semelhanças entre o

⁵¹ Why a Boom in Proletarian Literature in Japan? The Kobayashi Takiji Memorial and The Factory Ship. Disponível em <https://apjif.org/-Heather-Bowen-Struyk/3180/article.html>, acessado em 12.05.2017.

⁵² Commercial Appetite and Human Need: The Accidental and Fated Revival of Kobayashi Takiji's Cannery Ship. Disponível em <https://apjif.org/-Norma-Field/3058/article.html> Acessado em 12.05.2017.

⁵³ <http://www.takiji-library.jp/index.html> Acessado em 15.05.2017.

romance e a realidade. Os jornalistas que perseguiam por conteúdo passaram a se identificar com a história e expor sua opinião por meios impressos e rádios. Desta forma, pode-se dizer que Takiji sobrevive ao tempo enquanto a estrutura de desigualdade existir.

Recentemente o Japão perdeu o segundo lugar de maior economia para a China. Essa perda de colocação expôs a falta de postos de trabalho formais. Assim, acrescente-se a essa situação de desemprego a lei de sigilo oficial, autoritária, aprovada às pressas pelo parlamento japonês (特定秘密 tokuteihimitsu, aprovada em dezembro de 2013) e o desejo de o governo japonês articular planos de reinstituir forças armadas. Decisões que apontam para a recriação de um mundo que Kobayashi denunciou e combateu.

8. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi investigar o romance *15 de Março de 1928*, de Takiji Kobayashi. Iniciamos por contextualizar o momento histórico pelo qual passava o Japão com a Restauração Meiji – quando o Japão abre os portos para o comércio com o exterior. Buscamos mostrar que o custo para manter o status de país ocidentalizado foi alto para o Japão. Manter o exército e as indústrias, desfavoreceu a população mais pobre. A internalização do direito ocidental pelos japoneses, como meio de solução de conflitos, teve assimilação conturbada. A ideia de aceitar as dificuldades em prol da coletividade e reprimir ideias dissidentes silenciaram as vozes dos menos favorecidos. O governo japonês não tolerava questionamentos à estrutura do Estado e a democracia que buscava mostrar aos países estrangeiros, reforçava a ideia de um Japão único, sem divisão, centrada na ideologia do *kokutai*. Contudo, diante da dificuldade em lidar com as reivindicações da sociedade, que buscava por melhores condições, instituem a Lei de preservação da Paz, para precaver-se de revoluções populares que viam no comunismo a solução para os problemas enfrentados. É nesse contexto que Kobayashi Takiji escreve o romance *15 de Março de 1928*. Um dos piores períodos em que a censura atuou de modo contundente. Nesse sentido, vimos que o romance conta fatos que os livros de história omitem como, por exemplo, a violência com a qual a polícia efetuou as prisões de sindicalistas, os maus tratos e as torturas a que os presos eram submetidos. Tudo com o objetivo de silenciar quem se aventurasse a questionar o Estado. Takiji buscou mostrar ao leitor a necessidade de questionar a sociedade em que estava inserido e que os vilões não eram os policiais que os torturavam, mas a estrutura que estava por trás.

Vimos a necessidade de reservar um capítulo para apresentar o autor e suas obras que ainda são pouco conhecidas no Brasil. A formação do autor e a sua relação com as ideias de Marx, a sindicância e o discernimento de levantar os principais problemas enfrentados pela classe proletária em formação são temas que o autor desenvolverá ao longo de sua vida. Desde a sua juventude, Takiji foi ávido leitor de obras ocidentais dos quais adquiriu conhecimentos que o levaram a refletir o Japão em que vivia. Usou de seu poder de escrita para orientar e instruir as pessoas e tirá-las do estado de alienação em que se encontravam. Suas obras foram traduzidas para o chinês, russo, alemão e tamanha repercussão de seus escritos o tornou pessoa não-grata ao Estado. Sua voz incomodou as autoridades. A censura

tentou calá-lo. E do silêncio imposto, seu texto sussurra várias vozes que escapam sorrateiramente nos diálogos despretensiosos dos oprimidos. Takiji foi estranhamente silenciado em março de 1932, como vítima de infarte, mas o seu corpo foi testemunha das atrocidades que ele próprio revelou nos romances.

Os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin nos ajudaram a identificar os recursos utilizados por Takiji para driblar a censura. Em *15 de Março de 1928*, Takiji utiliza esses recursos para a construção de diferentes pontos de vista sem necessariamente hierarquizar as opiniões. De forma despretensiosa, Takiji revela o que acontecia nos bastidores da história oficial e que a imprensa omitia pela aplicação da censura.

Verificamos que, na primeira versão do romance, publicada em novembro e dezembro de 1928, a censura eliminou palavras que denunciavam – direta ou indiretamente – as atrocidades e a extrema violência com que o Estado lidava com os sindicalistas e os partidos de esquerda. O levantamento das palavras eliminadas pela censura revela que, apesar de a intenção ser a de silenciar os relatos de agressão, Takiji consegue contornar a situação do não-dialogismo com o recurso da polifonia, que desencadeia uma profusão de vozes que se torna difícil de calar, quando ditas em conjunto.

O capítulo que desenvolve as críticas – do passado e do presente – em relação à obra, comenta as percepções que surgiram quando o romance foi escrito e, mais recentemente, a partir de 2008, no Japão contemporâneo. O regime autoritarista adotado pela política japonesa no pré-guerra reprimia as manifestações dos sindicatos que questionavam o papel do Imperador que era usado como símbolo de uma ancestralidade divina, usado para escravizar os trabalhadores. Atualmente, a literatura proletária, da qual Takiji é um dos principais expoentes, voltou a liderar as vendas, razão pela qual suas obras têm sido motivos de discussão e reflexão. Hoje, podemos verificar que a literatura proletária é um gênero importante da literatura japonesa. As obras deste gênero literário merecem um estudo cuidadoso e esperamos que este trabalho desperte a motivação de estudantes e pesquisadores a desenvolverem estudos e realizarem traduções – a maioria inéditas em língua portuguesa – que possam se somar às demais pesquisas sobre os estudos japoneses no Brasil.

9. Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. F. D. S. **Dissertação de Mestrado O Navio-Fábrica Caranguejeiro, de Kobayashi Takiji: tradução e considerações.** São Paulo: USP, 2016.

ANN DUMAS, C. I. S. A. S. G. T. **The Private Collection of Edgar Degas.** New York: The Metropolitan Museum of Art, 1997.

ANTONACI, G. D. A. **Dissertação de mestrado "Os presos comunistas nos cárceres de Ilha Grande (1930 - 1945)".** Niterói: sn, 2014.

ARENDT, H. **Sobre a revolução.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AUERBACH, E. **Mimesis: a representação da realidade na literatura Ocidental.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética (A Teoria do Romance).** 6ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal (Trad. Paulo Bezerra).** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski - Tradução direta do Russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra.** 5ª Edição / 4ª impressão brasileira. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance1: Estilística, tradução Paulo Bezerra.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências Humanas.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BENVENISTE, É. **Problems in general linguistics.** Miami: University of Miami Press, 1971.

BOSI, A. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 309-322, abr. 1995.

COLTA IVES, P. D. M. **Toulouse-Lautrec in the Metropolitan Museum of Art**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1996.

DE l'estampe japonaise à l'Art Nouveau. [S.l.]: [s.n.].

DOSTOIÉVSKI, F. **Recordações da Casa dos Mortos**. São Paulo: Nova Alexandria , 2006.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamazov**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

DUUS, P. **The Cambridge History of Japan Vol. 5 - pdf**. New York: Cambridge Press, 2008.

DUUS, P. **The Cambridge History of Japan Vol. 6 - pdf**. New York: Cambridge Press, 2008.

FIELD, N. 小林多喜二 21 世紀にどう読むか **Kobayashi Ttakiji 21 seiki ni dō yomu ka (Como interpretar Kobayashi Takiji no XXI - minha tradução)**. Tokyo: Iwanami, 2009.

FRIEDMAN, N. **O ponto de vista na ficção - O desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução Fábio Fonseca de Melo**. São Paulo: Revista da USP, 2002 março/maio Nº 53. p166-182.

GOETHE, J. W. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HASHIMOTO, S. L. I. **Tese de Doutorado As representações dos japoneses nos textos modernistas brasileiros: Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Juó Bananére - Versão Corrigida**. São Paulo: USP, 2012.

HAYAMA , Y.; KOBAYASHI, T.; NAKANO, S. **Gendai Nihon Bungaku Zenshuu**. Tokyo: Chikuma Shobo, v. 3, 1954.

IVES, C. F. **The Great Wave - The Influence of Japanese Woodcuts on French Prints**. New York: The Metropolita Museum of Art, 1979.

JAPAN Knowledge. **Encyclopedia of Japan**, 1999. Disponível em: <<https://japanknowledge.com/psnl/display/?lid=10800HS020305>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

JAPAN Knowledge. **日本大百科全書 Nihon Daihyakka Zensho - Grande Enciclopédia do Japão - Todos os Volumes**, 2019. Disponível em: <<https://japanknowledge.com/personal/index.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

KAWASHIMA, T. **日本人の法意識 nihonjin no hou ishiki (A Consciência Jurídica dos Japoneses)**. 67. ed. Tokyo: 岩波書店 iwanami shoten, 2014.

KOBAYASHI, T. 一九二八・三・一五 - **Sen kyuuhyakunijyuhachi san itigo (15 de Março de 1928 minha tradução)**. Tokyo: 岩波文庫 (Iwanamibunko) Tokyo, 2013.

KOBAYASHI, T. 一九二八年三月十五日 **Sen kyūhyaku nijū hachi nen san gatsu jūgonichi (15 de Março de 1928 minha tradução)**. Tokyo: 岩波文庫 (Iwanamibunko) Tokyo, 2013.

KOBAYASHI, T. 一九二八年三月十五日 **Sen kyūhyaku nijū hachi nen san gatsu jūgonichi (15 de Março de 1928 minha tradução)**. **Aozora Bunko**. Disponível em: <<https://www.aozora.gr.jp/cards/000156/card49394.html>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise. Tradução Lúcia Helena França**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LANGE, E. L. Revista Movimento de 27 de junho de 2018. **Revista Movimento**. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2018/06/o-marxismo-japones/>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

LOPES, A. F. A. E. R. J. A. **Educação e formação do humano: Bildung e romance de formação**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE PAÍSES E COMUNIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA, Anais. Porto/Portugal: Universidade Nove de Julho, 2009.

LUKÁCS, G. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. Tradução de Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016.

MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo**. São Paulo: UNESP, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Le Contexte de l'oeuvre littéraire: énonciation, écrivain, société**. Paris: Dunod, 1993.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírío Possenti. 1º. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARTINS, A. M. O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura. **Acta Scientiarum Language and Culture** , Maringá, v. 35, n. 3, p. 193-202, julho-setembro 2013. ISSN 1983-4683 (on-line).

MARX, K. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARX, K. **O Capital - Das Kapital (versão digital)**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAZZARI, M. V. **Labirintos da Aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MCCLAIN, J. L. **Japan, a modern history**. First. ed. New York: Norton & Company, Inc, 1994.

MCCULLOUGH, H. C. **Genji and Heike: Selections from The Tales of Genji and The Tale of The Heike**. California: Stanford, 1994.

MESCHONNIC, H. **La Rime et la vie**. Paris: Verdier, 1990.

MÉZAROS, I. **O coneito de dialética em Lukács**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

MICHAEL HOOG, C. S. M. **Impressionism a Centenary Exhibition**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1974-1975.

MIYAMOTO, ; KOBAYASHI, T. **Gendai Bungaku Taikei**. Tokyo: Chikuma Shobo, v. 55, 1969.

MOORE, J. B. **A digest of international law as embodied in diplomatic discussions, treaties and other international agreements**. versão em PDF. ed. Washington: Government Printing Office, v. 5 de 8, 1906.

ONISHI, Y. 小林多喜二の思想と文学 (**Ideias e literatura de Kobayashi Takiji**)(tradução própria). [S.l.]: 大月書店(Ootsuki Shoten), 2013.

SIMON, E. **Mestrado - Les vecteurs littéraires au service de la diffusion de l'idéologie marxiste dans le roman Le Bateau-usine 蟹工船 (1929), œuvre majeure de la littérature prolétarienne japonaise entre 1925 et 1930**. Lyon: [s.n.], 2014.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: uma investigação sobre a natureza e as causa da riqueza das nações. Tradução de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.

UNIVERSO OnLine. **Grande Dicionário Houaiss**, 1996-2019. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#59>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

USGS. **Earthquake Hazards Program**, 2019. Disponível em: <<https://earthquake.usgs.gov/learn/glossary/?term=Richter%20scale>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

YOSHIKAWA, E. **Musashi**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ZUMTHOR, P. **Performance, réception, lecture**. Paris: Preambule, 1990.

ANEXO

Tradução da obra *15 de março de 1928*, de Takiji Kobayashi (小林多喜二) diretamente do original *sen kyūhyaku nijū hachi nen, san gatsu, jūgonichi* 『一九二八年三月十五日』 por Marcio Luiz Hayashi Nunes.

Nota do tradutor, os trechos entre colchetes [] são os termos censurados pelo governo japonês de 1928.

—

Ichi – Capítulo Um

Okei dificilmente se acostumaria a isto. Quantas e quantas vezes sentiu essa mesma ansiedade como da vez que levou o primeiro susto. Seu marido, Ryūkichi, insistia em dizer que não era para ficar assim, mas, para uma mulher, aquilo era um golpe muito forte.

Os membros do sindicato estavam reunidos para discutirem a pauta. Okei subia as escadas para levar chá, quando escutou a voz do marido.

– É um desafio convencer a minha esposa a se conscientizar disso. Não vai ser fácil...

Não era a primeira vez que Okei o escutava dizer isso.

– A [revolução] começa pela cozinha... sabemos que isso é um formalismo incontestável. Ogawa, você é muito bonzinho; bonzinho demais.

– Tenho que admitir que quem manda em casa é a patroa.

– Se for discutir com minha esposa, eu perco. Toda vez que discuto algo teórico com a minha *wife*, sempre sou eu que saio perdendo – depois desse desabafo, todos começaram a caçoar dele, que se encolheu como que abraçando o próprio corpo.

Pela manhã, Ryūkichi escovava os dentes. Ao lado, na pia da cozinha, Okei colocava-lhe água morna na bacia.

– Conhece Rosa? – perguntou seu marido de súbito, enquanto palitava os dentes, pensativo.

– Rosa?

– Sim, Rosa.

– Se for Lenin, eu sei...

– Como é bobinha – Ryūkichi disse baixinho.

Okei não tinha interesse nem tampouco se esforçava para entender esse tipo de assunto. Sabia que dificilmente conseguiria entender e, mesmo que entendesse alguma coisa, tinha a impressão de que tal conhecimento não serviria para nada. Lenin e Marx eram nomes que aprendera com a filha Yukiko. Quando soube deles, notou que esses nomes eram frequentemente citados por Kudō, Sakanishi, Suzumoto, membros do sindicato de seu marido. Por isto, quando ela, sem querer, viu um folheto e comentou “Marx é como uma divindade para os trabalhadores, não é?”, seu marido ficou surpreso e, ainda que ele indagasse, em tom de elogio, onde foi que ela ouviu isso, Okei não sentiu nenhum contentamento pela reação dele.

Okei não levava a mal os atos do marido e dos membros do sindicato. Mas, no início, Okei tinha medo. Intimidava-se ao ver os membros do sindicato, por considerá-los um grupo tenebroso. Essa impressão perdurou em seu íntimo durante muito tempo. Mas conversar com esse pessoal era bem melhor a ter de falar com os cínicos professores que trabalhavam na escola de seu marido, com seus risinhos afetados. O pessoal do sindicato costumava conversar sem reservas e sem preconceitos. Eles pareciam crianças e faziam Okei morrer de rir e, após superar a hesitação inicial de jantarem juntos, com o tempo, o pessoal é que começou a exigir o jantar. Pediam trocados para pagar o banho público e ficavam com o troco do cigarro. Mas, essas atitudes aconteciam de modo casual, espontâneo e sem rodeios e, aos poucos, esse convívio fez com que passasse a ter afeição por eles.

Quando ocorreu a greve geral dos portos, Okei ouviu “boatos terríveis”. A princípio, foi difícil para Okei aceitar a ideia de que Kudō e Suzumoto eram os coordenadores dessa “terrível” greve.

– Para quem, afinal, aquela greve é terrível? Para o rico? Para o pobre?

Foi o que seu marido disse. Mas, em seu íntimo, ela sabia muito bem qual era a real implicação dessa greve

– Não se trata apenas de implicação.

Nos jornais, todos os dias, em letras garrafais, noticiava-se sobre a greve. As manchetes eram baseadas em suposições do tipo “Será que eles vão deixar a cidade no escuro para incendiar a casa dos ricos?” ou “Eles foram presos após terem entrado em confronto com a polícia.” (Wata e Kudō estavam envolvidos nesses incidentes). “Esta greve é uma maldição que cai sobre a cidade...” Okei franzia a sobrancelha só de imaginar que o marido Ryūkichi estava envolvido nessas questões de greve e que costumava passar várias noites no escritório do sindicato. Quando Ryūkichi voltava para casa, empalidecido de exaustão por não ter dormido e com a preocupação estampada no rosto, ela indagava “está tudo bem?”.

– Até a metade do caminho, tinha um espião na minha cola, mas consegui despistá-lo.

Após dizer isso, ele foi se deitar e se enrolou no futon.

–Acorde-me às cinco.

Okei permaneceu sentada ao lado do travesseiro durante um bom tempo. Até então, Okei jamais dissera qualquer palavra sobre as atividades do marido. Mas até que ponto todo esse sofrimento e sacrifício realmente valeria a pena? Às vezes, ela achava que essa sociedade – a tal sociedade proletária – motivo de tanto entusiasmo, estava longe de acontecer. Também tinham Yukiko. Na verdade, ela não queria que ele se excedesse e fizesse algum absurdo. Não conseguia evitar um certo descontentamento quando lhe vinha à mente que os atos do marido poderiam levá-los à incapacidade de manterem a subsistência da família.

Mas Okei, por meio dos membros do sindicato, conhecia várias histórias a respeito da vida miserável dos trabalhadores, de seus sofrimentos, e que eram sofrimentos muitas vezes insuportáveis. Ela sabia que era por isso que os trabalhadores protestavam contra os ricos que os exploravam e os achacavam; e o porquê de os trabalhadores xingarem os ricos, que oprimiam a classe trabalhadora, de “Filhos da puta!”. Os membros do sindicato é que instruíam os trabalhadores a ampliarem o poder de luta. Okei estava ciente disso. Ela sabia que, a despeito de o marido e os companheiros estarem fazendo algo que não sabia quando daria certo, a sua intuição era de que o que eles faziam era algo realmente grande e importante. E, desde então, passou a sentir algo semelhante a um leve orgulho.

Após ter sido preso pela terceira vez, Ryūkichi foi demitido do colégio e passou a ganhar a vida com uma loja de miudezas. Mais tempo, menos tempo, Okei sabia que isso podia acontecer, mas, mesmo ciente disso, ela sentiu uma vertigem como se, de repente,

levasse um soco. Mas, com o tempo, aprendera a não ficar insistentemente se queixando e se preocupando com isso.

Ryūkichi, ao perder o emprego que o mantinha ocupado, passou a se dedicar ativamente ao movimento grevista. E, conseqüentemente, espiões passaram a bisbilhotar a casa com maior frequência. Okei sentia calafrio quando via algum homem estranho rodeando a entrada da loja. Se fosse apenas isso, ainda estava bom. Mas, às vezes, esses estranhos olhavam o letreiro, entravam na loja e falavam – venha conosco até a delegacia – e levavam Ryūkichi à força. Ver o marido ser levado de casa por dois homens à paisana era uma cena difícil de suportar. Depois que partiam, restava um estranho sentimento de vazio que permanecia por muito tempo. Talvez Okei tivesse o coração mais fraco do que os outros, por isto, quando esse tipo de coisa acontecia, o coração ficava horas a fio batendo mais forte que o normal. E, pressionando o peito, pálida como uma folha branca, ficava vagando pela casa.

Não era algo a que Okei conseguiria se acostumar facilmente. Não importava quantas e quantas vezes isso se repetisse, pois, para ela, era como se fosse sempre a primeira vez: tremia, apavorava-se, ficava confusa. E o marido sempre tentava acalmar a esposa. Mas, para uma mulher, isso era um golpe muito forte.

Na madrugada de 15 de março, ela foi acordada. A casa já estava sendo revistada e o diálogo entre o casal foi proibido. Quando cinco, seis homens do tribunal e policiais levaram seu marido, Okei ficou triste, murcha, sem chão. Não tinha noção de quantas horas se passaram enquanto ela estava ali no chão do quarto. Só depois de um bom tempo, ela se percebeu em prantos.

Naquela manhã, Yukiko despertou com o estranho barulho na casa. Abriu os olhos e, ainda sonolenta, olhou ao seu redor. Que horas seriam? Pensou que fosse de manhã. Do cômodo ao lado, escutou um barulho agitado de cinco, seis homens. Era estranho isso estar acontecendo no meio da noite, mas a luz estava acesa. Ainda não havia amanhecido. Não era possível que já fosse de manhã. O que estaria acontecendo? Escutou passos de alguém andando sobre o tatame, sem se importar de fazer barulho.

– Vou verificar o próximo cômodo – alguém disse próximo à porta corredeira.

– É quarto de dormir. Não há nada – foi a voz da mãe que falava bem mais baixo que o normal.

– Pode vasculhar! – era a voz do pai.

– E se a Yukiko acordar!?... – disse a mãe.

Yukiko escutou apenas alguns trechos da conversa. “Se alguém entrar, preciso fingir estar dormindo”, pensou.

Tiraram objetos da prateleira, mexiam ruidosamente os jornais, ergueram o tatame, vasculharam cada uma das sete gavetas da cômoda. “Eles abriram todas as gavetas”, pensou Yukiko que contava mentalmente a quantidade de gavetas. Depois, vasculharam os armários da cozinha. Yukiko sentiu um gélido vento frio e sorrateiro enrijecer seu corpo. Assim, por mais que se curvasse, mudasse de posição, o frio não parava de fazê-la tremer. Em pouco tempo seus dentes começaram a bater. Assustada, tensionou o queixo para que os dentes parassem de bater. Não escutava a voz de seus pais. O que estaria acontecendo? As únicas vozes que escutava eram de estranhos.

Muitas pessoas frequentavam sua casa até altas horas. Mas as pessoas que ali estavam eram diferentes e assustadoras.

A porta de correr foi aberta. De repente, um brilho largo, intenso e ofuscante penetrou diagonalmente o ambiente. Yukiko apavorou-se e fechou os olhos. As batidas do coração aceleraram de uma hora para outra. Fingiu despertar devagar, espremeu os olhos e os entreabriu para enxergar alguma coisa. Sua mãe estava com as mãos cruzadas sobre o peito e observava o rosto sonolento da filha. Tinha o rosto extremamente pálido, beirando ao sobrenatural. Seu pai, um pouco distante, observava as mãos das pessoas que vasculhavam as coisas. Talvez, por estar ao lado da luz dependurada, seu rosto aparentava estranhamente enfurecido.

Havia cinco desconhecidos. O que aparentava ser o superior hierárquico tinha um bigode e uma grande pasta de couro preta. Ele disse algo para os homens que remexiam as coisas. Estes obedeciam conforme orientado. Havia dois policiais. Os outros dois estavam à paisana. “O que será que o pai fez? O que eles pretendem fazer?”, pensou. Um deles mexia nos materiais escolares de Yukiko e balançou os livros, um a um, com as páginas voltadas para baixo. Sem nenhuma cerimônia, espalharam sobre o tatame vários de seus jogos de lazer. Os sentimentos de Yukiko afloraram incontrolavelmente e seus olhos começaram a transbordar em lágrimas.

– Aí só tem coisa de criança... – disse a mãe, com a voz baixa.

Os homens resmungaram algo incompreensível e continuaram vasculhando.

Terminada a revista, deram uma última olhada ao redor e foram embora. A porta de correr fechou. O quarto ficou escuro. Yukiko estava prestes a gritar em prantos.

Seu pai e o Pasta-de-Couro conversavam inicialmente algo baixinho. Aos poucos, o tom de voz foi aumentando e Yukiko pôde ouvir a conversa.

– De qualquer forma, precisamos que nos acompanhe – dizia o Pasta-de-Couro.

– O que significa “de qualquer forma”?

– Não vamos dizer aqui. Basta vir.

As palavras começaram a se tornar rudes.

– Qual seria o motivo?

– Não sei.

– Então não sou obrigado a ir.

– Se é obrigado ou não, não vem ao....

– É ilegal. Um absurdo fazer esse tipo de coisa.

– Não é absurdo. Já não disse que basta vir que vai entender?

– É o mesmo método de sempre!

– Não importa o método. Basta vir, e pronto.

Seu pai subitamente se calou. Então, a porta de correr abriu bruscamente e seu pai entrou. Atrás dele estava a sua mãe. Os cinco que estavam no corredor permaneceram em pé e olhavam para dentro do quarto.

– Calça!

Seu pai falou com o tom de voz bravo para sua mãe. Ela, em silêncio, entregou-lhe a calça. Seu pai colocou uma perna dentro da calça. Mas, para colocar a outra perna, se enroscou várias vezes. Ele estava tão alterado com a situação que sua bochecha tremia. Ele colocou a camisa, mas não conseguiu fazer o nó da gravata. Ao ver isto, a mãe tentou esticar a mão para ajudar.

– Deixa! Pode deixar! – disse rispidamente e se desviou dela. Ele estava extremamente desnorteado.

Sua mãe, apavorada, tentou conversar algo com seu pai.

– Não permitimos. Vocês não podem conversar – foi o que disse o Pasta-de-Couro em tom de sentença.

O quarto de Yukiko novamente ficou na escuridão. Eram muitos passos barulhentos em direção à saída da casa. Abriu-se a porta. O barulho dos pés estagnou um instante e Yukiko escutou alguém conversando. Ela não se conteve e, de pijama, levantou-se. No instante seguinte, começou a tremer de frio da cabeça às unhas dos pés. Abriu uma pequena brecha entre a porta e bisbilhotou. Seu pai estava na saída agachado, amarrando os sapatos. Os outros estavam de pé. Sua mãe estava com as mãos no peito, encostada na coluna da saída, com o rosto empalidecido, num tom branco azulado. Um silêncio estranho.

De repente, Yukiko entendeu o que estava acontecendo. Finalmente, caiu em si. “ – Foi Lenin! Tudo isso é culpa do Lenin”. Havia muitos livros dele na sala de estudos de seu pai e as fotos dele coladas na parede. Yukiko viu. Tinha uma foto dele calvo que lembrava o funcionário Yoshida da escola. E, todas as vezes que vinham membros do sindicato, ela cantava várias músicas com eles. A ingenuidade de criança com relação às músicas infantis a fez decorar “Canção da Bandeira [Vermelha]” e “Canção para May Day”, bem mais rápido que os adultos. Yukiko cantava as músicas “Karatachi” e “Kanariya” na escola e em casa, sem se preocupar em entender a letra. Por isso, inúmeras vezes os membros do sindicato a elogiavam. “Meu pai não é uma pessoa má, por isso jamais faria algo de ruim”, pensou. Para Yukiko, não havia outro culpado senão “Lenin” e a “Canção da Bandeira [Vermelha]”. Só podia ser isso, pensou.

Seu pai se levantou. Os dentes de Yukiko se batiam como na noite do incêndio. Todos foram para fora. O rosto empalidecido de sua mãe se moveu brevemente. Seus lábios queriam dizer algo, mas nenhuma palavra tomou forma. Talvez até tenha dito algo, mas Yukiko não conseguiu escutar. Percebeu que sua mãe segurava com força o pilar em que se apoiava. Seu pai ajeitou novamente o chapéu e olhou para a sua mãe. Desabotoou o único botão do colete para, em seguida, abotoá-lo novamente e, inquieto, olhou novamente para o rosto de sua mãe. Metade do corpo de seu pai já estava do lado de fora da casa.

– Cuide da Yuki! – disse seu pai com uma voz áspera e seca, depois forçou uma tosse.

A mãe, em seguida, saiu como se acompanhasse o marido.

Yukiko voltou para o quarto. Deitou-se de bruços e chorou com o rosto no travesseiro. Subitamente sentiu ódio das pessoas que o levaram. “Odeio aquele homem, e aquele outro

também”, pensou. Ao pensar neles, chorou copiosamente. Enquanto o medo a fazia tremer e gritar por “Papai, Papai!”, chorava com todas as suas forças.

— —

Ni – Capítulo Dois

O ar estagnou e parecia estar palidamente congelado. Nada de som, nada de ninguém. Assim, foi-se a noite. O frio parecia penetrar nos ossos. Eram três horas da madrugada.

Da rua, em que a neve congelou, subitamente surgiu o som de passos. Eram de cinco a seis pessoas, a quebrar o gelo. O som vinha de uma viela meio escura. O silêncio da cidade potencializava o barulho dos passos. Os passos avançaram até uma rua, um pouco mais larga, com um poste com uma lâmpada nua. Havia um policial com o chapéu na cabeça preso por um cordão no queixo. Segurava o espadim para que não fizesse barulho.

Os policiais subiram de sapatos, contrariando o costume, para o segundo andar da União Geral dos Trabalhadores.

Fazia pouco mais de uma hora que os sindicalistas dormiam. No dia 15 eles discutiram sobre o manifesto dos espadins no ministério⁵⁴. Naquela noite, todos se reuniram para colar cartazes pela cidade, fazer uma assembleia reunindo os membros permanentes e, quando perceberam, já eram duas da manhã. Ajeitaram as coisas para se recolherem, quando foram abordados.

Sete, oito sindicalistas, foram surpreendidos e tiveram os edredons puxados subitamente e acordados [com chutes de sapatos]. Foram acordados como vagabundos. Todos se levantaram pesadamente como troncos de madeira que pendiam de um lado para outro, cambaleantes.

Suzumoto pensou, “que droga! Mas será que...” “Será que estão nos levando porque o direito de opinar está sendo ostensivamente reprimido? Era de se esperar que no dia do movimento contra o Primeiro Ministro Tanaka, [a polícia] tentasse impedir o ato e, quanto a isso, estávamos preparados, mas os ([desgraçados]!) agiram antes, nos prendendo, após

⁵⁴ Referência ao Governo.

realizarem uma mega operação de investigação. Esses [desgraçados] chegaram bem na hora”
– pensou.

Sakanishi que estava agachado se incomodou quando alguém lhe disse “Sindicalistas burros!”.

– O que tá acontecendo? – perguntou para um dos espiões que já conhecia de vista.

– Não sei.

– Não sei? Tá de brincadeira? Tamo com sono!

Em seguida, subiu um cara trajando roupas orientais e este começou a verificar os papéis.

– Vocês ficam vagabundando num lugar como este e não estão fazendo nada de decente e, por isso, ficam me arranjando trabalho. Foi o que disse o Policial de aparência e atitude arrogante que, para Suzumoto, lembrava muito Guān Yǔ⁵⁵, com um jeito venenoso de falar. Suzumoto não ousou tirar um sarro com a cara dele.

– Vão trabalhar! E logo esses pensamentos tolos desaparecerão.

– Fale sozinho. Quem irá dar bola para você!?

– Quero a colaboração de todos.

Sakanishi era sempre sorriso e servia chá. O grupo o considerava com um parafuso a menos. Onde quer que fosse, era um perdido, displicente. Mas possuía uma bondade encantadora.

Neste momento, Wata precipitou-se para descer as escadas, mas um policial entrou na sua frente.

– Onde vai?

Suzumoto, vendo a atitude de Wata, estranhou não só o ato, mas a palidez de seu rosto. Sempre jovial, sempre encabeçava a fila para o trabalho, sempre disposto, “pau-para-toda-obra”. O Wata que estava ali não era o mesmo. Suzumoto percebeu um mau pressentimento sobre Wata.

⁵⁵ Lendário general chinês popularizado pelos pintores japoneses em personagem de kabuki. Estima-se que tenha falecido em 220.

Os policiais cercaram o grupo por ambos os lados para descerem as escadas. Exceto Wata, todos estavam bem. Estavam acostumados a este tipo de situação. Um, dois tapas voaram.

Quando acontecia algo ruim, logo o Saitō, o mais animado, costumava dizer: .

– Nós temos de ser combatentes.

Ele se aproximou de Suzumoto.

– Isso vai atrapalhar o “evento” de amanhã, temos de ser resilientes.

– Sim, temos mesmo.

Saitō tentou dizer mais algo.

– Ei, ei!

De repente, um policial, por trás, puxou o pescoço de Saitō para o separar de Suzumoto.

“A bandeira do povo é [vermelha]....”

De repente, alguém lá na frente começou a cantar.

Plaft. Reverberou o som de um tapa.

– O que é!? Desgraçado! Era a voz de alguém que partia para a briga. Som de [golpes] de espadim, tapas, confusão.

Todos estavam de braços dados. Propositalmente, pisavam para fazer estrondo ao caminhar.

– Silêncio! – Esbravejou o pequeno Saitō com toda sua força e parou.

– Ei! Todos são contra sermos levados sem saber o motivo, certo!? Vamos perguntar!

Isso, isso! – todos concordaram.

Suzumoto não tirava os olhos de Wata. Sempre nestes momentos agia como uma mola impulsionando todos, contudo, agora estava parado feito uma estaca.

Um policial deu uma volta ao redor do pequeno Saitō. Os demais sindicalistas, levados para fora, estavam esgueirados ombro a ombro entre os policiais. Este atrito entre os corpos criou um pequeno redemoinho.

– Idiota, diga o motivo!

– Basta você ir – aqui também a história se repetiu.

– Basta ir!? Acha que me contento em ser levado para um lugar podre?

– Violação dos direitos humanos! – gritavam ao fundo.

Um [policial] socou Saitō. O cordão humano que fizeram ao redor dos sindicalistas sofreu um abalo. Eles cerraram os punhos e tentaram passar para o lado de fora do cordão humano em que estavam. Então, a confusão se generalizou.

– Desgraçados! Desgraçados!

Parecia que Saitō era sufocado e sufocaram-lhe a voz – Desgraçados, não adianta vocês fazerem isso. O movimento ... pensam que....droga...pensam que sumirá! Merda!

Todos, exaltados, gritavam.

Parecia que algo chamou a atenção de Wata. Alguém forte, de ombros largos, entrou na briga. Ao ver isto, Suzumoto percebeu que não era nada e ficou tranquilo.

– Enquanto não tiver um motivo lógico, todos nós, nos negamos a ir – disse com uma voz falha e baixa. A voz baixa de Wata possuía um grande poder misterioso para o grupo.

Ishida, que estava longe da confusão, expressava uma falsa coragem para o grupo no meio da briga. Como sempre, de histórico de vida sofrido, observava em silêncio. Há momentos para confusão, mas também há momentos para se evitar, pensava Ishida. Ponderou bem a situação e não tinha imaginado que, para ambos os casos, ficar sem lutar poderia não ser uma escolha.

Ishida não parava de pensar que Saitō era uma pessoa acometida de raiva. Para Ishida, muitos que participavam do movimento eram, principalmente, o “tipo” Saitō, que se tentava evitar. Para estes imaturos, era um desperdício utilizar termos inteligíveis de desprezo.

– Num momento como este, de que adianta reagir, guerreiros proletários?

Ishida cuspiu ao redor, enquanto esfregava o chão com a ponta do sapato.

Com a saída de Wata, a união dos demais se tornou mais firme. Neste momento, adentraram sete ou oito policiais no recinto e desfizeram a união. O grupo se tornou um grande amontoado humano e foram conduzidos para fora.

Da porta penetrou um ar frio cortante como navalha. Próximo do crepúsculo, esfriou abaixo de 20 graus Celsius e o grupo estava de pijama, o que tornou a sensação ainda pior. Todos enrijeceram o corpo para conter o frio.

Não havia uma simples claridade na noite. Pisavam a neve sob um céu escuro e a cidade ainda permanecia em silêncio. Ao caminhar sobre a neve, escutava-se o barulho de gelo se quebrando. As camisas encardidas que Ishida e Saitō usavam sob os veludos estavam pegajosas e conduziam rapidamente o frio para o corpo. Toda a pele passou a doer. Aos poucos, a ponta das mãos e dos pés perderam a sensibilidade e começaram a formigar.

Todos foram conduzidos para fora de braços dados com um policial.

Quase uma semana atrás, um rapaz que mal tinha 20 anos, Shibata, entrou para o sindicato. Desde o início, não pronunciava uma única palavra e tinha o rosto estranhamente repuxado. Quando todos gritavam, ele se empenhava em se manifestar também. Mas suas bochechas, que lembravam massinha escolar semi-ressecadas, tinham espasmos musculares descontrolados. Ele pensou que este tipo de situação poderia ocorrer a qualquer momento, por isso, precisava se acostumar a ela o quanto antes. Agora, por outro lado, para uma primeira vez, o impacto foi muito forte. Foi arremessado sem estar preparado. Já não era mais o frio, seu corpo tremia, tremia e seus dentes batiam incontrolavelmente.

Todos formavam um amontoado cinza a caminhar pela cidade, de rua em rua. Para se protegerem do frio, atritavam os corpos entre si, massageavam, colocavam força nas passadas. Na rua silenciosa, o único som que se ouvia eram os passos de 20 pessoas.

Os sindicalizados estranhamente forçavam o silêncio. Neste ínterim, um sentimento difícil de expressar em palavras começou a surgir e tomou conta de cada um, como um papel a absorver a tinta. Quando um grupo se desloca de modo uniforme para uma mesma direção, comprime as diferenças que há dentro de si, e, desta situação sufocante, surge apenas um único sentimento. Suzumoto-Guān Yǔ, Wata, Burro do Sakanishi, Saitō, Ishida, o Café-com-Leite Shibata e os outros sindicalistas adquiriram as mesmas cores com a aquisição de uma consciência coletiva. Esta situação penetrou com intensidade na consciência. “Isto” surge em

momentos estranhos como este. Eles não poderiam perder este sentimento. “Isto” é a liga que dá unidade aos proletários.

Agora, os nove tornaram-se um, um único tanque. Deram-se os braços de modo firme, com os ombros lado a lado, fitavam adiante com o olhar sombrio mas penetrante e – dirigiam-se para um único objetivo – pareciam avançar [rumo à revolução].

三

San – Capítulo Três

Okei, depois que seu marido foi levado daquela forma, não suportava a sensação de vazio que existia na casa. Pensou em ir à casa do secretário do grupo, Kudō, que às vezes os visitavam. Além disso, queria saber da situação, como estavam os demais sindicalizados e os próximos assuntos a serem discutidos. Mas, de fato, até Kudō fora levado para investigação.

Quando a polícia botou os pés na casa de Kudō, o interior era de total breu. Enquanto o policial iluminava seu rosto com uma lanterna, dizia “– Ei! Levanta!” e o empurrava com a mão. As três crianças despertaram e choraram em uníssono. O policial que vasculhava o campo de iluminação da lanterna, parecia dançar. Então, no meio do escuro, fez-se o som de acionar interruptores.

– O que acontece?

– Não tem luz-disse Kudō que até então estava sem dizer nada, em contraste ao policial que estava afoito.

A energia da casa de Kudō fora cortada dois meses atrás. Mas, por assim dizer, ele não tinha dinheiro nem para comprar velas. Quando anoitecia, fazia as crianças brincarem nas casas vizinhas. A esposa, Oyu, ia para o sindicato. Viveram sessenta dias sem luz em casa.

“Luz que aquece, família alegre!”⁵⁶ para eles que só tinham a escuridão, era um *slogan* de merda.

Ao dizer, “fique tranquilo, não vou fugir”, Kudō riu.

⁵⁶ *Akarui dentō akarui katei* 「明るい電燈、明るい家庭」

Oyu disse para as crianças que choravam.

– Ele não é estranho. Vem sempre aqui. Não é nada demais, vamos, parem de chorar.

Uma por uma, as crianças pararam de chorar. Os filhos de Kudō estavam acostumados com a polícia. Os membros do sindicato diziam, meio que brincando, que Oyu tinha a reputação de ensinar a correta “educação proletária” para os próprios filhos. Mas, para a própria Oyu, não existia uma razão para fazer isso. Oyu era filha caçula da casta mais baixade agricultores da província de Akita. Ela parou os estudos na segunda série do primário e, até a primavera dos quatorze anos, trabalhou como babá para um dono de terra. Carregava nas costas uma criança de má natureza e temperamento difícil. O patrão a espancava a torto direito e a patroa, que era pior que o patrão, além de rancorosa, gostava de maltratá-la sem dó. Por cinco anos, sem um dia de descanso, foi explorada. Quando finalmente deixou aquele lugar para retornar para casa, puseram-na para trabalhar na plantação. Passava o dia semelhante a uma *emishi*⁵⁷, com as costas tão curvadas a ponto de formar uma corcova. Por este motivo, aumentou o fluxo sanguíneo para a cabeça. Com maior fluxo sanguíneo na cabeça, as bochechas e as pálpebras inchavam.

Aos dezessete, casou-se com Kudō, da vila vizinha. Um dia depois desse dia! – por ser bem na época da colheita de outono terminar – ela precisou empurrar um vagonete⁵⁸ junto com Kudō para um turmeiro, num trabalho exaustivo na linha férrea. Ao entrar em casa, depois de retornar esgotada, semelhante a um trapo, vislumbrou uma montanha de afazeres domésticos. Oyu sofreu um golpe tão forte que não conseguiu se manter de pé. Ficou escorada no carrinho, cambaleando, na cozinha. Depois de um dia fritando sob o sol, empurrando carrinho, pela primeira vez ficou no limiar da consciência, devido a fadiga e a cólica menstrual, e, por fim, desmaiou, tombando de costas.

Depois que as crianças nasceram, as coisas pioraram. Neste momento, sem saber o que fazer, Kudō e Oyu colocaram um volume de pertences cada um nas costas e deixaram a cidade ao anoitecer. Era uma noite escura, de ventos de neve, quando partiram rumo à Hokkaido.

⁵⁷ Povo antigo do norte do Japão, da ilha de Hokkaido. Na Restauração Meiji foi considerado povo de etnia diferente dos japoneses da ilha Honshu, central, cujo fenótipo estereotipado é de povo barbudo e peludo.

⁵⁸ Do japonês, *torokko* トロコ Semelhante a um carrinho minerador, pela própria constituição pesado, utilizado para carregar carvão mineral.

Em Otaru, conseguiram serviço numa fundição. Não viram muita diferença em Hokkaido como as pessoas diziam. Não era um lugar tranquilo para Oyu morar. Então, para onde deveriam ter ido? Existiria um lugar que deveriam ter ido? Onde quer que seja, para o proletário é tudo igual...

As mãos de Oyu eram um corpo estranho para si própria. Sentia como se fossem pinças de um caranguejo enraizadas aos ombros. A pele era áspera como casca de árvore e a sujeira preta estava impregnada. Talvez essa sujeira jamais saísse de sua pele. Quando a criança em suas costas sentia coceira, em vez de Oyu coçar o local com a unha, acariciava com a sua mão áspera. E, para a criança, o toque dessa mão áspera era bem mais gostoso do que se fosse coçada com a unha.

Oyu sabia com exatidão, diante da própria experiência de vida sentida na pele, o que eram pessoas insuportavelmente odiosas. Depois que o marido passou a participar do sindicato, essa consciência se tornou ainda mais nítida em sua cabeça.

Por várias vezes, Kudō ficou uma semana sem voltar para casa por causa do trabalho no sindicato. Oyu, sozinha, trabalhava e precisava cuidar das crianças. Mas, desta vez, ela trabalhava com um sentimento diferente de até então. Foi para o porto e passou a fazer serviços de carregar carvão mineral, costurar sacos para amido de milho e grãos, separar feijão verde na fábrica. Com um filho na barriga de nove meses, carregou sacos de carvão da barcaça para o armazém.

A porta de correr de dentro da casa era só a armação e deixava passar o vento frio de inverno. Oyu não tinha dinheiro para comprar papel para reformar a porta, por isso, ganhava jornais velhos do sindicato para colá-los. Havia *Jornal do Proletário*, *Jornal do Trabalhador Agrícola*. Ornava notícias incendiárias de greves, manchetes gigantescas como labaredas de “FOGO” coladas na diagonal, de cabeça para baixo ou com a metade escondida. Quando tinha tempo, costumava ler uma notícia e outra. Quando as crianças perguntavam o que era isso ou aquilo, ela lia para ouvirem. Na época de eleições, a casa ficava repleta de cartazes, placas e propaganda de revista colados nas paredes. Quando Wata e Suzumoto iam à casa de Kudō, ficavam dando voltas, olhando espantados. Contentes, diziam “Nossa Casa”.

.....Kudō levantou-se para se vestir. Enquanto se vestia, imaginou que, desta vez, ficaria mais tempo fora. Se isso acontecesse, como ficaria a casa, que não tinha nem um centavo, durante sua ausência? Aos poucos este sentimento tornou-se pesado em seu íntimo. Este era o sentimento de sempre, neste tipo de situação. Estar com o pessoal do sindicato

costumava ser divertido, mas quando encarava a realidade dentro de casa, a situação não era assim. Ao pensar na esposa e filhos, sentia um aperto no coração.

Oyu ajudou-o a se arrumar e disse:

– Vá e volte logo para casa.

– Hum....

– O que será agora, alguma suspeita?

Ele estava em silêncio, mas, por fim indagou...

– Você acha que consegue dar conta? Desta vez, talvez demore um pouco.

– Aqui? Tudo bem.

Oyu respondeu com jeito radiante e animada.

O mais velho, ainda balbuciando, entendendo o que se passava, disse.

– Papa, té mais.

– É impressionante vir para essas casas – disse o policial.

– Até parece uma situação óbvia, a família se reunir para se despedir.

– Nossa luta não foi feita para este tipo de situação, para toda hora ficar chorando ou reclamando.

Para aplacar a tristeza no peito, Kudō deu uma resposta atravessada.

– Desgraçado, se disser mais alguma gracinha, acabo com você na bordoadá.

O policial esbravejou.

Ele pensou em dizer algo para a esposa. Mas ele, de natureza rude, não sabia o que dizer. Será que ela passará apuros novamente, pensou, (claro que sim, e não seria apenas a sua esposa). Sentiu suas pernas fraquejarem e estranhamente suas forças se esvaírem.

– Pode deixar, vamos conseguir dar um jeito.

Oyu olhou para o rosto do marido e repetiu. O marido, em silêncio, balançou a cabeça em concordância.

A porta fechou. Oyu escutou, por um momento, o som dos passos se distanciarem.

Oyu sabia que esta cena se repetiria uma centena de vezes até que a sociedade fosse aquilo que imaginavam. Para que este tipo de sociedade chegasse, eles precisariam ser o “degrau” da próxima geração, talvez até ser [enforcado]. Ela ouviu que quando um grande exército de formigas está se deslocando e adiante há um rio para atravessar, as formigas da frente entram no rio para se aglomerarem afogadas e se tornarem uma ponte de mortos para as que vierem depois poderem passar. As formigas da frente teriam de ser eles, os mais novos do sindicato costumavam dizer isso. Isto sim era realmente necessário.

– Não, ainda não!

Disse Oyu para Okei.

Okei meio triste se animou e concordou com a cabeça.

四

Yon – Capítulo Quatro

Esta prisão para averiguação foge do normal por ser de grande abrangência, Okei soube de Oyu. Os funcionários da fundição XXX foram levados de uniforme mesmo. Todos os dias, cinco, dez autônomos do cais e do armazém, são levados para investigação. Até estudantes, dois, três foram levados.

Inclusive Sata, o colarinho branco, que participava das reuniões de estudo de terça-feira à noite, foi levado com dois dias de atraso.

Sata, às vezes, contava um pouco sobre sua vida para Ryūkichi e os outros. Só tinha a mãe que dependia dele. A mãe estava triste e tinha calafrios só de saber que o filho estava se envolvendo com assuntos do sindicato. Para que ele pudesse cursar o Colégio Comercial, a mãe trabalhou, trabalhou e trabalhou incessantemente por oito anos até atingir o limite físico. Ele sentia como que tendo se alimentado aos poucos do corpo da mãe por oito anos. Mas o que a mãe dele esperava era ver o filho se formar e se tornar bancário ou funcionário de escritório, para se vangloriar do salário do filho, passar um longo dia saboreando chá, conversar com os vizinhos, viajar uma vez ao ano para a terra natal e, com o bônus anual,

poderia ir para o onsen⁵⁹..... Ela esperava não ter de, todos os meses, como até agora, ficar ansiosa pelo pagamento do salário, arranjando desculpas, frequentando casa de penhor ou ter os bens confiscados. Esperava mudar de vida e poder aproveitar os dias de felicidade inimagináveis. A mãe, por um longo, longo período (acho que longo até demais) diante do sofrimento, só pensava nisso, ansiava por isso. Só por este motivo, suportou o sofrimento.

Todos os dias ia para a fábrica para no fim do mês receber o pagamento.

A mãe, por um longo tempo, longo até demais, ansiava por conquistar essa vida que considerava perfeita. Quando Sata concluiu o colégio, encontrou um emprego e recebeu o primeiro envelope com o pagamento, a mãe fitou esse envelope repousado sobre seus joelhos e, um tempo depois, começou a tremer de modo discreto.

Pegou o envelope e pressionou contra a testa inúmeras e inúmeras vezes. Enquanto para Sata era uma alegria estranha, mas que logo se acostumou, ele subiu para o segundo andar da casa. Passado um momento, o som do sino do *butsudan*⁶⁰ veio do andar de baixo.

Leu até a hora do jantar e ao descer havia mais comida que o normal.

Havia uma vela iluminando o *butsudan* onde estava o envelope.

– Ofereci para o papai – disse a mãe.

Até então estava tudo bem.

A mãe, no entanto, percebeu que havia várias fotos coladas no quarto de Sata, que não existiam até então.

– Como se chama esta pessoa?

A mãe apontava para foto de um rosto que parecia com a de um ainu⁶¹ pendurada na frente da escrivaninha. Parecia que o rosto saia dentre barbas e bigodes. Sata, abriu um sorriso.

– Você está bem? Está acontecendo algo?

Ela achou estranho. Notou um aumento significativo de livros de capa vermelha.

⁵⁹ Casa de banho com água termal.

⁶⁰ Oratório da família

⁶¹ Grupo étnico indígena do norte do Japão com a Rússia.

Ao receber uma carta da Filial XXX do Partido dos Trabalhadores Agrários, a mãe guardou-a às pressas em seu bolso. Quando Sata voltou para casa, ela entregou como se fosse um segredo tenebroso.

– Você, por acaso, não virou isso de ideologista ou algo assim, não é?

As feições de preocupação de sua mãe passaram a ser constantes. Ela passou a ter insônia e Sata descobriu que ela chegou a virar noites sem dormir. Viu-a chorando na frente do *butsudan* várias vezes. Sata percebeu nitidamente que era por sua causa. Para Sata, que cresceu em melhores condições que seus semelhantes, ver a própria mãe assim era como levar uma apunhalada no coração. Muitas vezes, Ryūkichi e Okei aconselharam Sata sobre estes assuntos.

Quando Sata estava no segundo andar, às vezes, sua mãe subia. Estas visitas passaram a ser cada vez mais frequentes. Sempre resmungava a mesma coisa.

– O que você fizer não vai resultar em nada. E tem eu também! E se eu ficar sem ter o que comer!? Você não era uma pessoa capaz de causar o terror das pessoas. Talvez esteja possuído. A mãe vai ao templo por você todos os dias para rezar pelo falecido pai....

Quando Sata se irritava.

– Você não entende! Gritava com a voz quase chorando.

– O que não entendo é o seu sentimento.

Dizia a mãe, de voz fraca e os ombros estreitos.

Quando Sata se irritava, deixava a mãe e descia para o térreo. Mesmo descendo, seus sentimentos não se acalmavam.

É a minha mãe que tenta me acovardar.

Não esperava que ela fosse minha inimiga, pensou com os ânimos exaltados.

Depois deste caso, aconteceu mais um episódio. Sata, tomado pela cólera, levantou-se.

– Entendi, entendi, entendi. Pronto, chega! – gritou de repente. – Pronto, parei! Como você disse, vou parar. Tá bom assim? É só parar? Vou parar, vou parar. Me deixa em paz!

Saiu de casa quase que empurrando a mãe. Só que ao sair, surgiu um sentimento contrário.

– Ela não entende.

No dia 16, Sata soube por meio dos amigos que ocorreu a grande prisão para averiguação de Ryūkichi e outros sindicalizados. Mas o grupo não sabia o motivo pelo qual ocorrera a prisão. Ao voltar para casa, Sata juntou vários papéis, arrumou-os, e pediu para seu vizinho guardá-los. Neste dia não ocorreu nada. Por um lado, enquanto ele respirava aliviado, pensou em sair para ver a situação do sindicato. Havia membros do grupo e muita gente não uniformizada na sede do partido e do sindicato que noticiaram fatos perigosos. Quem aparecesse no sindicato, poderia ter relação com o caso, logo, ser levado também. Kobayashi, do sindicato, ao passar tranquilamente diante do prédio no dia 15 à tarde viu um cara fortão não uniformizado sair da sede e agarrar seu braço. Com o susto, logo de imediato disse que era cobrador da gráfica. Ao dizer que veio buscar o pagamento, teve como resposta, agora não tem ninguém, “não pode, não pode”, disse o homem, despachando-o do local. Assim, foi imediatamente na casa dos demais sindicalizados avisar do perigo. O grupo conversou sobre o assunto. Sata sentiu-se aliviado por não ter ido ao sindicato.

Mas, no dia 17 à noite, quando Sata estava lendo o jornal vespertino, a polícia apareceu em sua casa. Para quando necessário, Sata estava precavido a manter a calma. Ele riu muito com cenas de personagens que “faziam papel de bobó” no cinema e antigas peças de teatro. Mas, no momento em que desceu as escadas para pegar o casaco, viu a mãe rente ao canto da sala com as mãos e os pés inquietos. Lábios trêmulos, parecia querer dizer algo, rosto pálido e olhos agitados. Os pés e as mãos mexiam-se como se quisessem se agarrar a algo, mas seu corpo não se movia um milímetro. Ao espreitar pela porta de correr, parcialmente aberta, petrificou.

Sata saiu acompanhado por três policiais. Pelo caminho pensava na mãe, chorou sozinho por um bom tempo sem que os policiais percebessem.

Ao voltar da casa de Kudō, Okei caminhou pela rua mais movimentada da cidade. Acabara de anoitecer. Não estava muito frio. A cidade estava sempre cheia, independentemente do horário. Pessoas caminhando, trenó com guizo puxado a cavalo, carros, o ir e vir dos ônibus. Um casal recém-casado conversava animado e observava uma vitrine de uma loja. “Uma mulher vestindo um casaco que parecia quentinho, um homem num aconchegante casaco de lã, um menor aprendiz, um grande recipiente para comida embrulhado em *furoshiki*, crianças...” Muitas pessoas quase se esbarrando, conversando, com passos ligeiros, andando à toa. Okei sentiu brotar uma estranha emoção. Naquele exato momento, naquela cidade estaria ocorrendo um grande acontecimento. Mas o que se vê aqui e

o que está acontecendo lá não há nenhuma relação. Está certo? Há dezenas ou centenas de pessoas que entram de cabeça no sindicato em prol de ajudar os trabalhadores, a massa de desempregados e será que o povo reconhece isso? Okei não sabia o que pensar. “Parece que aqui não foi nem um pouco afetado”, percebeu. É provável que o governo use de subterfúgios escusos para censurar os jornais. “Que golpe baixo! Mas os rostos e as atitudes das pessoas emanam alegria, satisfação, parecem estar atarefados”, pensou.

“Para quem seu marido e os outros estão lutando?” – Okei sentiu um estranho vazio de descontentamento.

– Meu marido e os outros estão sendo enganados!

– Que absurdo! O que estou dizendo!

Mas este sentimento sombrio parecia uma mosca de cavalo que não queria se desgrudar do seu corpo.

五

Go – Capítulo Cinco

Amanhece o dia [15]. Inúmeros policiais de chapéu aparentam agitação, entram na delegacia e saem dela. Cena que se repete inúmeras vezes. Um carro com a lataria pintada da cor do céu às vezes parava ao lado. Quando o carro agitava e fazia barulho do motor, a porta da delegacia abria com vigor e um policial, segurando o espadim com uma mão, saía às pressas na sua direção. O carro que estava em uma descida, fazia um barulho de explosão, o pneu entrava no vão criado no gelo, balançando a carroceria que deslizava e, de repente, sumia. Passado um instante, voltava, entrava uma nova pessoa e partia.

Foi criado um prédio anexo para ser usado como cadeia, que estava cheio.

As pessoas que já estavam encarceradas conversavam sem restrições e, ao ouvirem o barulho de chave, interrompiam a conversa e olhavam com apreensão para ver quem entraria pela porta da cela,. Entraram Wata, Suzumoto, Saitō, Sakanishi. Ao perceberem de quem se tratava, gritaram de alegria. O policial encarregado da guarda ficou vermelho como uma crista

de galo, endireitou o corpo e esbravejou, mas de nada adiantou. Os quatorze, quinze encarcerados sempre se viam, eram da primeira linha⁶² da manifestação.

Cada um com seu parceiro discutiam entre si, em voz alta, exaltados sobre a prisão ilegal. Pelo fato de estarem todos juntos, foram invadidos por impulso de forte sentimento de violenta opressão.

De repente, Saitō encolheu o corpo. Parou de falar, recostou-se totalmente na parede de madeira. Mordeu os lábios, ficou com o rosto vermelho e enrijeceu o corpo, dobrou suavemente o pescoço, inúmeras vezes, como um touro.

– Droga!

Ao perceber que seria impossível, agora chutava as paredes como um cavalo a dar coices. Os outros imitaram, aleatoriamente batendo nas paredes, chutando-as. Ishida (somente ele) caminhava resmungando de braços cruzados no meio da cela.

A porta abriu novamente. Mas agora, Suzumoto e Wata foram chamados para fora.

– O que aconteceu?

Com a ausência dos dois líderes, o desânimo tomou conta. Um parou de bater nas paredes. Depois dois pararam, aos poucos todos foram parando.

Ishida que estava no canto da cela, esticou as pernas e percebeu Ryūkichi de olhos fechados. Ele notou que Ogawa também estava de olhos fechados! Percebeu que o atual incidente deveria ser muito grande. Ao mesmo tempo, sentiu que a simpatia entre os detentos ajudaria a suportar a situação.

– Ogawa!– disse Ishida ao se aproximar.

Ryūkichi ergueu o rosto.

– O que será agora?

– Hum, eu também não sei. Pensei em perguntar para o Wata.

– Hoje derrubaria o Gabinete⁶³?

⁶² Em alusão ao front de guerra.

⁶³ Conselho de ministros do governo.

– Eu também achava, mas, se for isso mesmo, em um dia resolveria esta situação, mas...

Os demais rodearam os dois. Não sabiam o motivo da prisão. Era como se fossem tratados como filhotes de cão ou gato, colocados numa caixa contra sua vontade.

O fato de estarem encarcerados os revoltou.

– A lei diz o seguinte. Antes do amanhecer e, após o pôr do sol, não se pode prejudicar ou causar dano à vida, à pessoa e aos bens. Também diz que não se pode entrar sem a permissão do morador, sem que haja provas da existência de prática de jogos ilícitos e prostituição.

– Virão só? Está escrito “sem a permissão do morador”.

– Isso quer dizer que, se o morador não permitir, é proibido entrar na residência. O que é isso de ir entrando no meio da noite? E ainda sem dizer o motivo, nos prender para averiguação!? Isso é coisa que a [polícia] faça!?

Os trabalhadores escutavam em uníssono. Depois gritavam palavras como merda, desgraçados, e batiam o pé.

Ryūkichi estava exaltado.

– Mas olha só, na Constituição está assim. Vejam só, na Constituição! O povo japonês, de acordo com a lei, não pode ser submetido à prisão, confinamento, investigado, sofrer sanção. Só que olha para nós! Pisotearam formalmente a lei. Nem ao menos uma vez, tivemos o devido processo legal de prisão. Essa enrolação, esse monte de mentiras!

Falando deste jeito, todos nesta situação, na realidade, foram pegos de surpresa nesta armadilha [injusta], estavam a se contorcer, como se alguém tocasse no nervo do dente e a dor se propagasse por todo o corpo.

– Ei, vamos todos derrubar esta porta e perguntar o motivo?

– Vamos!– todos os outros exautados, concordaram.

– Vão causar um baita estrondo!

– Não, não! - Ryūkichi balançou a cabeça.

– O que foi? –Saitō, como de costume, tocou no ombro de Ryūkichi e perguntou.

– Já entramos assim, qualquer coisa é inútil. Pelo contrário, pode complicar pra gente. Nosso movimento, a massa lá fora, tudo! Não vai adiantar que cinco, dez pessoas que se acham importantes, resolvam enlouquecer e partir para a violência. Não podemos esquecer nossa regra nem em sonho!

– Por causa disso devemos ficar quietos!? Temos um grande motivo para isso, um grande motivo!

– Como sempre...– pensou Ishida ao lado.

Quatro policiais entraram.

Todos ficaram apreensivos e permaneceram na mesma posição, apenas observando. Um deles tinha o rosto enrugado com bigode, baixo, e o outro, de corpo robusto, circulou pela cela.

– Seus deploráveis! Isso aqui é uma delegacia, tão entendendo? Que barulheira é esta!?

Cada um foi encolhendo os ombros. Ao chegar onde estava Saitō, este deu uma recuada no ombro, sentiu o ímpeto do policial a nadar como um tubarão entre os detidos. Então o policial com uma voz sinistra disse.

– Desgraçado!

E, repentinamente, se aproximou de Saitō, que sentiu seu corpo desenhar um arco no ar ao ser arremessado e cair ruidosamente ao lado de Ryūkichi.

Era possível ver a respiração do policial pelo movimento dos ombros e, com a voz rouca, disse:

– Lembrem-se todos. Se tumultuarem, estejam preparados.

O policial que veio logo em seguida, postou-se diante deles, olhou para um papel e começou a chamar um por um. Apenas os escolhidos deveriam ir para o corredor. Os escolhidos, resmungando, saíam por uma porta baixa. Restaram seis na cela.

Saitō ficou estirado no chão, como uma larva, e tentava se levantar. O mesmo policial chutou-o de bota duas vezes seguidas.

Passado um instante, outro policial entrou e observou bem de perto cada um dos seis restantes, de modo que impossibilitava o diálogo.

Ryūkichi sentou-se abaixo de uma janelinha que ficava bem no alto. Uma lâmpada de brilho amarelado de sujeira iluminava o local. Deixava embaçado o contorno das pessoas e fazia parecer que apenas sombras se moviam. Passaram-se cinco minutos e, à medida que o tempo passava, a luz que inicialmente era amarelada tornou-se um azulado branco e, o centro da sala, parecia envolto pelo fundo do mar. Algum canto de sua cabeça desconfiava da situação e Ryūkichi sabia que o dia estava amanhecendo.

O prédio aquietou-se. Era um silêncio petrificante. Às vezes, escutava-se sons de passos no corredor. O som de passos parou e a porta foi aberta. Parecia o som de gelo a se quebrar. Passos atrapalhados, seguido de alguém puxado pelo braço, e que tentava dizer algo, passou diante da cela. Terminado isso, voltou ao silêncio da noite que, agora, estava para amanhecer. Alguém fez um curto bocejo e passou pelo corredor.

– Estou com sono, deixe-me dormir.

Escutou-se alguém dizer isso num canto da sala, num tom de voz de quem acabara de acordar.

– Amanheceu, amanheceu.

O policial estava com cara de quem dormiu pouco.

Ryūkichi estava com o corpo recostado na parede de tapumes, olhos fechados. Seu corpo e mente estavam estranhamente exaustos. Permaneceu assim por um instante quando percebeu que seu corpo balançava longamente como se estivesse num barco. Sempre que detido para investigação, tinha o hábito de fantasiar, imaginar ou lembrar. Ao se cansar, recordava dos livros que lera uma vez e tentava raciocinar os problemas teóricos que surgiam de seus pensamentos. Seus pensamentos foram tomados pelas discussões entre o grupo e o sindicato, por isso achou melhor refazer o balanço dos prós e contras. Então recomeçou.

Ryūkichi pensava nos materiais que buscou, bem como leu, para a última reunião de estudo, sobre a mais valia de Marx e a utilidade marginal da Escola Austríaca, para as quais surgiram discussões. Refletiu que precisava repensar a respeito...

Ele estava perturbado. Vestia a calça, virava de um lado para o outro, esta sensação o incomodava. Mas uma porta de correr o separava da sala ao lado em que estava o policial, que o aguardava, com o espadim a fazer barulho. Tinha certeza de que o barulho chegou até o ouvido de Yukiko. Podia escutar agora. Pensando assim, começou a se irritar. Ele sabia que este som chegando ao ouvido de Yukiko partiria o coração dela.

– Papai foi viajar com um colega da escola.

Os olhos grandes e redondos de Yukiko o observavam.

– O que trará de lembrancinha para mim?

Ele responde com uma certa tensão.

– Sim, bastantes coisas legais.

Então, Yukiko foi para o fundo e virou o rosto para seu pai. Com as duas mãos ele cobriu o próprio rosto. Fez-se um barulho de cerâmica a se quebrar. Ele tinha quase que a certeza de ter escutado esse barulho. Gritou de susto, por dentro. Correu para Yukiko e abriu a camisa dela. Em seu peito no lugar do coração havia um prato de cerâmica. Ao olhar detalhadamente, notou rachaduras finas como fios de cabelo.

– Não, não, não...

Ryūkichi deu um grito abafado no mesmo instante.

Ao abrir os olhos, a sala estava num azul embranquecido com o brilho da noite que adentrava pela janela. Todos estavam num estado de fadiga, com a cabeça afundada no peito, meio deitado de lado, olhares atravessados para o tapume. Ryūkichi começou a bater a cabeça no tapume. Apenas a parte esquerda da cabeça ficou a martelar. O sonho que acabara de ter o deixou com uma sensação assombrosa a reverberar em seu sentimento, até sabe-se lá quando.

Ryūkichi tinha breve conhecimento de que, ao ser jogado num lugar como aquele, teria como regra fugir do sentimentalismo sem esperança a que estaria sujeito. Qualquer um que fosse preso, – dependendo da situação, pode se tornar um completo maníaco – não suportaria a pressão melancólica para moderar a língua. Ainda que, por esse motivo, Ryūkichi viu muitos se afastarem do sindicalismo. Claro que Ryūkichi sabia que estava numa situação de risco. Toda vez que vivenciava esta [opressão] e [crueldade], seus nervos iam calejando e o tornando mais resistente. Como um dente cariado, em que qualquer coisa faz o nervo doer (um modo delicado de desprezo) sentia como se seus sentimentos tivessem sido fortalecidos, tornando-se uma chapa de ferro. Mas para Ryūkichi era um estilo de vida literalmente de “uma sequência de [tortura]”. Para alguém como Ryūkichi, cujo passado era de “intelectual”, entrar genuinamente neste movimento de corpo e alma, era um processo pelo qual deveria se impor como “treino”. Não era um caminho simples - era como ser pego pelos cabelos, arrastado e rodopiado de um lado para outro; era como caminhar em zigue-zague o pior

momento da caminhada - .E na tentativa de afugentar os pensamentos sobre a Yukiko que, estranhamente, , invadiam o seu coração, Ryūkichi bocejou alto. No outro extremo, Saitō estava com o cabelo bem comprido. Entrelaçou os dedos e os virou erguendo os braços para cima.

Era a hora da troca, um após o outro, os policiais iam saindo.

Um policial que estava de saída se dirigiu para Ryūkichi. Era o policial Suda, um velho conhecido que frequentava sua casa.

– Né, Ogawa! Nem a gente tá contente com a situação. Não estamos sendo pagos. Desse jeito, ninguém aguenta – disse, e uma sensação estranha tomou conta do lugar.

Ele não tinha jeito de ser um policial que pisava nas pessoas ou que as chutavam. Sentiu simpatia por ele por achar que esta era a verdadeira natureza dele e ficou surpreso com o próprio pensamento.

– Realmente, bom descanso – disse sem ironia.

Saitō, furioso, disse, sem pestanejar “–Bom descanso!?.” – em tom de questionamento.

Todos os policiais já tinham saído menos Suda.

– Quer que eu passe algum recado para sua esposa?– perguntou baixinho.

Ryūkichi ficou um instante pensativo e, de repente, olhou para o rosto de Suda.

– Não, não precisa. Obrigado....

Suda fez um aceno com a cabeça e saiu.

Logo depois, viu alguém trajando um surrado uniforme.

– Ai, ai, queria tanto fumar – alguém parecia dizer para si mesmo.

– Já tá amanhecendo...

六

Roku – Capítulo Seis

Saitō, que estava na mesma cela que Ryūkichi, precisou ir ao banheiro. No caminho, escutou, diante da cela ao final do corredor.

– Ei! – achou que alguém o chamava de dentro da cela.

Saitō parou.

– Ei! – pela voz, era Wata. Pela pequena janela, pôs o rosto para fora. Era Wata.

– Wata!? Sou eu, Saitō. Você está só?

– Estou só. Todos estão bem? – era a mesma voz não muito alta de sempre.

– Estão bem.... Você está sozinho? – o “sozinho” pesou no peito de Saitō.

O policial que vinha logo atrás para o acompanhar estava se aproximando.

– Cuide-se! – disse e se pôs a caminhar.

Enquanto caminhava, por algum motivo, pensou que a situação era perigosa. Ao voltar para a cela, contou para Ryūkichi o que acontecera. Ryūkichi, em silêncio, como de costume, mordeu os lábios inferiores.

Ishida encontrou Wata no banheiro. Não conseguiu trocar palavras, mas ele se mostrou calmo, duro como ferro; a expressão firme de sempre.

– Ei, conhece Bancroft⁶⁴? – Ishida perguntou para Saitō.

– Bancroft? Não sei. Comunista?

– Ele participa do movimento.

– Até parece que sei desses ilustres.

Quando Ishida encontrou Wata, lembrou-se de Bancroft, que atuou como gângster no cinema mudo *Underworld*⁶⁵. Wata parecia de forma nítida ao ator Bancroft na mente de Ishida.

⁶⁴ Ator norte-americano, nascido em 30 de setembro de 1882 – 2 de outubro de 1956, com longa filmografia https://www.imdb.com/name/nm0051628/bio?ref=nm_ov_bio_sm (Acessado em 20.01.2018)

⁶⁵ Filme norte-americano sobre gângster lançado em 1927, dirigido por Josef von Sternberg,

Wata recordou-se de quando foi colocado na solitária porque (como na primeira vez que pisou no sindicato) era o líder de um movimento fora da lei. No mesmo instante sentiu o sangue sumir do rosto. Para ele, era somente isto. Logo depois, voltou a ser o mesmo de sempre. Quando se sentou na solitária, sentiu como se voltasse para casa após uma longa viagem. Lembrou-se do sentimento que era ao se espreguiçar. Ao despertar pela manhã, como qualquer um, sentiu o que a ausência de exercícios faz. Catou as notícias e correu em círculos pela cela. Lembrou-se da vida agitada. Rodava pelo grupo da fábrica, bem como pela divisão do sindicato que ficava no centro da cidade, ouvia informações, aconselhava, passava ordens. Recebia relatório da central sindical. Tinha de adequar as implementações de acordo com a situação da região, que era de constante mudança. Abria uma Comissão. Os debates eram truculentos e duravam até tarde da noite. Elaborar pôsteres, lecionar para sindicalizados, reunião para discussões, preparativos, panfletos, correrias, discursos, acordos... era como se seu corpo, sua carne, se enroscasse numa máquina e fosse arrastado. Todos os dias eram, sem exceção, números decimais sem fim.

– Basta! – era o que queria dizer.

Sempre, de forma contínua e inabalável, eles precisavam manter ao máximo o entusiasmo pela causa, sem esmorecer. Mas, o fato de estar na cadeia, era como se estivesse de férias numa casa de veraneio. Por isso, excluído o sentido irônico de “ir para a casa de veraneio”, havia também o sentido de “descanso” que a burguesia usava. Mas, ninguém pronunciava esta última parte pois se dissesse isto, era como estar fora de combate.

Wata esticou as pernas, as coxas, joelhos, canela, tornozelo – depois massageou-os deu tapas leves no pescoço e ombros, respirou fundo, bocejou lentamente. Lembrou-se de que, até então, não tinha bocejado com calma e, achando graça,, riu sozinho.

De tanto escutar Suzumoto cantar por quatro, cinco dias “A cela é escura, noite e dia”⁶⁶, ele acabou decorando a música. Passou a cantarolar em voz baixa e se divertia apreciando cada palavra da letra, em sua solitária. Não sobrou nada na cabeça de Wata, ainda bem. Mas, às vezes, sentia-se desapontado por não poder participar hoje do movimento nacional de discurso contra o ministério. O ato desejado seria interrompido por um período. Mas, dizendo a verdade – para Wata, misteriosamente, estes assuntos começaram a cair no

https://www.imdb.com/title/tt0018526/?ref_=nmmbio_mbio (Acessado em 20.01.2018)

⁶⁶ *Yoru demo hiru demo rōya wa kurai* 「夜でも晝でも牢屋は暗い。」

esquecimento, por falta de notícias. Às vezes, voltavam à tona, apagavam-se e pareciam coisas sem sentido.

Wata assobiava ao caminhar, batucava na parede de tapume com o dedo, arranhava-a. Ele se sentia bem tranquilo. Depois de ser encarcerado, o comum era se afogar em melancolia. Wata desconhecia este tipo de sentimento. Mas o fato mais importante era que, por estarem cumprindo uma missão histórica, foram jogados na cela. Wata não poderia deixar de reagir pelo fato de a situação ser sofrível. O seu sentimento e a sua razão estavam de acordo. Seus princípios eram como um calo que o incomodava, porém não podia se desvincular dele. Até então, não sentia incômodo ou irritação por ter de suportá-los. Wata não pensava ser o sacrificado. Também não pensava que agia por uma sociedade correta. Seu sentimento não era apenas de ódio. Talvez pudesse dizer que era o seu sentimento mais profundo. Além disso, tinha a natureza de se esforçar. Este sentimento, sem pé nem cabeça, que o impelia a se “dedicar” era requerido como pilar em outros momentos, era como o dos demais, como um cão louco, enraivecido.

Enquanto agitava a cabeça para tirar os cabelos que caíam no rosto, ele andava pela solitária. Suas pernas não eram compridas, mas roliças e arqueadas para fora, semelhantes às de um judoca. Era possível perceber que seu tronco era bem rígido. Ele tinha o hábito de caminhar devagar colocando força nos calcanhares. Seus sapatos gastavam primeiro na lateral externa do calcanhar, como a barra de tinta *sumi* usado por alguém de maus hábitos. Enquanto caminhava, pensava em como estariam seus semelhantes. Preocupava-se principalmente se teria alguém que suportaria esta opressão assombrosa. Caso a situação se prolongasse, se tornaria pior. E ele pensava em possíveis estratégias a serem adotadas.

Existiam vários rabiscos nas paredes feitos por unhas ou com algo parecido com lápis. Quando entediado, caçava rabiscos um por um. Encontrou dois ou três de enormes aparelhos reprodutores masculinos e femininos desenhados nas paredes.

“Sou ladrão, sim!”, “O [delegado] daqui é conivente com a pena de morte – Assinado Família Esqueleto”, “O incidente x, incidente x, incidente x, x, x. (tudo escrito em grafia futurista)”, “O delinquente juvenil é o que melhor aproveita a sua passagem na vida. Ha-ha.”, “Oh, Socialista, faça algo!”, “Torne-se você o Socialista!”, Abaixo dos órgãos reprodutores estava escrito, “A tragédia da vida começa com um ato e termina em outro. Ahh!”, “Não consigo me alimentar”, “Delegado, há um famoso inseto devorando sua jovem filha.”, “Por que, este tipo de lugar? Quem tem medo?”, “Trabalhadores, fortaleçam-se”, “Digo para quem

entrar aqui. Estes rabiscos são uma vergonha. Vamos parar.”, “Vá à merda!”, “Para quem teve a liberdade restrita, o rabisco serve como um alívio. Digo para qualquer um que vier parar aqui, rabisque mesmo!”, “O trabalhador tornou-se muito folgado!”, “Desgraçado! Diga novamente e mato você na bordoadada. Trabalhador”, “Policial, parece que a esposa de Yoshida, chamada Kiyo, que mora em Yamada, tem 3 homens que ela reveza todos os dias. Investigue por favor.”, “Você também é um deles?”, “Tenho mulher e filho famintos. Odeio esta sociedade.”, “Hum, Odeie o quanto quiser”, “Trabalhe”, “Trabalhar? Pense se é uma sociedade que se torna melhor com trabalho, Idiota!”, “Viva o socialismo!”...

Wata passou a rabiscar de tempos em tempo. Agora, depois de decidido, já tinha rabiscado várias vezes.

“Finalmente me tornei um problema para os policiais. Triste Homem.”, “Tem esposa de policial que, por problemas familiares, se prostitui três vezes ao dia, dizem oito pessoas de Otaru. O curioso”.

Na parede em que estava escrito isso, Wata decidiu escrever algo bem fundo com as unhas. Tão concentrado que esteve perdeu a noção do tempo. Era tão prazeroso como se estivesse desenhando. Pensou em escrever extensamente. Dedicou-se ao serviço colocando força para deixar sua marca. Tinha o hábito de colocar a língua no canto da boca quando estava compenetrado. Com muito empenho, escreveu letra por letra.

[Ei, escutem!

Esta prisão foi criada apenas para enclausurar pobres como eu.

A polícia é o cão de guarda pago com dinheiro dos ricos que vivem em castelos com jardins imensos, cercados por fosso.

Ricos já foram arrastados pela polícia para cá!?

Temos de nos unir contra os desprezíveis ricos, autoridades e a justiça, para derrubá-los.

Esmorecer é desperdiçar lágrimas.

Acovardar-se é sucumbir. Até quando?

Ei, Irmão!

O primeiro passo é dar as mãos, de modo firme.

Desafiemos a polícia a acabar com nossa união!

Nós, trabalhadores, trabalhamos de sol a sol e continuamos pobres.

Não é possível isso!

O mundo do trabalho – se resume a trabalhadores e o povo. O mundo do rico é alimentado pelos juros e por fazer o pobre de bobo; temos de acabar com isso!

Temos que construir este mundo!

Ei, dê a mão!

Segure-a com força.

Ei, você também! E você também!

Todos, todos!]

Wata levou bastante tempo se dedicando a esta tarefa. E quando terminou,relia com orgulho. Enquanto assobiava, com as mãos nas calças de pano, afastava-se e aproximava-se da parede.

Ao amanhecer, a iluminação foi apagada. Enquanto os olhos não se acostumavam, a sala tornou-se escura. Nem os rabiscos enxergava mais. Um azul embranquecido, a luz do crepúsculo passou pelo quadrado da janela, num ângulo de 30, 40 graus. De repente Wata teve uma sonora flatulência. Então, enquanto caminhava, forçou para continuar a ter flatulência. Saíram vários gases. O ar ficou fedido até para si próprio.

–Nossa, que fedor!

Ergueu um pouco a perna e soltou nova flatulência.

Talvez fossem oito horas. Fez-se o barulho da chave na fechadura. A porta se abriu. Um policial sem espadim na cintura, de chinelos e meias foi entrando.

– Saia.

– Não sou bicho de zoológico.

– Tolo.

–Vai me deixar ir para casa? Sou grato.

– É para a investigação – disse e, mais que depressa voltou para o corredor dizendo: “Nossa, que fedor!”.

七

Nana – Capítulo Sete

Ainda neste dia trouxeram mais cinco, sete trabalhadores. A sala tornou-se apertada, por isso transferiram todos para o *enbujō*⁶⁷. Metade do salão era de tatame e a outra de assoalho de madeira. Três quartos da sala possuíam janelas, por isso entrava a claridade de fora. Os olhos ofuscaram com a luminosidade para quem vinha da cela escura. No centro havia um grande aquecedor. Muitos rostos se conheciam, por isto, ao rodear o aquecedor, várias conversas surgiram. Quatro policiais permaneciam para monitorar os detentos. Os policiais também se agacharam para se aproximar do aquecedor.

Quando a noite caiu, todos foram colocados para fora nos fundos da delegacia. Ao formar uma fila para sair pela porta dos fundos, circulávamos meia delegacia e retornávamos pela entrada principal. Praticamente nos utilizaram para fazer malabarismo com os pés. Repentinamente, os rostos de todos foram tomados pela incerteza. À medida que retornávamos para o *enbujō*, um perguntava para o outro o que tinha acontecido. O motivo da detenção era outro. Todos tiveram a mesma impressão. Após nos servirem sopa salgada e sem conteúdo, com arroz duro e queimado, todos se aproximaram do aquecedor. Mas as conversas não avançavam.

Passava das oito horas quando Kudō foi chamado. Todos ficaram apreensivos e o viram partir.

À medida que a noite avançava, as conversas se propagavam como fumaça do aquecedor barato de carvão que não dava conta de aquecer o *enbujō*. As pessoas que ficavam para trás da rodinha eram os primeiros a sentir o frio. Ryūkichi recolheu-se para um canto pouco escuro com seu quimono. Logo em seguida, Ishida o acompanhou.

⁶⁷ *Enbujō* é um espaço público utilizado para promover espetáculos de dança, competições de artes marciais etc..

– Ogawa-san, não sei se devo dizer isso na frente dos outros, por isso permaneci calado – disse com a voz baixa.

O estômago de Ryūkichi voltou a doer fazendo-o enrijecer o corpo para se conter.

– Hum? – indagou.

Alguém do lado de fora do *enbujō* caminhava fazendo barulho.

– Foi um pouco antes. Foi quando Ishida foi ao banheiro coletivo. Mesmo que encarcerado em cela diferente, era muito bom pelo menos ver o rosto dos detentos da sala ao lado, ou, com sorte, conversar com eles. Quando Ishida entrou, deparou-se diante de si com um tapume que tinha um espelho bem comprido pendurado, ao seu lado viu ombros largos, um homem de corpo grande a lavar o rosto. Neste momento, talvez Ishida estivesse a pensar no que estaria acontecendo lá fora. Foi ao lado deste homem que então levantou o rosto. Ishida estava perdido em pensamentos com o olhar vago, quando seus olhos cruzaram com os desse homem que estava ao lado. Foi então que deixou escapar seu espanto. Seu olhar, ligeiro e sem controle, examinou-o de cima a baixo. Sentiu seu corpo tornar-se leve como um papel. O homem apoiou uma mão na beirada da pia e, com a outra, passou sobre o próprio rosto. Rosto? – podia chamar isto de [rosto]? [Parecia uma berinjela podre,] literalmente [uma rocha como rosto].

Não é que era o Wata!?

[–Pois é]. – Apontou para o próprio rosto e sorriu! Sorriu?

Ishida não conseguiu dizer uma palavra, ficou imóvel. Logo abaixo do coração sentiu algo como cócegas e começou a tremer.

– Mas, o que é isso!?

– Hum....

– Cuida do pessoal para que não tenham crise de claustrofobia.

Naquele momento, teve oportunidade de dizer isso.

– Acho que deve ter acontecido algo – Ishida esbravejou baixinho.

– Hum... Não que eu não tenha minhas suspeitas. Mas precisamos cuidar para não ter claustrofobia – disse Ryūkichi enquanto olhava para o grupo ao redor do aquecedor, junto dos policiais.

– Isso é. Mas é preciso fazê-los parar de pensar que, por serem guerreiros, precisam ser violentos, mesmo estando na delegacia e sem ânimo. Não acho que ficar comportado na delegacia seja um tipo de fobia.

– Concordo.

– É o Saitō.

Quando Saitō aproximou-se do aquecedor, gesticulando algo, alguém disse: “– Faz um tempo, disseram que você não era um guerreiro dos proletários, porque quando foi trazido para a delegacia pegou a pena mais leve de todos. Não sentiu vergonha?”

–....Hum. Não, talvez quem atue no movimento sinta... algo de sentimental. Mas esse sentimentalismo não leva a nada. É preciso superar esse tipo de coisa.

Ishida olhou para o interlocutor, pensou em dizer algo, mas se conteve de modo pensativo.

– Mas isso, é um incômodo. Se disser na cara que se trata de infantilidade ou coisa que o valha, não dá para garantir que o vigor da paixão não seja arrancado pela raiz. É claro que são coisas distintas.

Ishida caminhava olhando para a ponta dos pés.

– O importante é conduzir a paixão para o caminho correto. Acredito que a paixão seja a força motriz para realizar qualquer coisa.

Ryūkichi subitamente se calou, absorto em pensamentos.

–Existe uma palavra para a ausência de teoria [revolu]cionária, ação [revolu]cionária. Você também conhece, é famosa. Mas eu acho que não é só isso, ainda falta algo. No fundo, há algo que é óbvio e que, em resumo, é a paixão.

– Respeito a centelha de um fogo de artifício ou as vacas ou qualquer outra coisa que, sem jamais desistir, caminha lenta e persistentemente. Imagino que a persistência é que, a longo prazo, manterá o fervor necessário para o movimento jamais esmorecer.

– É isso, o entusiasmo. É algo que surge de várias formas para as pessoas. Não é algo que se consiga apenas com duas, três pessoas que possuem opiniões semelhantes. Neste ponto, um sentimento grande, – denso – é que cria um sentimento maior, capaz de unir os indivíduos, mas acredito que é necessário cuidar de diluir as diferenças. Obviamente, existirão sabores

de nível pessoal. Mas não podemos nos ater a isso. Tem coisas que não gosto em Wata. Não só nele. Mas nem por isso, eu me distancio dele. Se não agirmos como um único organismo, nosso movimento não se mantém.

– Sim, sim.

– De agora em diante, vamos nos deparar com dificuldades. Por este motivo, não posso garantir que não ocorra algo grave que será contra as nossas expectativas. Nós precisamos levar a sério esse tipo de sentimento que se oculta e não fingir que não é nada. Precisamos ser cautelosos.

– Sim, sim – Ishida concordou várias vezes.

Quando os dois se aproximaram do aquecedor, viram os demais conversando sobre obscenidades com os policiais. Tinham dois, três trabalhadores que não sabiam o motivo de terem sido trazidos para cá. De início, estavam perdidos com a situação, mas, agora, estavam insuportavelmente habituados. Às vezes, participavam e riam com as conversas triviais. Quando o assunto murchava, todos ficavam em silêncio e como se uma nuvem passasse por eles, seus rostos se tornavam repentinamente sombrios.

Saitō gesticulava ao conversar sobre [as partes íntimas] as mulheres. Tinha eloquência, por isso atraía os demais. Ao final da conversa, pedia:

– Ishiyama-san, arranja um cigarro.

Estendia a mão para um policial gordo de cabelo ralo que escutava a conversa com atenção.

O policial Ishiyama que ria das baixarias, tirou do bolso interno do uniforme um cigarro todo amassado e, quase que partido no meio, e entregou para Saitō.

– Sou grato, sou grato. Será que pode contar mais uma história?

Lançava um olhar maroto para o interlocutor e começava a rir. Saitō apurou o cigarro na palma da mão e molhou com a saliva para umedecê-lo e, assim, durar mais. .

– Não, que desperdício, este fica para fumar mais tarde com calma – e colocou o cigarro atrás da orelha.

– Não podemos fazer alguma coisa, logo?

Disse alguém num tom de resmungo do canto do salão.

Essas palavras deixaram todos apreensivos. Foi como se a luz de uma lanterna incidisse sobre os sentimentos de cada um.

– Me trouxeram do trabalho, lá do porto. O pessoal de casa deve estar preocupado. Se eu não trabalhar, minha mãe e o moleque não terão o que comer.

– Eu também.

– ... Tudo por causa desse movimento – disse um trabalhador que participava do sindicato há muito tempo, em tom de lástima.

– Por quê? – indagou Saitō sem se conter.

Diante da indagação de Saitō, os demais mantiveram-se em silêncio. Saitō nitidamente bravo, interpelou com “–Hum?”.

– Deixa pra lá – disse Ishida piscando para Saitō.

Havia um trabalhador que frequentava o sindicato fazia muito tempo e se chamava Kimura que, até um tempo atrás, não era de se expor ou fazer algo significativo. Ele costumava dizer que o trabalho no armazém era muito árduo e, quando soube que o sindicato dos trabalhadores poderia melhorar as condições de trabalho, resolveu se filiar a ele. A situação dele estava muito complicada com a polícia. Ele não tinha ideia a que tipo de “maldade” poderia ser submetido. Ficou assombrado com o que viu. “Se não tivesse testemunhado, a união dos trabalhadores estaria bem”, pensou. Mas ele estava enganado. Pensou em não se meter em questões trabalhistas. Ele entrou de gaiato e agora empurrava as coisas com a barriga. Assim que surgia um obstáculo, via motivo para sair. Trabalhava no sindicato sem nenhuma vontade, feito boneco, e só fazia o que lhe mandavam.

Era a época da eleição geral. Pelo fato de arrancar os cartazes do candidato da oposição, surgiu a necessidade de alguém do partido dos trabalhadores rurais virar isca de polícia. Wata pediu para Kimura e o alertou.

– Talvez batam um pouco, mas você terá de aguentar – disse.

– Tô fora!

De forma sucinta, cortou o assunto.

Wata, que não esperava por esta resposta, de ímpeto, respondeu “–Oi?”– e, calado, fitou o rosto de Kimura.

- Se eu fizer isso, serei levado à delegacia e ficarei um, dois dias sem comer. Tô fora!
- Você ainda não entendeu o nosso movimento sindical?
- Vocês, que parecem liderar, são levados pela polícia e por isso é que ganham os créditos, eu não.

Wata respirou fundo e permaneceu calado. Ryūkichi, que estava junto, pensou “–Isso não é bom. Um líder discutir com um membro por bobagem não é bom. Vai dar problema!”.

- Desta vez, vamos pedir para outro.

Ryūkichi precisava dizer isto. Para Kimura, isso era um bom motivo para “cair fora”. Quando ele deixasse a cadeia, tinha a certeza de que deixaria o sindicato. Estava decidido.

- Covarde.

Saitō lembrava-se de quando conheceu Kimura. propositalmente, desviou o olhar de Kimura.

–Kimura, é nessas horas que devemos agir como um membro do sindicato. É nessas horas que precisamos nos unir. A situação está difícil para todo mundo – disse Ryūkichi, coçando a virilha de frente ao aquecedor. Kimura, porém, permaneceu em silêncio. Ryūkichi não tinha como deixar de pensar que a esquerda era, literalmente, militante; mas havia alguns sindicalistas que eram contrários à esta ideia.

Por apresentação de Kimura, Shibata, que estava apoiado sobre os dois joelhos observando a todos, entrou recentemente para o sindicato. Ele dormia no mesmo *futon* de Kimura, por isso sabia de seus pensamentos aflitivos. Shibata também pensou inicialmente que tinha entrado numa fria. Principalmente, quando lhe subtraíram o sono no sindicato, ele ficou pálido. Era é claro que ele sabia da necessidade de suportar este tipo de situação, no dia-a-dia. O que ele não imaginava era de que este tipo de situação viesse a ocorrer de fato, então, tomou consciência de que as ações repercutem efeito e, se não fosse isso, a polícia teria desconsiderado a necessidade de vigiá-los e prendê-los. Por esse motivo, Wata, Kudō e Ryūkichi eram mais fortes juntos, mas, para os demais, este incidente provocaria uma peneirada muito séria. É muito triste ver o companheirismo cair pelos vãos de uma peneira. Por outro lado, este processo talvez seja necessário --- Shibata, apesar de ter chegado por último e ser o mais novo da turma, pensou consigo “Droga, eu não posso baquear agora”.

A conversa ao redor do aquecedor sobre este assunto esmoreceu. Mas, quando alguém tentava trazer algum assunto, era invariavelmente sobre mulheres.

Quando se aproximava das oito horas da noite, delimitou-se no tatame um espaço para dormirem dois em dois.

– Só nos resta dormir.

Dormir era a única diversão livre.

Fez-se o barulho de muitos afrouxando o obi⁶⁸, descalçando os *tabi*.

– Durma logo para sonhar – alguém disse.

– Sonhar com a cela? Não suporto.

– Merda!

Um outro riu. Parecia um grupo de alunos em excursão a fazer burburinhos. Os policiais às vezes faziam “Psiu! Psiu!.

As golas encardidas lembravam o visco de uma lula que tocava de modo sutil e nojento as bochechas de umas vinte pessoas.

– Ah, que paraíso! – alguém disse, com a voz abafada pela gola.

– Paraíso dos infernos!

Do nada, ao longe, alguém disse, “quero ter bons sonhos!”

– Vê se dorme! Durma!

– Tá querendo dormir com uma mulher, não é!?

–Num lugar como este, tem alguém que diga isso!?

– Ah, eu bem que queria ter uma!

– Deixa de ser bobo!

– Quem é bobo, hein?

– Vê se dorme! Durma!

⁶⁸ A faixa do quimono que se usava como cinto.

Esse tipo de conversa surgia de vez em quando, aqui e ali, mas aos poucos iam perdendo força e cessavam. Após vinte minutos, pareciam lembranças de alguém que sonhava sobre o que tinham conversado. E o silêncio reinava no ambiente.

O lado de fora do *enbujō* era um local cheio de ruas escuras e tristes. Poucos passavam por ali, mas, mesmo assim, às vezes chegava ao ouvido o som de gente a caminhar pela nevasca acumulada na rua, ou a voz de alguém, inconveniente, de dentro da delegacia a chamar por outro de longe.

– Quem consegue dormir!?

Ryūkichi não conseguia dormir, por isso, discretamente, puxou conversa com Saitō. Saitō não se movia. Dormia. Quando pensou que ele estivesse dormindo, viu expressar uma face de riso muda. Ryūkichi sentiu pontadas no estômago (nada muito grave). Enquanto pensava em várias coisas, começou a massagear com uma das mãos o estômago que começava a doer.

– Ei, ei!

Quem será? - pensou.

O que será logo agora que estava passando mal, pensou e começou a se irritar.

– Ei, ei!

Pegaram-no pelo ombro.

– Merda!

Ryūkichi tentou se virar e despertou. Ainda estava bastante sonolento. Nesse momento, tentou focar duas imagens desemparelhadas, no ápice entre sonho e realidade. Diante de si havia um policial grande de rosto sujo, cheio de bigode e barba.

– Ei ei, acorde! É a investigação.

Ryūkichi se espantou e não entendeu ao certo, apenas metade de si tinha despertado.

O método deles era sempre o de conduzir no momento de sonolência. O barulho que aquela chave fazia no ambiente silencioso era sinistro e Ryūkichi seguiu, atrás do policial.

Passaram-se uns trinta minutos. Era incrível a cara de abatido de Kudō trazido de volta por um policial. Ao recolher seus pertences no *enbujō*, o policial o apressou para sair. Neste momento, ele fez que ia dizer algo para todos que estavam dormindo. Mas ficou de costas e

saiu deixando para trás sua silhueta rechonchuda. A porta se fechou com estrondo. O descompasso do caminhar de ambos ecoou pelo corredor.

Surgia aqui e ali, sons de apneia, suspiros, palavras ininteligíveis ditas durante o sono e o ambiente estava impregnado do odor de gases de metano que saem de pântanos.

八

Hachi – Capítulo Oito

A delegacia de polícia, em uma semana, capturou como porcos, aproximadamente, duzentas pessoas entre trabalhadores, sindicalistas e intelectuais. Até um irmão caçula, sem qualquer relação com o sindicalismo, foi preso e [espancado] quando trouxe mantimento para o irmão detido. Por causa disso, ficou uma semana detido, sem poder voltar para casa, mas isto não foi nem um por cento das aberrações que ocorreram naquela semana.

Começou a averiguação.

Mesmo que não fosse o caso do [partido comunista], a polícia faria algo para conter os sindicalistas, pensava Wata. O partido era legalizado, mas tentavam arrancar Wata do sindicalismo como quem arranca uma cunha. Mas Wata era ágil, literalmente semelhante a um leopardo. Aí o capturaram e o felicitaram com “Desgraçado, vou [acabar] com você!”.

Wata não abriu a boca durante a averiguação.

– Fiquem à vontade – disse Wata.

– O que significa isto!? - o serventuário da justiça e o policial do serviço secreto⁶⁹ começaram a se enfurecer.

– Entendam o que quiserem.

– Vamos [torturar] você!

– Num tem jeito, né!?

⁶⁹ Popularmente chamada de tokko (特別高等警察 Tokubetsu Kōtō Keisatsu) Divisão da policial que atuava na investigação de ideologias que comprometessem o *status quo* e partidos políticos. Atuou até pouco depois do fim da segunda guerra mundial, quando foi desmantelada.

– Canta de galo agora, depois não vai reclamar se ficar roxo!

– Parece que vocês não enxergam bem. Digamos que eu seja [torturado], que vocês [acabem] comigo, será que vocês já não sabem quem sou eu, para impor essas condições?

Eles estavam tomados pela cólera. “Se fosse Wata” saberia que, nas profundezas de seu íntimo, estava ferrado. Se eles não obtiverem uma palavra de testemunho do [comunista], sabiam que o próprio pescoço estaria na corda. Acima de tudo era isto que os deixavam aflitos.

[Despiram] Wata e, de repente sem aviso, por trás [golpearam-no com uma espada de bambu. Golpeavam-no com tanta força que a vara assobiava. Ele gemia e tentava enrijecer o corpo para suportar os golpes. Isto durou uns trinta minutos. Seu corpo sobre o assoalho retorcia como fogo. O último golpe foi o que mais lhe doeu. Estava duro como um cão envenenado caído no chão.] Amarraram seus pés e mãos para o deixarem erguido, bem esticado, tremendo, no ar. Então, começou a convulsionar e perdeu a [consciência].

Mas, da longa experiência de [tortura] que Wata tinha, adquiriu a sabedoria de um mestre, que suportava agulha perfurando os braços, segurava hashi em brasa com as mãos. Isso sim era [tortura]. Esta tensão – talvez seja sua força interior que, sem querer, descobriu – quando chegava ao ápice da dor, desmaiar para não permitir a [tortura] cumprir seu objetivo de feri-lo ainda mais.

Aqui, temos que [a cruel tortura] a qual foram submetidos Ishikawa Goemon⁷⁰ e Amano Yarihe⁷¹ não se trata de uma [história ocorrida há 100 anos]. Aquela [tortura] estava acontecendo naquele instante – apesar de existir o Código Penal artigo 135, que diz que o acusado deve ser tratado de modo educado, dando oportunidade para declarar os fatos.

Ao lhe jogarem água, voltou a [respirar]. Agora utilizavam táticas para tirar as informações.

– Pode [torturar] à vontade, o máximo que conseguirão é sentir fome – definitivamente não falarei nada.

⁷⁰ Ishikawa Goemon (石川五右衛門, ? – 1594) foi um herói-fora-da-lei que roubava dos ricos para dar aos pobres. Diz-se que foi morto em um caldeirão de óleo quente com seu filho. É frequente a sua representação em papéis de teatro kabuki.

⁷¹ Amano Yarihe (天野屋利兵衛, 1662 – 1727) comerciante acusado de traição. Diz-se que foi torturado e não entregou ninguém. Ao fim, foi banido de seu povoado.

– Já sabemos de tudo. Basta falar que pegamos leve.

– Se já sabem, então tá bom. Não precisam se incomodar inclusive com meu crime.

– Wata, assim você complica.

– Vocês também! Tenho imunidade para [tortura].

Atrás, de pé, tinham três, quatro encarregados para [torturá-lo].

– Desgraçado! – um passou o braço pelo pescoço de Wata para lhe aplicar um [mata-leão].

– Este desgraçado sozinho colocou Otaru em alvoroço, não temos escolha!

Mais uma vez Wata perdeu os [sentidos].

Cada vez que ele era levado para a [polícia], tinha um sorriso amargo ao pensar que o “Senhor [Policial]” é quem na cidade zela pela paz, felicidade e justiça das pessoas. A base da educação da classe média burguesa – era o método da ilusão. Era de se admirar como se trocava o discurso e a prática de modo a disseminar inverdades.

– Escuta aqui, você disse que é imune à [tortura], mas recebemos uma mensagem de Tóquio que autoriza a gente [acabar] com você.

– Ah é!? Que notícia boa. Se vocês acham que [acabando] comigo assim acabarão com as questões proletárias, prossigam! Sempre tive essa dúvida, agora não tenho mais!

Para a próxima [tortura] despiram⁷² Wata, e o [penduraram], deixando-o a uns dez centímetros entre o chão e a ponta dos pés.

– Opa! Melhor parar!

Por baixo, um policial, terceiro-*dan* de judô, socou levemente a sola do pé de Wata.

– Quem vai parar!?

– Como é trouxa, agora é nova técnica!

– Que seja!

– Ah é!?

Este soco, Wata [sentiu] com intensidade.

⁷² N.T. De acordo com o texto despiram-no duas vezes.

[Espetaram-lhe o corpo com uma agulha usada para costurar tatame. Assemelhava-se a um prego de um palmo. A cada espetada,] ele sentia como se fosse tocado por uma forte corrente elétrica [e seu corpo suspenso contraía em movimentos fortes. Sua boca retorcida] gritou energicamente.

–[Mata]! [Mata]!! [Mata]!!!

Isto foi pior que suportar a espada de bambu, tapas, barra de ferro e chicote.

Wata, principalmente durante a [tortura], sentiu pela primeira vez “ódio” e, esse sentimento, ardia como fogo, contra os capitalistas. A [tortura] era a materialização da opressão e da exploração que o proletário recebia do capitalista, pensou. O ativismo de Wata começou a perder o vigor. Quando sua mente tentava fugir daquele sofrimento, ele a trazia para a tortura. Preso injustamente, sentia tontura ao retornar da investigação e tinha de admitir que o nível da nova técnica “anestesiante” de tortura era extremamente potente.

Este sentimento não existia nos sonhos dos que leram Marx e Lenin que tinham um ideal de justiça que fez intelectuais e estudantes entrarem para o sindicato. Wata e Ryūkichi discutiam muito que o verdadeiro terror era um piolho perto da teoria.

A cada [espetada] o corpo de Wata reagia com um pulo.

–Hein!? Como é que era!? Você tem nervo!?

Wata, de dentes cerrados, deixou pender a cabeça para frente. Em algum lugar da [consciência] retomou a [percepção de si].

–Vocês vão ver!

Foi sua palavra final. Wata [desmaiou] três vezes.

Na terceira vez ele [recobrou o fôlego]. Wata percebia seu corpo instável como um pedaço de papel no ar. Sentia vagamente como se sua consciência tivesse se dissociado do corpo. Neste ponto era “façam o que quiserem”.

A consciência se render desta forma era um modo de anestesiá-lo o [choque] trauma dessa situação.

O chefe de polícia mostrou um diagrama do [partido comunista] que criou com base nas informações que obteve.

–Veja, já está assim.

Disse tentando ler a expressão de Wata.

– Uau, impressionante!

– Ei, não diga isso. Esse tipo de admiração pode trazer problemas para nós.

Os encarregados já estavam furiosos.

Por fim, todos o [espancaram] loucamente. Davam chutes usando bota com bico de metal. Durou por uma hora. [O corpo de Wata parecia um saco de batata jogado. O rosto dele estava inchado parecendo uma “rocha”.] Foram [três horas de tortura.] Wata foi jogado de volta para cela como um animal abatido. Ele ficou sem se mover até a manhã seguinte.

Em seguida, Kudō foi investigado.

Kudō até que correspondeu razoavelmente de modo honesto à investigação. Mesmo assim, não expressou falsa coragem. Conseguiu conduzir a si de modo controlado, com cautelosa flexibilidade.

A [tortura] feita a Kudō foi praticamente a mesma aplicada a Wata. A que o fez pular de dor foi aquele de ficar com os pés descalços e, de repente, ter o calcanhar chutado. A dor ia como uma agulha direto para o cérebro. Fizeram isso duas ou três vezes, quando a sala começou a rodar. Seu sangue fez uma poça na sala. Seus pés formigavam, latejavam. Kudō gritava, estrebuchava como um cavalo.

No fim, deixaram-no jogado no chão.

Ao final disto, colocaram as palmas das mãos viradas para cima sobre a mesa. Em seguida, com toda a força [espetavam o lápis nelas]. Depois, [puseram lápis entre] seus dedos e os [espremeram]. Sofrer este tipo de dor intensa seguidamente leva os nervos ao extremo. Mesmo retomando a consciência, não tinha condição de reagir. Foi tomado do sentimento de “façam o que quiserem”. Era a condição ideal para a [polícia] fazê-lo [confessar].

Logo em seguida, utilizaram os mesmo métodos para interrogar Suzumoto. Em outras palavras, ele passou por uma [tortura] pior. Não bateram nele, nem o chutaram, mas por oito vezes (oito!) [seguidas] o [sufocaram]. Do começo ao final, um médico [policial] (!) [segurava seu pulso para acompanhar a frequência cardíaca. Enforcavam-no até perder a consciência. Logo em seguida, o reanimavam para, em menos de um minuto, sufocá-lo novamente e repetir o processo. Foram oito vezes seguidas.] Na oitava vez, Suzumoto aparentava uma lentidão maior que a de um bêbado. Ele não sabia mais se tinha cabeça ou

não, de tanto formigar. O encarregado, o policial do serviço secreto, o investigador e o encarregado da [tortura], a sala e os aparelhos pareciam saídos de um quadro de arte expressionista em que se decompunham e se recompunham. Nessa confusão da consciência, a investigação prosseguiu de modo forçado, como se um adulto agarrasse uma criança perdida pelo ombro e saísse arrastando-a. Suzumoto sabia que corria perigo de vida, mas estava incapaz de discernir o que estava respondendo a cada uma das perguntas.

Quatro, cinco pessoas presas por vários motivos foram colocadas na cela em que Sata estava. Era a cela do final do corredor, um pouco afastada mas na posição diagonal com a sala de investigação.

Quando ele foi trazido pela polícia, tentava se convencer repetidamente de que, por estarem no caminho de realizar com valentia uma grande missão histórica, eram tratados daquela maneira. Mas a sensação que tinha era totalmente oposta. Ao entrar na cela, ele pensou que nunca mais retomaria sua vida. A sensação era como estar no carro desgovernado rumo a um precipício e só lhe restando cobrir o rosto com as mãos. Percebeu que nas leituras que fez de Lenin e Marx, nunca notou nada semelhante à essa sensação que o engolia.

– Não tenho como retomar minha vida.

– Não tenho como retomar minha vida.

Era só nisto que conseguia pensar.

Apenas este pensamento circulava sua mente como uma espiral.

Além disto, a cela era literalmente uma lata de lixo. Tornou seu sentimento duas, três vezes pior do que já estava. Na cela não havia distinção entre dia e noite, era quase sempre escura. Passava a sensação de que algo se rastejava pelos cantos. Havia dois tatames esfarrapados no centro. Ao levantar os tatames, escorria um líquido podre de uma mistura de larvas, insetos e chorume de lixo. O ar não circulava e fedia a banheiro sujo. Era semelhante ao ar podre de esgoto que, ao respirar, deixaria resíduo nos pulmões.

Acima da relação de trabalho que exercia no banco, sem transparecer, ele tomou para si a revolução, de verdade. Assim como todos, atuava na prática a militância, mas por várias circunstâncias da vida, ele tinha um padrão diferente dos demais trabalhadores, que estavam num nível inferior de subsistência. Normalmente, ele vivia sem perceber isto. Claro que se ele continuasse a exercer suas atividades no trabalho, nada disto viria a atrapalhar o movimento proletário. O efeito de respirar dois dias do ar da cela juntamente com os de outra classe social,

causou-lhe sérios desconfortos. Às vezes, ficava ruim do peito por causa das violentas tosse que tinha, mas não chegava a vomitar. Se estivesse na própria casa, iria ao banheiro todas as manhãs, mas aqui deixou de cumprir o ritual matinal. A alimentação fraca e a falta de exercícios logo afetaram seu organismo. No quarto dia de manhã, forçou-se a ir ao banheiro. Ao final de trinta minutos no vaso, saíram apenas dois pedaços de fezes do tamanho de um rabo de rato desidratado.

Dentro da cela, ele era um pária, uma ilha isolada e distante no mar. Era muito difícil para ele dialogar de modo semelhante aos demais, livremente e descontraído (era como aparentava). Para Sata, tornou-se difícil ficar parado. Depois de se levantar, caminhou a esmo pela sala. Mas, ao se aproximar das paredes de tapume, ficava horas introspectivo. Ocorreu-lhe que mais triste que a si próprio, provavelmente, estaria sua mãe. Pensou no que a mãe lhe dizia “Apesar de pequena, organizada e pacata, uma vida feliz.” E, a partir de então, até o fim de sua vida, seria prisão e agonia! Durante o tempo em que ficou preso, sentiu um forte golpe que o deixou esmorecido. Teria de passar a viver sem ânimo. Passou a ver sua vida de modo entrecortado. Passou a pensar que se envolveu em algo que não devia. Seu emocional se afogava em sua mente, semelhante a uma esponja do mar cheia de água.

Um homem com olhos de rapina, que aparentava sessenta anos e que vivia há 30 de pequenos furtos, lhe disse.

– Que pena, isto aqui não é lugar para você.

Estas palavras o abalaram, deixando-o com os olhos marejados. Ele não era de se conter. Recostou-se num canto para se recompor, senão, teria se rendido.

Esta primeira prisão o pegou de surpresa. Quando começou a se acostumar ao forte impacto, conseguiu se afastar aos poucos deste pensamento. Sem alguns poucos sacrificados, o movimento não teria como ter acontecido. Ele mesmo não fez nada. Sem dar um passo, (que alguém deve ter feito) deveria pensar no sucesso que a [revolução] repercutiu no mundo. Assim, a experiência que vivenciava, fazia parte do êxito. Sata conseguiu se recuperar calma e gradativamente para pensar desta forma. Se não tivesse se metido nisso, estariam levando a vidinha de classe média. Este sentimento volta e meia surgia. Os trabalhadores participam deste movimento porque são a parte prejudicada e por ninguém mais. Mas Sata e os outros, sempre diziam que era “pelas pessoas”. Era como o cão que desejava andar solto, mas receava estar acorrentado, por isto, se aventurava pouco a pouco, para não se frustrar. Sabiam da

espreita do perigo, mas se preocupavam apenas quando o perigo era iminente. Sata ficou surpreso com seu sacrilégio.

Mas Sata não era acostumado a este tipo de pensamento. Dia após dia, ele revivia esta alternância de sentimento. Ele desanimava, alegrava-se. Foi um período terrivelmente longo e sem ter o que fazer. Para ele, ter de ficar numa única cela não o fazia pensar em mais nada.

À noite, talvez já passasse da meia-noite. Sata foi acordado pelo jovem delinquente que dormia ao seu lado.

– Escutou?... Tá escutando? – disse na penumbra ao lado, com a voz baixa.

Inicialmente Sata não entendeu.

– Quietos aê.

Os dois, por instantes, prenderam o ar. Todo seu corpo se tornou ouvido. Tarde da noite, seu ouvido, lá no fundo, escutava apenas o próprio ruído interno. Aos poucos, o sono tornou-se distante.

– Você está ouvindo!?

Ao longe, parecia chegar ao seu ouvido, o barulho de espada de bambu de quem pratica *kenjutsu*⁷³ (De fato era espada de bambu). Não foi apenas isto, depois percebeu uma mistura de gritos. Mas não era nítido.

– Tá ouvindo!? Tá ouvindo!? – dizia o jovem à medida que o barulho aumentava.

– O que é isso? – Sata perguntou baixinho para o jovem.

– É [tortura]!

–.....? – subitamente engasgou.

–Tente escutar melhor. Percebe, ó, ó, é uma [voz esganada].

Sata não entendia o que queria dizer, mas, uma vez presenciado, é absorvido pela memória. Talvez jamais fosse esquecer os [gritos de sofrimento]. Sem desejar, ficou tão atento que percebeu seu corpo tremer como na noite do incêndio em que o sino tocava. Sem perceber, sua mão já estava agarrada a uma ponta do *futon*.

– Acho que escutei ele dizer que vai matá-lo. Ó! “[mata! Mata]!”.

⁷³ A arte da espada de bambu criada pelos samurais.

– [Matar]?

– Escuta só.

– Ó, ó!

–

Sata tampou os ouvidos. Tentou cobrir o rosto com o *futon* fedido e encardido. Seu ouvido e a sua mente ainda escutavam os gritos. Após um momento, parou. Escutaram a porta da sala de investigação abrir. Os dois juntaram os rostos para olhar o corredor pela pequena janela. Escutaram arrastarem algo. Viram dois homens caminhando. A luz fraca, quase escura, não os permitiu identificar quem era. Escutaram gemidos, forte respiração que foi silenciando no corredor. Ao passarem por eles, escutou um policial dizer.

– Você até que é forte.

Sata não conseguiu dormir naquela noite. Sua cabeça martelava.

Só de pensar em “[tortura]” seu corpo convulsionava de dor, seus joelhos fraquejavam, sua garganta secava.

Dois dias depois, Sata foi acordado por um policial. É agora, pensou. Levantou-se. Mas, seu corpo não se movia como era de se esperar. Ele tentou dizer algo para o policial. Mas, ficou de queixo caído. Quando menos esperava estava balbuciando como um bebê.

O policial fez cara de desentendido. Parou de tragar o cigarro e perguntou o que acontecia.

Ryūkichi, quando ainda lecionava na escola, foi preso para averiguação três vezes. Mas para ele, a situação atual era amedrontadora. Não se dirigia de modo coloquial ao outro. Utilizava “você”. Eles tinham respeito porque aprenderam muito com Ryūkichi. Mas, depois que Ryūkichi deixou a escola e passou a atuar no sindicato, essa postura mudou gradativamente. Passou a usar indiscriminadamente os pronomes de tratamento coloquial e de respeito. Mas, por ser intelectual, sua postura era mais formal que a de Wata, Suzumoto e Kudō. Neste aspecto, ele tinha o riso amarrado. Wata certa vez comentou que “ou fato de Ogawa ter levado um soco do policial, significava que era muito promissor”, gostava de comentar.

–Ele é mais sagaz que você...

Até hoje ele só tinha levado intimidação e tapas espalmadas. Mas, neste caso, a polícia o enquadrara como Wata. Isto o afetou “muito”.

No teto da sala de investigação havia uma roldana com uma corda pendurada. Numa ponta [amarraram seus pés e o ergueram de cabeça para baixo. Como um pilão, batiam sua cabeça no chão. Sua cabeça jorrava sangue como um chafariz. Seu rosto era literalmente uma bola de fogo.] Seus olhos, vermelhos, pareciam sair do rosto.

– Socorro! – ele gritava.

Ao final, puseram sua mão na [água fervendo].

Como resultado da tortura, Ryūkichi [morreu como tantos outros. Sua morte] foi noticiada nos jornais e nas revistas. Quando seu [corpo foi levado], a polícia declarou que ele cometeu [suicídio]. Mesmo sabendo que isso era “impossível”, onde deveriam recorrer? Tribunal? Mas é sabido que a [polícia] já estava de conluio com eles. Qualquer coisa que se pretendesse fazer não surtiria efeito. Curioso, não?

– Esse é dos grandes! – entre delírio, escutou o [torturador] dizer.

Depois, despiram o quimono de Ryūkichi e com três [finas cordas o chicotearam]. Todo o seu corpo encolheu. Uma ponta afundou [em seu peito]. Sua regata ficou toda picotada. – [Metade de seu corpo já não era como antes]. Enquanto o policial o apoiava pelo corredor para retornar à cela, ele ficou assombrado com a [tortura]. Até então, não pensava assim. Foi a vez dele. Teve uma percepção estranha do corpo que parecia pedir para o [matar]. Mas, mesmo sofrendo de forma miserável não pensava em sucumbir. De forma extrema, muitíssimo extrema, ele superou este sentimento. “Não [morro] tão fácil.” Isto era verdade, pensou. Quando foi colocado na cela de mendigos e sem teto, deu um suspiro e perdeu a [consciência].

Na manhã seguinte, Ryūkichi teve uma febre absurda. O policial que o acompanhava colocava compressas em sua testa. Ryūkichi delirava. Passado um dia, estava melhor.

Um desabrigado lhe disse.

– Você falava enquanto delirava.

Ryūkichi se assustou e o interrompeu. “– Como? Como?”. Ele tentava se lembrar do que teria dito para o policial. Ele sabia, por meio dos livros que, no exterior, durante a investigação, faziam coisas absurdas como injetar um produto para fazer as pessoas falarem.

– Ei, você repetia “eu não vou [morrer, eu não vou morrer]” várias e várias vezes enquanto delirava.

Ryūkichi estava tenso quando ouviu isso. Solto um suspiro de alívio. De repente, voltou ao normal e começou a rir alto, mas, em seguida gritou “Ai! Ai!....”.

No *enbujō*, era a vez de Saitō ser levado. Ele sabia que basicamente seria [torturado]. Então [assustou]-se, ficou de pé e começou a se esquivar dos policiais que queriam levá-lo. Gritava, corria, se agitava. Os policiais parados feito poste, não esperavam esse tipo de reação por parte dele. Todos sentiram o clima estranho que ficou. Ele ficou louco. Quando essa possibilidade surgiu, todos ficaram apreensivos. Ninguém reagiu.

– É mentira. Peguem! – disse o funcionário da justiça com uma voz estridente, enquanto segurava o lápis de ponta cabeça e o esfregava ruidosamente no relatório de depoimento. Os policiais cercaram Saitō como soldados desajeitados a perseguir um cavalo desenfreado. [Socaram-no. Alguém bateu o rosto dele com a espada de bambu. Semelhante ao jorrar fogos de artifício, o sangue jorrou do seu nariz. Enquanto olhavam, o quimono dele tingiu-se de vermelho. Ele gritava (em algum lugar de forma fingida) e pulava. Seu rosto ficou vermelho como sangue.

– Não, não pode! – disse o funcionário da justiça

–Parem, parem. Ele fica para depois! – emendou ele.

Então para não restar evidência, o funcionário recolheu o quimono].

Por dez dias, Saitō não foi chamado para o interrogatório. Passou três dias no *enbujō* e foi transferido para solitária. Mas, depois da [tortura], ele demonstrava alegria. Mas não era normal. Tinha algo artificial. Mesmo puxando conversa, ele sempre saía e, quando sozinho, ficava resmungado.

Muitos trabalhadores, um após o outro, foram trazidos direto do local de trabalho para a delegacia. Por dez, vinte dias, a grande investigação prosseguiu de modo contínuo, sem um dia de descanso. Não houve exceção, mesmo com os policiais que estavam de folga, que ganhavam cinquenta centavos pelo dia trabalhado. Eram convocados para trabalhar de manhã até a meia noite, até seus corpos ficarem moídos. A fadiga era tanta que, quando colocados para permanecer em vigilância junto aos presos, inevitavelmente acabavam cochilando. Sem querer, contavam o cotidiano difícil que os policiais viviam para as pessoas que eles tinham prendido. Entre eles também havia uma [tortura]. Ficou claro que havia um movimento

interno entre eles e que tinham informações que os policiais desconheciam. Mas, de fato, algumas coisas eram semelhantes. Eles tiveram os olhos vedados por várias formas. Ludibriados por hipnose. O que deveriam ter feito? Quem e como deveria ser retirada a venda de seus olhos para despertá-los dessa hipnose? Talvez eles não fossem nossos inimigos, pensou Ryūkichi e os outros.

Por fim, os presos para averiguação passaram a sentir pena dos [policiais] domesticados e que eram usados a torto e a direito. Nem uma empresa pequena os explorariam desta forma.

– Não quero saber mais. Quero é que decidam logo – disse um policial de cabelo ralo e tingido para Ryūkichi.

– Não é brincadeira passar vinte dias, vinte dias, sem ver a cara do meu filho!

– Realmente, é terrível.

– Os policiais de folga, eram explorados por cinquenta centavos! Isso só pagava o almoço e a janta! Só querem que a gente trabalhe. A verdade é que falta até para inteirar o almoço. Tão fazendo a gente de bobo.

– Ei, Mitobe-san. (Ryūkichi já sabia até os nomes.) Não sei como dizer isso direito, mas o nosso trabalho começou por aí também.

De repente o policial Mitobe falou baixinho.

[– Isso mesmo, a gente sabe a causa da luta de vocês, mas...

Ryūkichi não conteve o riso.

– Não precisa desse “mas”.

– Pois é... – e o policial permaneceu um momento pensativo, parado.

– .. é uma vida difícil, muito mais do que se vê. Você lecionava, sabe a realidade. Tenho que falar baixo. (Ryūkichi demonstrou um sorriso amargo) Ontem, eu já não estava aguentando. Estava de vigia, mas acabei dormindo pesado. Tava tão bom, até que despertei com ordem para executar nova prisão. Foi decepcionante. Contrariado, fomos em quatro. Mas aí, no caminho surgiu uma conversa de fazermos greve.

– O quê!? Greve da polícia? – diante da expressão séria do policial, Ryūkichi teve de conter a risada.

– Se for greve, temos bastante gente para orientar. A ação policial de agora é nacional. A insatisfação é geral. Não tenho dúvida da adesão geral. E tá assim.

Ryūkichi ficou fascinado com a história.

–Uma hora dessas eu mesmo vou dar uma surra no delegado. Amarrar as mãos e pés dele, deixá-lo bem esticado e colocar ele para dormir. Nem que seja uma vez. Tão dizendo que o desgraçado recebeu dinheiro de um latifundiário e de alguns ricos da região que incentivam essa ação...

Ryūkichi ficou de orelha em pé!

–A coisa tá feia. O pessoal não está gostando, foi o papo na guarita.

–E aí?

–Pois é...

–...

–Nem comenta, mas os policiais são iguais. Mas, por ser policial de carreira, a questão não é simples.]

O fascínio de Ryūkichi já era evidente. Era um assunto impressionante, pensou. Ele via o policial Mitobe com outros olhos. Passou a sentir simpatia pelo policial gordo e forte, pouco corcunda sentado sobre o caixote de laranjas. Teve vontade de dizer uma palavra de ânimo e apertar sua mão. Dar um tapa no ombro, cujas divisas estavam sujas por pó, talvez, caspa sobre o uniforme velho e gasto.

九

Kyū – Capítulo Nove

Dois, três dias antes de Ryūkichi ser levado do *enbujō*, por volta das 22h, Kishita, um conhecido do sindicato, entrou na cela junto com um policial. Os dois começaram a recolher seus pertences que estavam no local. Ryūkichi despertou.

– Hein! – disse Ryūkichi com a voz baixa.

Kishita olhou para Ryūkichi e balançou levemente a cabeça.

– Vão me levar para Sapporo⁷⁴ – disse baixinho.

Ryūkichi sentiu como se uma mão apertasse seu coração. Ser levado para Sapporo, não era um bom presságio.

Quando Kishita se virou para partir, Ryūkichi notou que o cabelo comprido dele foi raspado, máquina zero.

– Seu cabelo?

A expressão de Kishita não era boa.

– Pois é, rasparam.

Ao juntarem tudo, o policial o apressou. Na hora de sair, disse algo ao policial, então, este foi até Ryūkichi e, com expressão cansada, disse:

– Ele pediu para perguntar se poderia arranjar algum cigarro, se tiver.

É mesmo! No sindicato, Kishita sempre pedia cigarros do pessoal. Ryūkichi ficou contente em poder arranjar cigarro para Kishita que seria transferido para Sapporo. Como alguém apressado correu até seu quimono para vasculhar os bolsos, pegou correndo uma pequena caixa que, para sua surpresa, tinha apenas um maço. Estava leve. Não era bom sinal. Dentro tinham apenas três cigarros. Semelhante a uma criança arrependida por ter feito coisa errada, lamentando, disse:

– Só tenho três.

– Oba! É muito! Obrigado! – respondeu Kishita, contente feito criança.

– Um tá bom!

Subitamente, o policial que estava ao lado tomou os outros dois. Os dois ficaram sem reação.

– Se tá sobrando, já era!

Como “Já era!?”

Ryūkichi começou a tremer de nervoso. Surgiu uma avalanche de sentimento.

– Por favor, são apenas três para ele, esses cigarros...

⁷⁴ Capital da província peninsular de Hokkaido que fica no extremo norte do Japão, centro administrativo e econômico.

Não conseguiu terminar.

– Quem disse que três eram muito?

Kishita ficou com a expressão dura como uma rocha, calado. Sua mão, com apenas um cigarro, tremia. Após os dois saírem, Ryūkichi pensou nos sentimentos de Kishita. Extremamente abatido com a situação, rasgou em pedaços o maço vazio.

– Merda, merda, merda! Merda! Merda! Merda!!

Passaram-se três dias, que se tornaram quatro, que se tornaram dez. Não era algo simples para se contar assim, mas foi longo. Algo para pensar que fora eterno.

Wata, Kudō e Suzumoto já eram meio acostumados ao tédio desse tipo de lugar. Mas, para Ryūkichi e Sata, que não estavam acostumados com isso, os nervos ainda reagiam de maneira áspera e árdua. Para Sata, isso era uma desgraça.

A cela de Sata não era muito longe à de Wata. À noite, Sata já não tinha posição para se encostar, não tinha mais conversa. Estava envenenado com sua irritação. Ficou meio abobado e, estando algumas celas distante da sua, escutou alguém falar baixinho.

“De noite e de dia...

A cela é escura.

O capeta sempre

Espreita pela janela.”

Era Wata cantando. O policial da vigília parecia não fazer a ronda no corredor.

“Enquanto ele espreita

A liberdade foi tomada

E a [corrente] não se desfaz.”

A última parte, a [corrente] não se desfaz, era com a voz bem grave que Wata costumava fazer ao cantar. Só este trecho era o que ele mais repetia. O sentimento de Sata era o mesmo de Wata.

Sata ficava na expectativa de ouvir Wata cantar. Era sempre no fim da tarde. Sata diria de modo desprezível que isso era “arte popular”. Mas mudou. Não foi só com a música, mas também com o barulho do caminhar que, sobre a neve, fazia um som típico. Percebeu uma

gradação nos barulhos. Passou a notar até uma estranha nuance musical em cochicho alheio. Escutava por uma, duas horas o barulho da neve cair no telhado. Essas ilusões entraram em sua mente e o socorreram do tédio. Ele não precisava de nada. Queria apenas o som. Como prova de que sua mente possuía resquícios de um “ser vivo”, movia-se apenas pelo som. O jovem delinquente que contava histórias de sua garota, a vida miserável do sem teto, chamavam sua atenção. Mas, dois três dias depois, não suportava mais.

Um ponto frequentado de Otaru era a loja de propaganda. Quando ela recebia pedido do comércio local, colocavam alguém fantasiado de forma caricata como propaganda no semáforo. Com *taiko* (tambor) e flauta. Isso era perto do prédio anexo usado como cadeia. Era possível ouvir o barulho estridente e agudo do choque entre madeiras no ar frio, usado para fazer comicidade.

Swa!!

Era isso literalmente, swa!! O prédio anexo usado como cadeia era um improvisado de cômodos quadrados. No local em que se encontrava fizeram uma pirâmide humana para chegarem até uma pequena janela quadrada que ficava no alto. Quem chegava depois subia nos ombros do outro para alcançar até lá e assim sucessivamente. – Não era apenas Sata quem buscava pelo som.

Ele, muitas vezes, teve sonhos à noite com sua mãe. Principalmente, no dia em que ela o visitou. Virava para um lado e sonhava com ela. Por vários dias sonhou com ela.

– Você emagreceu. Não está com uma cara boa.

Só de ver seu rosto, sua mãe ofegava.

– Peço todos os dias a Buda para que você saia logo – disse tirando um lenço embolado e sujo para enxugar o rosto. O Buda de sua mãe era o falecido pai. Sua mãe gostava das coisas impecáveis, por isso, ver o lenço naquele estado, deixou-o muito abatido. Mas, sua mãe, como sempre, começou a falar assuntos sem fundamento. Ele olhava para fora. Enquanto isso, sua mãe esticou a mão para arrumar sua gola. Nessa hora, pôde sentir nitidamente o cheiro dela.

Ao retornar para cela, abriu o pacote de sua mãe. Entre tantos itens misturados, saiu um pequeno frasco lilás de colírio. Sata tinha o hábito de pingar colírio a qualquer hora em sua casa.

– Tinha que ser a mãe. Era sua mãe na visita? – disse o jovem delinquente ao seu lado que o via trocar de roupa. Então continuou.

– Eu também tenho mãe!

Quatro ou cinco dias após a visita, Sata foi solto.

Ele saiu com uma sensação estranha de si. Mas, de fato, ele estava do lado de fora. Viu a neve brilhante, por isso, não tinha dúvidas de que estava fora. Sentiu tontura quando saiu. Enfim, estava do lado de fora! Há a casa de __. Loja de __. Ponte __. Lembrava-se vagamente de tudo aquilo. O céu, o poste, o cão! Existe até um cão de verdade! Crianças, pessoas, caminham “livremente”! Acima de tudo, livres!

Finalmente, voltava para o mundo de cá!

Ele puxava conversa com as pessoas que passavam, homem, mulher, até mesmo criança. Sentia algo o impulsionar para rir e correr. Não era qualquer exagero de sua parte. Ele não conseguia controlar a felicidade que surgia de seu peito.

– Finalmente, finalmente saí!

Quando menos esperava, chorou. À medida que chorava, suas lágrimas acompanhavam o ritmo de suas palpitações. Ele não ligava para as pessoas que o olhavam enquanto caminhava. Falava em voz clara, fungava. Não pensava em nada. Ninguém mais, além de si próprio, nada! Não tinha margem para isso.

– Finalmente saí! Finalmente!

A soltura de Sata foi comentada entre cada uma das pessoas de cada uma das celas.

Wata não notou surgir nenhum sentimento. Não tinha necessidade de ter sido jogado na cela, por isso pensou que sua liberdade foi uma boa notícia. Ele não conhecia Sata muito bem. Mesmo fazendo parte do movimento, um assalariado – intelectual – não tinha motivo para se cruzar com Wata. Não que tivesse algo a questionar, mas digamos que era indiferente.

Mas Kudō pensava de modo semelhante a Ryūkichi sobre a entrada dos intelectuais no movimento. Pensavam que os intelectuais poderiam agregar conhecimento, para compensar a sua própria carência de experiência. Claro que para eles, mesmo Sata tinha várias lacunas a preencher, mas por outro lado havia papéis que só ele poderia desempenhar. Principalmente para Kudō, neste aspecto, havia muita coisa a fazer e uma, em especial, ele estava começando a pensar.

X X X

A investigação foi conduzida de modo intenso pelas [autoridades]. Este livro não seria o bastante (talvez mais de um fosse necessário) para descrever os episódios de atrocidades que avançaram sem freio. E o caso foi encaminhado para ser examinado pelo tribunal de Sapporo.

Antes de serem conduzidos a Sapporo, cada um dos encarregados pela investigação e a polícia do serviço secreto, pagaram do próprio bolso (?) sushi e *donburi* para todos. Eu também comi junto e, como se de repente, passei a sentir uma simpatia por eles.

– E... – logo após a conversa (logo após!?) disseram.

– Então, basta dizer o que foi dito na investigação aqui. Se ficar diferente, vão questionar a seriedade de vocês. Vocês ficam em desvantagem...

Repetiam esse assunto de forma despretensiosa nas conversas do cotidiano.

– Não tem problema bancar isso tudo?

Wata, Kudō e Suzumoto estavam tranquilos quanto ao significado disto.

– Entendi, entendi. Não vou dizer nada. É isso – respondiam meio que na brincadeira e, por várias vezes, acenando positivamente com a cabeça.

No início, Saitō e Ishida aceitaram o convite para almoçar, demonstrando uma certa desconfiança. De fato, era um convite inusitado. Eles, porém, não sabiam que isto tinha uma “mão” da polícia secreta e dos encarregados da justiça. Eles acreditavam que a análise preliminar do depoimento que escreveram à investigação tivesse se voltado contra eles, fato que os colocaria em perigo. Achavam que estava relacionado ao avanço do caso. Wata tinha a perfeita noção do caso, por isso, utilizou isso a seu favor no caminho para Sapporo. Fez o policial do serviço secreto especial, que o escoltava, comprar *bentō*⁷⁵ e *manjū*⁷⁶ para ele nas paradas da estrada. Até que o próprio policial disse.

⁷⁵ Marmita. No Japão, a marmita comprada na rua é uma atração culinária da viagem, porque costuma ser prato típico do local. Cada província utiliza este hábito para promover seu alimento como atração gastronômica.

⁷⁶ Doce popular do Japão à base de trigo sarraceno cozido no vapor.

–‘Coitado de mim, não explora muito não.

Até [20] de abril, todos os detidos pela polícia de [Otaru], foram escoltados para Sapporo. De repente, a delegacia ficou vazia. Apenas os rabiscos chamavam a atenção na cela vazia. Parecia que foi escrito em comum acordo com todos da cela, pois na parede havia o seguinte texto.

[Jamais esqueça 15 de março de 1928!

Viva o partido comunista!

Tenha em mente 15 de março de 1928!

Viva o partido comunista japonês]!

15 de março de 1928!

[Mate] o Primeiro-Ministro Tanaka⁷⁷

[Viva o partido comunista!

Viva o partido dos Trabalhadores Rurais!]

Trabalhadores unam-se!

Lembre-se de 15 de março de 1928!

[Jamais esqueça 15 de março de 1928]

[Construam uma Nação] para os Trabalhadores e Agricultores!

[Viva Japão Comunista]!

(17 de agosto de 1928)

⁷⁷ Guiichi Tanaka